



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

VII Legislatura

Número: 98

IV Sessão Legislativa

Horta, Quinta-feira, 12 de Fevereiro de 2004

**Presidente:** *Deputado Fernando Menezes (Substituído no decorrer da Sessão pelo Vice-Presidente Deputado Bento Barcelos)*

**Secretários:** *Deputados António Loura e Raúl Rego*

### Sumário

*(Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 20 minutos)*

A sessão iniciou-se com a leitura do expediente e anúncios.

Posteriormente, e para tratamento de assuntos de interesse político relevante, usaram da palavra, a diverso título, os Srs. Deputados José Rego (*PS*), Luís Medeiros (*PSD*), Fernando Lopes (*PS*), Alvarino Pinheiro (*PP*), Luís Paulo Alves (*PS*), Aires Reis (*PSD*), Mark Marques (*PSD*), Manuel Silveira (*PS*), José Decq Mota (*PCP*), Renato Leal (*PS*), bem como os Srs. Secretários Regionais da Agricultura e Pescas (*Vasco Cordeiro*) e do Ambiente (*Helder Silva*).

No **Período da Agenda da Reunião** foram debatidas e votadas as seguintes iniciativas legislativas:

***1ª - Proposta de Decreto Legislativo Regional – “Regime dos percursos pedestres recomendados na RAA”.***

Apresentado o diploma pelo Sr. Secretário Regional da Economia (*Duarte Ponte*), usaram da palavra os Srs. Deputados Manuel Campos (*PS*), Manuel Arruda (*PSD*) e José Decq Mota (*PCP*).

Submetida à votação, a proposta foi aprovada por unanimidade.

***2ª - Proposta de Resolução – “Estatuto e Quadro do Pessoal dos Serviços do Provedor da Criança Acolhida”.***

A proposta foi aprovada por unanimidade, não sem antes ter proferido intervenções os Srs. Deputados Nélia Amaral (*PS*), Paulo Valadão (*PCP*) e Bento Barcelos (*PSD*).

**3ª- Proposta de Decreto Legislativo Regional – Bases de regime de protecção e valorização do património cultural da Zona Classificada de Angra do Heroísmo.**

Apresentada a proposta pelo Sr. Secretário Regional da Educação e Cultura (*Álamo Meneses*), proferiram intervenções os Srs. Deputados Paulo Valadão (*PCP*), Bento Barcelos (*PSD*), Francisco Barros (*PS*) e Francisco Sousa (*PS*).

Submetida à votação a proposta foi aprovada por maioria na generalidade e em votação final global, e por unanimidade na especialidade com excepção dos artigos 25º-A, 32º e 34º.

Para declarações de voto usaram da palavra os Srs. Deputados Bento Barcelos (*PSD*), José Decq Mota (*PCP*) e Francisco Barros (*PS*).

***4ª - Proposta de Decreto Legislativo Regional – “Reclassifica a Reserva Natural Regional do Ilhéu de Vila Franca do Campo”.***

Apresentado um requerimento de baixa à Comissão, a proposta baixou à respectiva Comissão.

**5ª - Pedido de Urgência e Dispensa de Exame em Comissão da Proposta de Resolução que “Resolve encarregar o Governo Regional dos Açores que diligencie junto do PS com vista à retirada imediata dos cartazes espalhados pela Região que sejam alusivos à quadra do Natal”, apresentada pelo Grupo Parlamentar do Partido Popular.**

Após a apresentação, foi apresentado na Mesa um requerimento que retira a proposta.

**6ª- Pedido de Urgência e Dispensa de Exame em Comissão da Proposta de Resolução que “Recomenda ao Governo Regional um conjunto de medidas a serem implementadas relativamente à via rápida Angra/Praia”,** apresentado pelo Grupo Parlamentar do CDS/PP.

A sua apresentação coube ao Sr. Deputado Alvarino Pinheiro (*PP*), usando posteriormente da palavra os Srs. Deputados José Decq Mota (*PCP*), Andreia Cardoso (*PS*), Clélio Meneses (*PSD*).

Submetido à votação, o pedido de urgência foi rejeitado.

**7ª - Proposta de Resolução – “Protocolo de colaboração celebrado entre a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e a Assembleia Legislativa Regional dos Açores,** subscrita por todos os grupos parlamentares.

Submetida à votação, a proposta foi aprovada por unanimidade.

**8ª- Pedido de Autorização à Assembleia para o Sr. Deputado Regional José Manuel Bolieiro Dias prestar depoimento, na qualidade de testemunha.**

*Submetido à votação, o relatório foi aprovado por unanimidade.*

**9ª - Proposta de Resolução que declara findo o período legislativo de Fevereiro.**

*A proposta foi aprovada por unanimidade.*

(Os trabalhos terminaram às 18 horas e 20 minutos)

**Presidente:** *Srs. Deputados, bom dia.*

*Vamos dar início aos nossos trabalhos com chamada dos Srs. Deputados.*

(Eram 10 horas e 20 minutos)

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

***Partido Socialista (PS)***

**Andreia** Martins **Cardoso** da Costa

**António** das Neves Lopes **Gomes**

**António** José Tavares de **Loura**

**Dionísio** Mendes de **Sousa**

**Fernando** Manuel Machado **Menezes**

**Francisco** Cardoso Pereira **Oliveira**

**Francisco** Couto de **Sousa**

**Francisco** Sérgio Frade Frota Tavares **Barros**

**Gilberta** Margarida de Medeiros Pavão Nuno **Rocha**

José António **Cabral Vieira**

**José** Carlos Gomes **San-Bento** de Sousa

**José** de Sousa **Rego**

**José Humberto** Medeiros **Chaves**

**José** do **Nascimento** de **Ávila**

**Luís Paulo** de Serpa **Alves**

**Manuel Avelar** da Cunha Santos

**Manuel** Fernando Soares de Oliveira **Campos**

**Manuel** Soares da **Silveira**

Maria da **Natividade Luz**

**Nélia** Maria Pacheco **Amaral**

**Nuno** Alexandre da Costa Cabral **Amaral**

**Óscar** Manuel Valentim da **Rocha**

**Osório** Meneses da **Silva**

**Paulo** Manuel Ávila **Messias**

**Renato** Luís Pereira **Leal**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Aires** António Fagundes **Reis**

António **Bento** Fraga **Barcelos**

**Cláudio** José Gomes **Lopes**

**Duarte** Nuno D'Ávila Martins de **Freitas**

**João** Manuel Bettencourt **Cunha**

Jorge Alberto da **Costa Pereira**

José **Joaquim** Ferreira **Machado**

**José Manuel** Cabral **Bolieiro** Dias

**José Manuel** Avelar **Nunes**

**Luís** Henrique de Aguiar Sequeira de **Medeiros**

**Manuel** Ribeiro **Arruda**

**Mark** Silveira **Marques**

**Raúl** Aguiar **Rego**

**Sérgio** Manuel Bettencourt **Ferreira**

***Partido Popular (PP)***

**Paulo** Domingos Alves de **Gusmão**

***Partido Comunista Português (PCP)***

**José** Eduardo Bicudo **Decq Mota**

**Paulo** António de Freitas **Valadão**

***Presidente:** Estão presentes 42 Srs. Deputados.*

*Declaro aberta a Sessão. Pode entrar o público.*

*Vamos passar à leitura da correspondência.*

***Secretário** (António Loura): Da Assembleia Legislativa Regional, Proposta de Resolução – Protocolo de colaboração entre a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e a Assembleia Legislativa Regional dos Açores.*

***Secretário** (Raúl Rego): Do Ministro da República, para audição dos órgãos de Governo próprio, envio do Projecto de Decreto-Lei que altera o Decreto-lei n° 212/2003, de 17 de Setembro, que “transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva 99/72/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Julho de 1999,*

*que estabelece medidas de protecção contra zoonoses e certos agentes zoonóticos em animais e produtos de origem animal a fim de evitar focos de infecção e de intoxicação de origem alimentar”.*

*Baixou à Comissão de Economia.*

**Secretário** (António Loura): *Do Gabinete do Ministro da República, para audição dos órgãos de governo próprio, parecer sobre o Projecto de Decreto-Lei que altera o Decreto-Lei n.º 221/97, de 20 de Agosto, que cria o Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável”.*

*Baixou à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.*

**Presidente:** *Apresentada a correspondência, vamos passar ao período de tratamento de assuntos de interesse político relevante.*

Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

**Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

No passado mês de Dezembro foi inaugurado e aberto à circulação rodoviária o segundo troço da envolvente à cidade da Ribeira Grande, obra ansiada há décadas pelos ribeiragrandenses, muitas vezes prometida e não cumprida.

"Uma pequena grande obra", no dizer de um técnico das obras públicas, que representa um importante ganho nas acessibilidades na costa norte da Ilha de S. Miguel, permitindo retirar, do centro da cidade da Ribeira Grande o tráfego pesado e outro movimento de viaturas que opte por seguir directamente para outros destinos, diminuindo assim, uma parte significativa do tráfego que atravessa aquela cidade.

A cidade da Ribeira Grande e os seus moradores ganham assim mais segurança e qualidade de vida. A segurança dos peões aumenta na proporção da diminuição do seu trânsito e as vibrações nos edifícios diminuirão de intensidade, em especial no seu centro histórico. Ao mesmo tempo proporciona-se a possibilidade de um ordenamento mais racional do seu trânsito local e dos seus espaços.

Com esta obra, fica, também, mais facilitado, no tempo, na distância e no conforto, o percurso rodoviário dos que se deslocam para os concelhos da Povoação e do Nordeste e que ansiavam por esta obra como qualquer ribeiragrandense.

A construção do segundo troço, numa extensão de 2,3 Km, representou um investimento público do Governo Regional que ascendeu a um valor superior a 4,6 milhões de euros. Esta obra desenvolveu-se ao longo de 22 meses.

A empreitada integrou uma obra de arte especial, a Ponte da Mãe d'Água, numa extensão total de 115 metros e com um tabuleiro de 99 metros, sendo a maior ponte construída até hoje na Região Autónoma dos Açores. Procedeu-se ao tratamento paisagístico, à vedação da estrada com recurso a muros de pedra seca, e cuidou-se, em todos os aspectos, dos equipamentos e sinalizações de segurança e informação.

Relativamente às sinalizações de informação importa lembrar aqui o Governo Regional, que tal como a Câmara Municipal, continua-se a pensar a cidade da Ribeira Grande como sendo constituída pelas suas duas freguesias centrais, Conceição e Matriz, esquecendo-se que as freguesias da Ribeirinha, da Ribeira Seca e de Santa Bárbara também fazem parte da cidade da Ribeira Grande, pelo que importa fazer algumas alterações nas placas informativas, indicando-se que se está na cidade da Ribeira Grande e quando muito se caminha para o seu centro histórico.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Dentro de pouco tempo, e no âmbito do projecto das SCUT, será construída a III fase da Envolvente da Ribeira Grande, desde a Fábrica do Linho até ao Cruzamento dos Barreiros.

Em relação a esta III fase da Envolvente da Ribeira Grande, obra importante na melhoria das acessibilidades ao Nordeste e à Povoação, julgo que é altura de mudar esta denominação, por não ser a mais correcta, a envolvente à cidade da Ribeira Grande está terminada. Entra-se sim na "Ligação da Envolvente da Cidade da Ribeira Grande aos Barreiros".

No projecto das SCUT, inclui-se outro grande empreendimento: a construção da via rápida Ribeira Grande/Lagoa, numa extensão de 7 Kms, com iluminação e quatro faixas de rodagem, espinha dorsal do eixo rodoviário entre a costa norte e a costa sul da ilha.

Com estes investimentos, todos eles assegurados, a cidade da Ribeira Grande alcançará uma centralidade significativa na ilha de S. Miguel, da qual não deixará de resultar, com certeza, pela excelência das suas acessibilidades, potencialidades de atracção e desenvolvimento que os ribeiragrandenses não deixarão de aproveitar.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A abertura a sul desta envolvente sempre foi uma preocupação para os comerciantes da Ribeira Grande, dado considerarem que com esta poderão ver os seus lucros diminuírem. O desenvolvimento de uma cidade não passa pela passagem de um número de viaturas que mais não fazem do que entupir as suas vias e afugentar aqueles que, com tranquilidade, querem fazer as suas compras e desfrutar da cidade e dos seus espaços.

Os comerciantes da Ribeira Grande souberam dar resposta à modernização dos seus estabelecimentos através dos Programas PROCOM e URBCOM. Contaram com o apoio inicial da sua Câmara Municipal na implementação destes programas. Foi pena que o Município não tenha cumprido a sua parte, pois não realizou qualquer obra no âmbito destes programas, desperdiçando verbas que poderiam ter contribuído para a melhoria das vias em que estão inseridos os principais estabelecimentos comerciais.

Os comerciantes estão a caminhar na sua organização através da nova Câmara do Comércio e Indústria da Ribeira Grande e saberão usufruir das condições criadas com as novas vias de acesso à sua cidade entretanto construídas e as que no futuro próximo abrirão, e que alterarão a malha rodoviária e urbana da cidade, refiro-me ao novo arruamento entre o novo Quartel dos Bombeiros e a envolvente, que já devia estar aberto desde a abertura do 1º trecho e que ainda não passou do projecto e o novo acesso do 2º trecho da envolvente, à freguesia da Matriz pelo caminho da Tondela.

Estas duas novas vias, portas de entrada e saída da cidade, por excelência, de competência camarária e com um novo regulamento de trânsito, muito poderão contribuir para termos, uma melhor cidade não só para os que lá vivem como também para os que a visitem.



Relativamente à indústria sector com bastante significado nesta cidade, quer ao nível dos lacticínios quer ao nível da construção civil, com a envolvente à cidade irão também beneficiar com esta melhoria rodoviária com significado sem precedentes para as suas actividades.

A envolvente à Ribeira Grande é também um contributo para o desenvolvimento do Parque Industrial da Ribeira Grande.

O Parque Industrial da Ribeira Grande, obra que foi lançada com o objectivo de ser o parque da Ilha de S. Miguel, esteve moribundo anos, com gestores pagos a bom preço, um dos seus grandes inconvenientes foi sempre as suas acessibilidades. O seu acesso era feito através das ruas estreitas da freguesia da Ribeira Seca e por um caminho vicinal, levando a que muitas indústrias após a criação deste parque da ilha de S. Miguel, continuassem a optar pela estrada da Ribeira Grande, congestionando a principal via de acesso às duas cidades da ilha, dando cabo de todo o planeamento do Governo de então, ao nível da instalação das indústrias.

Importa neste momento fazer a história desta envolvente.

No tempo em que o PSD era poder nesta Região, quantas vezes foi afirmado que a obra já andava, que o seu concurso já havia sido adjudicado.

Senão vejamos:

No PMP 1989/1992 estava prevista a realização da 1ª Fase da envolvente à cidade da Ribeira Grande.

Em 1989, no seu relatório de execução do Plano, o Governo afirmava:

- Variante à Ribeira Grande – Em curso.

Em 1990 no Plano prevê-se gastar 60.000 contos.

Em 1991 prevê gastar 89.000 contos.

O Plano de 1992 esqueceu-se da obra.

No Plano a Médio Prazo 1993-96 previa-se 335.000 contos.

Em 1994 estão previstos novamente 120.000 contos.

Em 1995 torna-se a esquecer da obra!

Neste ano, aparece sim, a lembrar no seu parecer ao Plano, a Câmara do Nordeste, solicitando a variante à cidade da Ribeira Grande como forma de melhorar as acessibilidades ao Nordeste, que havia sido esquecida.

Em 1996, passados oito anos o PSD continua a prometer aos ribeiragrandenses, e assim o Plano daquele ano previa 200.000 contos. Aparece novamente o Presidente do Nordeste a congratular-se com a introdução no Plano das obras de construção da variante à cidade da Ribeira Grande.

Com a chegada do PS ao Governo em Outubro de 1996, esta obra foi planeada para ser executada em duas fases:

Plano a Médio Prazo 1997–2000 trecho 1 com um orçamento de 585 mil contos para os quatro anos desenvolvendo-se 1998 e 1999 a maior parte da obra.

Trecho 2 – uma previsão orçamental de 15.000 contos para 2000.

Plano a Médio Prazo 2001 – 2004:

Trecho 1 – fecho financeiro da obra 339 038 euros

Trecho 2 – investimento previsto 3.616.285 euros, com maior desenvolvimento nos anos de 2002 e 2003.

Em qualquer dos Planos desenvolvidos pelo Partido Socialista, foi cumprido o que foi planeado, por outras palavras as promessas foram cumpridas neste sector sem qualquer comparação com o passado.

Com esta nova via o Governo deu assim, mais um passo em frente, no caminho do desenvolvimento e da qualidade de vida dos açorianos, em especial neste caso dos ribeiragrandenses que no próximo futuro saberão dar resposta àqueles que se ficam apenas pelas promessas.

Com esta política o Governo do Partido Socialista continua a Mudar os Açores para Melhor.

Com este Governo continuamos a fazer obra, importa que não se pare e não se volte para trás.

Disse.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Luís Medeiros.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo Regional:

Volto hoje a temas recorrentes mas nem por isso menos actuais, que continuam a constituir preocupação e a serem merecedores da nossa atenção.

Quem estiver atento ao sector agrícola regional, designadamente na ilha de São Miguel, facilmente se apercebe do desânimo instalado no seio de um grande número de produtores de leite, traduzido por um número significativo de vendas de pequenas explorações e pela vontade expressa por muitos de abandonar a actividade.

A quebra acentuada dos rendimentos das explorações agrícolas nos últimos anos, mais sentida pelas explorações de pequena e média dimensão, as dificuldades que se desenham para o futuro próximo, onde sobressaem anunciadas baixas no preço do leite à produção e subidas de diversos factores de produção, a situação de crise crónica e sem solução à vista no sector da carne, a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de redimensionamento de muitas explorações que precisavam crescer para manter a sua rendibilidade, são as principais causas do desânimo que se manifesta.

Há uma consciência generalizada da diminuição dos rendimentos dos produtores.

E se em muitos casos a diminuição dos rendimentos das explorações resulta da evolução e do comportamento dos mercados, naturalmente fora do nosso controlo, noutros resulta exclusivamente das decisões de quem nos governa.

Vejamos um exemplo paradigmático: - em 2002, o Governo Regional decidiu suspender a ajuda que vinha concedendo ao transporte marítimo de adubos do Continente para os Açores.

Invocando, entre outras, razões ambientais, pôs fim a uma ajuda que constituía um contributo eficaz para atenuar os sobrecustos do afastamento da Região e que criava condições de igualdade, relativamente ao continente e entre todas as ilhas do arquipélago, no acesso a um factor de produção tão importante para a pecuária como são os adubos.

O Governo decidiu por iniciativa própria e não, tanto quanto se sabe, por qualquer tipo de pressão.

Mais tarde, com a publicação da Portaria 7/2003, de 20 de Fevereiro, o Governo tentou corrigir os efeitos nefastos de uma tal medida, mas a ajuda atribuída por este diploma ficou muito aquém daquilo que se tinha e daquilo que se esperava.

*Analise os factos um pouco mais detalhadamente:*

- *A adubação média normalmente praticada em pastagens de boa qualidade na ilha de São Miguel comporta a utilização por ano e por alqueire de quatro sacos de adubo, o que corresponde, grosso modo, a vinte e oito sacos de adubo por hectare;*

- *A suspensão da ajuda ao transporte de adubos veio onerar cada saco de adubo, na ilha de São Miguel, em 2,0 € em média, valor que foi obviamente repercutido no preço de venda ao público. Ou seja, a adubação média por hectare de pastagem nesta ilha passou a custar ao agricultor mais 56 €, (o que equivale a 11.227\$00).*

- *Por outro lado, o novo sistema de ajudas, instituído pela referida Portaria 7/2003, prevê para pastagens permanentes, nas ilhas de São Miguel e Terceira, em explorações de média dimensão – 15 a 50 ha, com encabeçamentos de 0,6 a 2,0 CN – uma ajuda de 10,4 € por hectare.*

*Desconhecemos o número de produtores que se candidataram a este novo sistema de ajudas, mas tudo leva a crer que tenha sido diminuto – de facto as muitas exigências burocráticas, em deslocações e em tempo são demasiadas para um tão pequeno montante. Porém, mesmo admitindo que todas os produtores tivessem recebido a nova ajuda, o agravamento dos custos da fertilização, por hectare, manter-se-ia ainda em 45,6 € (equivalentes a 9.142\$00).*

*Ou seja, se considerarmos uma produção de leite média por hectare de 9.900 litros (considerando um encabeçamento médio de 1,8 vacas, com produções médias de 5.500 litros por vaca), poderá dizer-se que o aumento do preço dos adubos, que, repito, resultou em exclusivo de uma decisão do Governo Regional, encareceu o custo de produção do leite em \$92 por litro. Ou, dito por outras palavras, o Governo Regional baixou o preço do leite à produção \$92 por litro.*

*E o preço do leite não subiu!*

*No sector da produção intencional de carne o Governo Regional abdicou do complemento ao prémio especial à engorda de bovinos machos que era dado pelo POSEIMA, no montante de 48,3 € (9.660\$00) por animal, e que tinha por objectivo reduzir os sobrecustos da produção regional. Foi, não posso deixar de repeti-lo aqui, um erro político grave deste Governo Regional.*

*Na realidade, tendo em consideração o número médio de bovinos que receberam o prémio nos últimos anos (25.000 animais), avalia-se em 1.205.500 € (correspondentes a aproximadamente 242.000 contos) o montante que deixou de entrar no circuito económico da carne, anualmente. Sabendo-se que grande parte dos novilhos elegíveis para este prémio são criados nas pequenas explorações leiteiras, o desaparecimento deste complemento, consentido pelo Governo Regional, veio acentuar ainda mais os efeitos da quebra dos preços que tem vindo a ocorrer no mercado da carne.*

*Outros factores de produção importantes, paulatinamente, têm subido. É o caso a alimentação concentrada para as vacas leiteiras, que viram também o seu preço agravado. Comparativamente aos preços de Maio de 2000, as rações custam presentemente, em média, mais 1,5 cêntimos por Kg (equivalente a 3\$00/Kg). Aceita-se em São Miguel um consumo médio de concentrado entre 250 e 300g de concentrado por litro de leite. O custo de produção subiu assim cerca de \$75/l.*

*E o preço do leite não subiu!*

*Mais recentemente, alguma indústria de lacticínios em São Miguel, com critérios meramente economicistas, na mira do embaratecimento da recolha, enveredou por uma política de encerramento de postos de recepção de leite. Está no seu pleno direito. Relembremos, contudo, que se trata de postos novos, bem apetrechados, equipados com frio e com boa capacidade de armazenagem, cuja construção obedeceu a projectos fundamentados de racionalização da recolha do leite e foi objecto de avultada comparticipação de capitais públicos regionais e comunitários, transformados agora em desperdício.*

*Passam pois a ser maiores as distâncias a percorrer pelos produtores abrangidos nessas áreas de recolha, com o correspondente encarecimento da entrega do leite, em combustíveis, demoras e desgaste de equipamentos, o que, naturalmente se reflecte negativamente na qualidade do leite e na economia dessas explorações. E aqui, mais uma vez, são as pequenas explorações as mais sacrificadas. O embaratecimento da recolha para a indústria passou a constituir assim mais um ónus para os produtores.*

*E o preço do leite não subiu!*

*Estas considerações que vos faço referem situações que poderão parecer de somenos importância e que, na sua génese, talvez nada tenham a ver umas com as outras. É certo! Contudo, o seu somatório é responsável pela deterioração acentuada da rentabilidade das explorações e o conseqüente empobrecimento da qualidade de vida dos produtores.*

*E se as conseqüências a nível do produtor individual são preocupantes, as que começam a evidenciar-se na economia do sector também não são tranquilizadoras. Para além da já referida tendência para o abandono da actividade, evidenciada por um grande número de pequenos produtores, com natural impacto social negativo no meio rural, a entrega de leite nas fábricas tem vindo a baixar de forma bastante sensível.*

*De acordo com os dados do INGA, relativos ao primeiro semestre da presente campanha, as entregas de leite nos Açores apresentam um decréscimo de 5,89 % relativamente ao período homólogo de 2002/2003. A manter-se esta tendência – e é natural que se mantenha, porque ao primeiro semestre da campanha corresponde o período de maior produção – estima-se uma diminuição das entregas nesta campanha da ordem dos 30.000.000 de litros de leite. Isto significa uma redução de aproximadamente um milhão e quatrocentos mil contos no produto global da venda de leite pela produção açoriana; ou seja, uma diminuição marcada da riqueza gerada pela actividade agrícola dos Açores.*

*A indústria de lacticínios, com maior evidência em São Miguel e na Terceira, tem feito repetidos apelos à produção por mais leite. Não creio que encontrem eco se não houver qualquer sinal de alteração positiva no preço do produto.*

*Neste momento é difícil prever o futuro, porém:*

*- Sabemos, e esta é uma certeza, que o preço do leite à produção em São Miguel se mantém nos níveis actuais de forma artificial. Isto graças a um acordo entre a indústria e o Governo Regional, do qual não se conhecem nem o espírito nem a letra. Quanto, em que condições, por quanto tempo, são perguntas que até ao presente não tiveram resposta.*

*- Sabemos que a reforma da PAC determinou o abaixamento dos preços de sustentação do mercado no sector de leite a partir de 200, bem como o desaparecimento do preço indicativo, que funcionava como valor de referência. O preço de intervenção da manteiga baixará 25% e o do leite em pó 15%.*

*- Sabemos também que a indústria micaelense teve sempre nos preços de intervenção as balizas orientadoras para a fixação do preço à produção. Daqui se conclui que a tendência natural no comportamento do preço do leite à produção não será com certeza para subir.*

*Resta agora saber se o novo pagamento directo no sector do leite, instituído no âmbito da nova PAC, a entrar em vigor já em 2004, e o pagamento complementar, serão suficientes para compensar esta tendência.*

*É do conhecimento público o valor do pagamento directo – 8.15 €/t em 2004, 16.31 €/t em 2005 e 24.49 €/t para 2006 e 2007. Já no que respeita ao pagamento complementar sabe-se apenas que Portugal tem direito a um montante global de 6,85 milhões de euros em 2004, 13,74 milhões em 2005 e 20,62 milhões em 2006 e 2007. Desconhece-se como será calculada a parte do bolo que nos toca e com que critérios será feita a sua repartição.*

*De qualquer modo, o pagamento directo aos produtores e o pagamento complementar são atribuídos não em função do leite comercializado pelas explorações, mas em função da quota existente na exploração em 31 de Março do*

*ano a que diz respeito o que, para muitas explorações que produzem acima da quota, poderá constituir um constrangimento importante. As 73.000 t do auto consumo, ou a franquia das 23.000 t a partir de 2005, não contam para este efeito.*

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo Regional:

*Apesar do anúncio de exagerados milhões investidos, que, em boa verdade, temos muita dificuldade em encontrar, e da permanente propaganda das maravilhas operadas por este governo, o sector leiteiro desta Região Autónoma enfrenta, como vimos, um conjunto de situações difíceis que não auguram um futuro nem próspero nem tranquilo.*

*E elas não são apenas em São Miguel! Veja-se como exemplo o bem recente alerta sobre a necessidade de mais leite no Pico, como única forma de rendibilizar a nova fábrica de lacticínios; veja-se como exemplo as notícias recentemente vindas a público sobre o tão propalado e afinal não concedido aval às cooperativas de São Jorge, pondo em causa, ao que parece, não apenas a sua saúde financeira, mas também as possibilidades de reestruturação e de participação em projectos mais amplos.*

*Vivemos um período de profundas alterações. Outras actividades económicas começam a surgir e a impor-se.*

*No entanto, é indispensável não perder de vista o impacto que a agricultura em geral, e muito particularmente a produção de leite, têm na economia regional; o seu papel como factor de equilíbrio no meio rural, na fixação das populações e na sua qualidade de vida, na preservação da qualidade da paisagem e do ambiente.*

*A política agrícola que este Governo Regional diz prosseguir provou não ser capaz de ultrapassar os constrangimentos que se põem à agricultura dos Açores não foi inovadora nem promoveu a mudança necessária.*

*É urgente saber-se com o que podemos contar; saber-se para onde caminhamos.*

*É tempo de mudar.*

*Disse*



**Deputados José Manuel Bolieiro e Mark Marques (PSD):** Muito bem!

(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD e PP)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Fernando Lopes.

(\*) **Deputado Fernando Lopes (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

As minhas primeira palavras são para o Sr. Deputado Luís Medeiros que acabou de intervir, pelo excelente contributo, em termos de elementos para uma discussão de temas da nossa terra que são sempre importantes e que espero que sejam aqui discutidos com elevação, profundidade e o conhecimento necessário dos assuntos.

Nos termos regimentais vou colocar algumas questões, mas voltarei depois se me derem oportunidade.

A primeira pergunta, é de que tendo feito uma sinopse daquilo que em termos de mercado tem vindo a acontecer no sector de leite e lacticínios, nomeadamente no que ao aumento de custos de produção diz respeito, o Sr. Deputado queda-se por uma atitude de reflexão e de interrogação. Não avança com uma única proposta. Pergunto-lhe se as tem e gostaria de as ouvir.

Segunda pergunta:

O Sr. Deputado diz que se verificou ao nível da União Europeia a redução nos diversos preços de intervenções. Identifica correctamente que está definida uma compensação no domínio dos pagamentos directos e pagamentos complementares.

Eu gostaria de ouvir o seu comentário aqui, já que não ouvi no passado, no que respeita à declaração do Sr. Primeiro-Ministro que o assunto das quotas estava encerrado e bem encerrado, contra a opinião da bancada do PS e do Governo. Nós consideramos que não é assunto encerrado.

Como disse e muito bem, o Sr. Primeiro-Ministro esqueceu-se nessa altura de que as 50 mil toneladas de crescimento efectivo de quota, não contam para o pagamento dessas ajudas, ou seja, o Governo da República não se encarregou de assegurar que estas novas 50 mil toneladas de produção fossem tratadas como a outra quota.

Mais uma vez passámos da quota virtual para a quota sem direitos ou com menos direitos que as outras, mas com grande satisfação e com o encerramento positivo deste dossier, nas palavras do Sr. Primeiro-Ministro e, na altura, de alguns dignos deputados da sua bancada.

Uma questão muito particular que tem a ver com a filosofia de fundo e com as propostas que estou aqui para ouvir da sua parte no que respeita à correcção da actuação do mercado:

O Sr. Deputado diz que a indústria, com critérios economicistas, está a encerrar postos de leite. Está sim senhor e nós sabemos. Quanto aos critérios economicistas a classificação é sua.

Pergunto: que medidas de correcção desta actuação do mercado?

Que eu saiba as empresas funcionam em função das leis de mercado.

Nesta bancada não se defende um regime soviético, nem um regime de subsidiação.

**Presidente:** Sr. Deputado Fernando Lopes, agradecia que terminasse porque ultrapassou o seu tempo.

**O Orador:** Eu termino já, Sr. Presidente.

Pergunto, que medidas propõe para resolver este problema e outros que levantou?

Muito obrigado. Voltarei a intervir, quando tiver oportunidade.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

(\*) **Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Queria congratular e saudar o Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros pela qualidade, conteúdo e profundidade da análise que aqui nos trouxe, como é hábito, sobre a situação da fileira do leite e da agricultura em geral.

Queria saudar o Sr. Deputado Fernando Lopes, porque é com muito agrado que o vemos de novo, desinibido, a falar sobre o sector. É um facto que registamos e estamos certos que vai ser útil para o mesmo sector e para a discussão que aqui se faz à volta dele.

O Sr. Deputado Luís Medeiros referiu, em poucas palavras, mas de uma maneira que nos fez alertar, a gravidade da situação que se vive na fileira do leite, especificamente na Ilha de São Jorge.

Era sobre esse ponto que gostaria de introduzir mais duas ou três perspectivas que julgo que são do conhecimento geral e que importava que o Sr. Secretário Regional, se assim o entender, pudesse esclarecer e dar informações a esta câmara.

É do domínio público a situação de crise profunda que o sector atravessa na Ilha de São Jorge. Dizem, alguns dos entendidos, que é possivelmente a maior crise de sempre nos últimos anos.

Algumas das pessoas que se manifestam, naturalmente se tivessem acesso aos documentos oficiais subscritos pela Secretaria Regional da Agricultura e Pescas no ano 2000 e pelas cooperativas de São Jorge nessa época, se tivessem o mínimo de conhecimento disso, talvez ouvissem em silêncio a introdução dessa matéria aqui, porque é exactamente esse reconhecimento feito pelos próprios produtores, cooperativas e pelo Governo Regional na altura, em 2000, que realmente diagnosticou uma situação gravíssima e perspectivas de agravamento em relação às cooperativas de São Jorge, que levaram à assunção de um conjunto de compromissos indispensável para estancar a crise que se vivia e vive no sector e dar-lhes perspectivas de retoma na Ilha de São Jorge

Sr. Secretário, que medidas estão previstas de imediato, por parte da Secretaria, no sentido do cumprimento rigoroso dos compromissos então assumidos?

Todos nós sabemos, até pela comunicação social, que os dirigentes do sector na Ilha de São Jorge estão numa situação, até pessoal, complexa.

**Deputado António Gomes (PS):** Isso não é verdade!

**O Orador:** Nós sabemos que a situação que estava prevista e tinha a ver com o aval da Administração para o célebre financiamento de um milhão de contos, não teve o andamento que se desejava.

Portanto, importava que V. Exa. desse algumas informações adicionais.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradecia que concluísse.

**O Orador:** Termina já, Sr. Presidente.

Todo o processo de preparação da sociedade, que era indispensável na óptica da comercialização (a Lactaçoeres), foi conduzido pelo Governo Regional. Portanto, estava previsto que entrasse em funcionamento em 2001 e só agora em 2004 temos nota de que essa matéria está a ter andamento e acolhimento.

Gostaria, mas o tempo não permite, de desenvolver e fundamentar as perguntas.

Agradeço ao Sr. Presidente a tolerância e aguardo a resposta do Sr. Secretário.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Paulo Alves.

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Prescindo, Sr. Presidente.

**Presidente:** Sr. Deputado, ao prescindir, prescinde da inscrição. Portanto, não volta a inscrever-se. É esta a interpretação estrita.

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Sendo assim, não prescindo.

**Presidente:** Srs. Deputados, o Regimento é novo. Todos nós estamos a aprender.

Eu creio que estou a fazer a interpretação correcta do Regimento e vejo acenos de cabeça que sim.

Portanto, quando se prescinde da inscrição feita ao orador anterior, prescindiu efectivamente. Portanto, deixa de estar inscrito.

Tem a palavra Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A matéria em abordagem é vasta e levanta várias questões.

Começando pelo Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, eu gostava de prestar um esclarecimento à Câmara, no que se refere à frase que foi dita relativamente a um projecto que conheceu o seu arranque, precisamente neste mês de Fevereiro, o da Lactaçoeres.

Eu tenho algum conhecimento desse projecto. Ele é privado e ao contrário daquilo que no passado se assistia nesta Região em que o sector público se encontrava unipresente em tudo, onde as organizações de produtores se encontravam falidas, sem nenhuma capacidade para reagir e se organizar, este projecto não é desse tipo.

Este projecto nasceu da vontade de três uniões de cooperativas. A saber: a Unileite, em Ponta Delgada, a Uniqueijo em São Jorge e a CALF no Faial.

Com as suas limitações, mas também com as suas forças, puseram de pé qualquer coisa que tem como base um poder de decisão sobre o maior grupo de raiz açoriana para enfrentar os novos tempos de uma economia globalizada.

Estas opções obviamente foram pedidas e solicitadas para serem acompanhadas e acarinhadas pelos poderes públicos, mas apenas e tão só com esse intuito de lhe dar maior garantia e suporte. Portanto, não há aqui dirigismo.

Tenho pena que os partidos mais virados para o mercado, que deviam estar mais sensibilizados, e incentivadores da iniciativa privada, tentem a todo o tempo dirigir e inverter a solução dos assuntos.

Por agora fico-me por aqui. Voltarei ao assunto.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aires Reis.

(\*) **Deputado Aires Reis (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Luís Alves:

Sei que o senhor é um profundo conhecedor da matéria. Estranhei muito como é que o senhor veio para esta Assembleia dizer que o projecto da Lactações é privado, quando ele foi proposto pelo Governo,...

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Proposto? Isso é mentira!

**O Orador:** ... foi elaborado por técnicos contratados pelo Governo e quando foi, inclusivamente, assinado pelo Governo.

Sr. Deputado, eu vou direccionar este assunto para o Sr. Secretário, porque tem que ser ele a responder, porque neste momento o sector cooperativo em São Jorge está abalado e vive uma situação que podemos considerar calamitosa.

Neste momento, quem tem que responder a este assunto é o Sr. Secretário, se quiser fazer o favor.

Obrigado.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Por que é que tem que ser ele a responder?

**Presidente:** Srs. Deputados, pela relevância do debate e pelo número de inscrições, eu queria fazer um apelo para que os Srs. Deputados se dirigissem, em termos de esclarecimentos, às questões colocadas pelo orador anterior.

Corremos o risco de, em sucessivas intervenções, estarmos a prejudicar a disciplina regimental e irmos por aí fora a falar de outros assuntos.

Os Srs. Deputados devem manter-se dentro das balizas que foram determinadas pela intervenção do orador que vos antecedeu.

O Sr. Deputado Aires Reis pede a palavra para...?

**Deputado Aires Reis (PSD):** Para interpelar a Mesa, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Sr. Presidente, eu não percebi muito bem porque considerou este assunto fora de contexto.

**Presidente:** Eu não considerei fora de contexto. Ele está dentro do contexto da agricultura, da pecuária, do leite e tudo o mais, mas tem que haver alguma disciplina, porque se começamos a responder uns aos outros vai ser complicado gerir.

Há uma intervenção base. Portanto, as perguntas devem circunscrever-se dentro dessa intervenção.

Eu não estou a dizer que o senhor violou coisa alguma. Está tudo bem.

Apenas faço um apelo a essa sensibilidade.

(\* **Deputado Aires Reis (PSD):** Se me permite esclarecer, o caso que levantei foi um assunto abordado pela intervenção do Deputado Luís Medeiros e o assunto da Lactações foi levantado pelo Sr. Deputado Luís Alves e está enquadrado neste assunto.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

(\* **Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Vasco Cordeiro):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros:

Em primeiro lugar, como o criador de todo este debate, há dois ou três aspectos que, em termos de postura e da forma como resolveu trazer a esta casa as questões da agricultura, eu gostava de salientar.

Gostava de salientar, sobretudo, o pessimismo que reina da parte do PSD e do PP, em relação à agricultura dos Açores. Essa não é a minha postura nem é a postura do Governo Regional.

**Voices dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** Este governo acredita no futuro da agricultura dos Açores. Isto não significa menor consciência dos trabalhos que temos pela frente, dos desafios que temos pela frente. Significa tão só que não estamos desanimados, que não nos damos por vencidos, que as dificuldades são para se vencer e que cá estamos e estaremos, muito provavelmente, para vencer essas dificuldades e para continuar a desenvolver a agricultura dos Açores como fizemos, quer no VII, quer no VIII Governo Regional. Este é o ponto fundamental que marca a diferença da postura entre o Governo Regional, o Partido Socialista e, por outro lado, o Partido Social Democrata e o Partido Popular.

Isto não é tão irrelevante quanto possa parecer, porque na busca das soluções ou nós acreditamos que os sectores para os quais trabalhamos têm futuro, ou então vamos estar sempre a enveredar pela postura do atamancar.

É com base neste optimismo, nesta confiança e nesta determinação que digo que a agricultura açoriana tem neste Governo Regional, e por aquilo que acabámos de ver no Partido Socialista, entidades que apostam, que estão ao lado dela e que, sobretudo, se predispõem, em conjunto, a ultrapassar as dificuldades com que esse mesmo sector possa ser confrontado.

Segunda questão:

A sua intervenção foi vasta do ponto de vista de recensear um conjunto de problemas que interessa abordar e debater. Se me permite, pelo menos para já, eu centrava-me num aspecto que foi abordado por outros Srs. Deputados desta casa e que tem a ver com a situação do leite e da indústria de lacticínios em São Jorge, bem como com a situação da Lactaçoeres.

Primeira questão: “a situação dos lacticínios em São Jorge é calamitosa”.

Sr. Deputado Aires Reis, em consciência – o senhor em 96 também já tinha discernimento suficiente para perceber o que é e o que não é calamitoso – o senhor sabe que a situação do leite em São Jorge, hoje, não é calamitosa.

Quer que eu lhe diga por que é que não é calamitosa?

Porque ao contrário do que acontecia em 1996, hoje, em São Jorge, a regra geral é que não há pagamento de leite em atraso de um e dois anos.

Sabe o que é que há em São Jorge?

Há uma cooperativa que tem leite em atraso há 6 meses. Já agora, em relação a essa cooperativa eu esclareço a câmara de que o Governo Regional não tem um cêntimo que seja em dívida.

Sabe o que é que está a ser feito com as restantes?

Se não sabe, eu digo-lhe. As restantes estão a pagar o leite ao produtor, conforme aquilo que foi acordado, com mais ou menos rigor. Há uma situação que pode ir aos 90 dias, mas regra geral o pagamento do leite é aos 60 dias, conforme aquilo que tinha sido acordado.

Sr. Deputado, quando em 1996 havia leite em atraso de 1 e de 2 anos, como é que o senhor se atreve a caracterizar aqui a situação de calamitosa, quando o leite ao produtor é pago a 60 dias?

Segunda questão: o aval.

Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, agradeço-lhe a questão, porque ela permite esclarecer aqui um conjunto de matérias.

Em relação ao aval que foi estabelecido e acordado pelo Governo Regional, há dois planos em que temos que analisar esta questão.

1º- O aval não existiu só por si.

O aval era um instrumento para garantir uma determinada situação.

Aquilo que nós temos que ver neste momento é que, independentemente da questão do aval não ter sido concedido, esta situação verificou-se ou não?

Verificou-se. A reestruturação, a compensação, melhor dizendo, o colmatar das dificuldades que a indústria de lacticínios de São Jorge tinha e que este aval visava resolver, está em parte resolvida.

Mas continuamos com um problema, o facto do aval não ter sido concedido. Efectivamente não foi. Mas foi por falta de vontade do Governo Regional?

Se os senhores estão informados em relação a esta matéria saberão, por certo, que não foi por vontade do Governo Regional que o aval não foi concedido.



**Deputado António Gomes (PS):** Isso é que os senhores não sabiam. Não querem trabalhar. Não querem informar-se!

**O Orador:** O aval não foi concedido por imposição da Comissão Europeia.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Então por que é que prometeram?

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** O que é que fizeram?

**O Orador:** Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, todos os compromissos e a actuação que o Governo Regional tem assumido em relação à indústria de São Jorge têm sido no sentido de garantir que o trabalho iniciado de reestruturação do sector cooperativo e de compensação de todas as dificuldades que esse sector se deparava têm sido assegurados.

**Presidente:** Sr. Secretário Regional, agradecia que concluísse.

**O Orador:** Já termino, Sr. Presidente.

Continuamos com uma questão que interessa resolver.

Gostava de informar a câmara daquilo que é o compromisso do Governo Regional de continuar, de não desistir de resolver esta situação, que é o facto de não tendo sido prestado o aval, existem aqui algumas situações, conforme o senhor referiu e que dizem respeito aos próprios administradores das cooperativas, aos próprios directores das cooperativas, que interessa ter uma atenção especial. Mas o Governo Regional está a trabalhar nesta matéria.

Dados concretos, neste momento, sobre esta questão, eu não vos posso dar mais do que esses. Agora, é necessário termos em conta aqui alguns aspectos e, sobretudo, o fundamental. O fundamental é que nós podemos fazer referência à situação dos lacticínios de São Jorge, mas sobretudo há aqui alguns aspectos que têm que ter mais cuidados e atenção em relação àquela que é a efectiva realidade.

Muito obrigado.

(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques.

(\* **Deputado Mark Marques (PSD)**: Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional:

Como é óbvio eu teria que intervir sobre este assunto, porque, ao fim e ao cabo, os jorgenses, no que se refere ao sector cooperativo de São Jorge, têm sido enganados nestes últimos 4 anos.

O senhor acabou de dizer que a União Europeia não tinha concedido.

Os senhores, em Julho de 2000, fizeram um acordo, que é este que aqui está, assinado pelo Secretário Regional, na altura, Dr. Fernando Lopes.

Nesse mesmo ano, usaram em panfleto de campanha eleitoral e a 4 de Outubro, Quarta-feira, pelas 18 horas, na Sociedade Estímulo, Calheta. Diz: “Aval ao sector cooperativo – 1 milhão de contos para São Jorge”. Está concedido.

**Deputado António Gomes (PS)**: Já vamos responder. É malandrice!

**O Orador**: O panfleto, onde tem as fotografias dos senhores, então candidatos – hoje deputados – António Gomes e Manuel Silveira, dizia: “execução do protocolo celebrado com as cooperativas de lacticínios de São Jorge”.

O seu antecessor, Dr. Ricardo Rodrigues, que tinha uma aparência consigo, ou seja, era muito bom em engenharia linguística, a 13 de Novembro de 2002, dizia:

“Neste momento, ainda não é possível conceder nenhum aval formal.

Devo descansar, tanto o senhor como os senhores lavradores e os senhores directores das cooperativas, que nós temos pago aquilo que são as responsabilidades que decorrem da assinatura deste protocolo.

O Governo Regional tem cumprido, integralmente, as suas responsabilidades no que decorre das consequências da assinatura desse contrato e nenhuma responsabilidade será assacada, quer aos directores, quer aos lavradores da Ilha de São Jorge, sem que o Governo tenha uma palavra a dizer e sem que o Governo tenha cumprido, integralmente, os seus compromissos assinados em qualquer documento.

Este Governo, Sr. Deputado...” – referindo-se a mim – “... cumpre os seus compromissos, quer estejam assinados ou não”.

Sr. Secretário Regional, passados estes 4 anos, este acordo não foi cumprido. O aval não existe.

Neste momento, a banca “aperta” com os directores das cooperativas. Portanto, é uma situação que se coloca.

Os senhores durante 4 anos enganaram os jorgenses e disseram em todos os discursos oficiais que o Governo deu um aval de 1 milhão de contos.

O Deputado Manuel Silveira, no dia 16 de Abril de 2002, dizia:

“Este Governo, em minha opinião, está a cumprir com as suas obrigações em relação à lavoura da minha ilha.

Se me perguntassem: está satisfeito?

Eu responderia: sim estou, embora pense que é necessário continuar um bom trabalho.

Este Governo deu um aval. Foi responsável pela vinda de 1 milhão de contos para São Jorge, dinheiro esse tão necessário para o equilíbrio da nossa indústria de lacticínios.”

Sr. Secretário, durante 4 anos infestaram, fizeram uma campanha aos jorgenses dizendo que este Governo tinha dado 1 milhão de contos. Essa é que é a verdade.

Eu penso que o Sr. Deputado Manuel Silveira está inscrito. Eu estou quase no limite dos meus 3 minutos, por isso vou terminar, mas tenho outros recados para ele que abordarei numa segunda intervenção.

Muito obrigado.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Gomes.

(\*) **Deputado António Gomes (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Espero que a Rádio Lumena esteja a transmitir este debate – certamente estará – para São Jorge.

**Deputado Mark Marques (PSD):** O senhor é accionista na rádio?

**O Orador:** Os senhores acabam de fazer mais um grande favor ao Partido Socialista nesta tentativa de engodar votos. Efectivamente já não encontram nada que possam pegar, agarram-se a este falso problema do aval às cooperativas.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Falso? Esse problema é falso?!

**O Orador:** Sr. Deputado Mark Marques e Sr. Deputado Aires Reis:

Os senhores como deputados eleitos pelo círculo eleitoral de São Jorge revelaram aqui a vossa malandrice pelo facto de desconhecerem o que é que se passa relativamente a esta matéria.

Srs. Deputados, convidem o vosso líder parlamentar e o líder parlamentar da bancada do CDS/PP a visitarem a União das Cooperativas, falem com os senhores directores, porque eles terão muito para vos dizer. Eles estão completamente contra essa vossa posição de reclamarem sempre a situação do aval. Isso foi um tiro nos pés que o seu líder parlamentar deu.

Aconselho-o, Sr. Deputado, para agora não dar um tiro na cabeça, a falar com os directores das cooperativas, porque os jorgenses não aceitam essa conversa.

Fale com os directores das cooperativas, porque eles, por unanimidade, querem a situação da forma como ela está a decorrer.

(Risos dos Deputados da bancada do PSD)

Reúna-se com os directores das cooperativas de São Jorge. É com eles que os senhores têm que reunir para não irem para a televisão, para debates televisivos, que devem ter por objectivo informar os açorianos, dizer as asneiras que dizem.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional do Ambiente.

**Secretário Regional do Ambiente (Helder Silva):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Peço a palavra, depois de ter ouvido atentamente a intervenção do Sr. Deputado Sequeira de Medeiros, como de resto sempre procuro fazer, para realçar aquilo que são algumas contradições que resultaram da sua intervenção.

O Sr. Deputado trouxe a esta Assembleia, por diversas vezes e oportunidades, intervenções expressando as suas preocupações ambientais, às quais eu procurei sempre acompanhar, ouvindo e respondendo àquilo que foram as questões lançadas.

Não posso deixar de realçar hoje que o Sr. Deputado nos trouxe uma intervenção que, em quase metade dela, resultou a expressão de preocupação relativa ao custo dos adubos.

Esta é uma matéria que, pelas suas implicações, não pode deixar de merecer uma intervenção da minha parte, enquanto Secretário Regional do Ambiente.

Foi muito bem realçado pelo Sr. Deputado que as alterações que se verificaram no ano de 2002, relativamente à comparticipação no preço do transporte dos adubos, tiveram pressupostos eminentemente ambientais e tiveram obviamente o apoio da parte da tutela do ambiente.

Aquilo que esperaria é que da parte, se não de todos os deputados, pelo menos da parte de um deputado desta casa que tem apresentado por tantas vezes preocupações de índole ambiental, essas medidas, também relativamente à sua pessoa, tivessem tido um bom acolhimento, porque nós não podemos vir hoje expressar preocupações relativamente à eutrofização das lagoas, e vir aqui amanhã com preocupações relativamente aos agricultores e àquilo que é a necessidade de participar mais e mais o custo do transporte dos adubos, esquecendo neste dia aquilo que são as preocupações ambientais.

Aquilo que penso que todos nós, responsáveis políticos, devemos ter, é uma visão holística destas questões e devemos ter a capacidade de ver pontos de equilíbrio entre aquilo que são os interesses agrícolas e aquilo que são os interesses ambientais. E mais: quando nós sabemos – e é reconhecido tecnicamente, há relatórios da Universidade dos Açores que o indicam – que a quantidade de adubos que são utilizados nas nossas terras, estão muito além daquilo que é o óptimo.

O Sr. Deputado, como técnico que é, sabe que existe uma curva de inflexão assintótica entre aquilo que é a concentração de adubos que são utilizados e aquilo que são as mais valias decorrentes, em termos de produção no solo.

Nós estamos muito para além do ponto de inflexão. Isto significa que nós podemos diminuir rapidamente e de forma significativa a concentração de adubos, mantendo ou diminuindo pouco significativamente aquilo que é a produtividade das terras.

Esta visão, se o Sr. Deputado a tem – e eu imagino que a tem – devia levá-lo à seguinte conclusão:

Ainda bem que o Governo Regional adoptou medidas no sentido de diminuir, ao contrário daquilo que importa fazer noutras vertentes da fileira do sector agro-pecuário, a comparticipação do transporte dos adubos. Não é razoável continuar a fazê-lo quando sabemos que essas concentrações estão muito além daquilo que são as concentrações óptimas.

Convido-o, por isso, Sr. Deputado, a pensar um pouco quando faz intervenções, sejam de índole ambiental,...

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Eu já lhe explico!

**O Orador:** ... ou no âmbito da agro-pecuária, procurando outros equilíbrios que não os de se posicionar ora de um lado, ora do outro.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Silveira.

**(\*) Deputado Manuel Silveira (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Ouvi com atenção a intervenção do Sr. Deputado Sequeira de Medeiros, a qual agradeço. Concordo em parte com algumas coisas.

Eu não estava para intervir, se não fosse os colegas de ilha do seu partido se terem inscrito.

Eu, por enquanto, continuo a acreditar na lavoura de São Jorge, nos lavradores e nas possibilidades que eles têm de terem uma vida digna, honesta, boa, como em qualquer parte do mundo.

São Jorge é uma terra com futuro. Eu não tenho qualquer dúvida em relação a isso.

Como sabem, sou deputado a tempo inteiro e lavrador a tempo parcial. Portanto, sou deputado e mais alguma coisa, como alguns dizem aqui.

Por acaso, essa mais alguma coisa traz-me muitas mais valias, porque acompanho os agricultores de perto, estou com eles (sempre estive com eles!) e acredito que este Governo tem feito todos os esforços para que a lavoura de São Jorge seja uma lavoura em progressão, em que os agricultores vivam bem.

O Governo Regional, em relação a São Jorge – e continuo a afirmar – tem cumprido a sua parte naquilo que lhe é possível cumprir.

Os agricultores de São Jorge têm tido as ajudas do Governo da forma que é possível ter.

Se a Comunidade Europeia não autoriza que o Governo Regional dê o aval para São Jorge, eles estão a pagar os juros. Os agricultores estão a beneficiar disso.

**Deputado João Cunha (PSD):** Já não estava pago?

**O Orador:** Eu, como todos sabem, liderei esse processo. Eu fiz compreender ao Governo Regional que os agricultores de São Jorge, na altura, estavam pior do que estão hoje.

Há bocadinho falava-se, e era verdade, que nos tempos do PSD a lavoura de São Jorge recebia o rendimento do seu leite passado um ano, um ano e meio e às vezes dois.

Neste momento, quero reafirmar aquilo que disse o Sr. Secretário, e muito bem. A lavoura de São Jorge está a receber a 30 e a 60 dias e só há uma cooperativa que...

Eu fico-me por aqui. Eu sei por que é. Refiro apenas que não está com os pagamentos em dia.

**Deputado João Cunha (PSD):** Mas eu não sei e gostava de saber!

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Vá lá saber!

**O Orador:** Daqui a pouco eu digo-lhe.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Paulo Alves.

(\* **Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu gostava de dar um contributo sereno para esta questão de São Jorge.

É uma questão preocupante.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Já é preocupante?

**O Orador:** É provavelmente a última fileira que falta modernizar do ponto de vista tecnológico. Isso preocupa-nos, mas menos do que em 1996, porque grandes passos foram dados em outras fileiras das nossas ilhas. Preocupa-nos de igual modo, porque é uma fileira da qual depende o modo de vida de toda uma ilha.

O problema de São Jorge, infelizmente, não é o problema dos avales, porque esse seria provavelmente o problema mais fácil de resolver.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Então por que é que não está resolvido?

**O Orador:** A questão dos avales é uma questão técnica que tem dois tipos de ponderação.

Por um lado, tem um tipo que nos preocupa, isto é, em vez do aval que não foi dado, os próprios dirigentes das cooperativas tiveram que assumir as responsabilidades do ponto de vista pessoal.

Preocupa-nos, porque nós vivemos em 1991 uma situação idêntica numa outra cooperativa e sabemos o que isso custa. No entanto, é nossa esperança que essa situação tenha soluções que não serão provavelmente as mais complexas para a questão e para o problema em presença.

Confunde-se essa situação com outra. É que a autonomia financeira de uma empresa para concorrer ou ver aprovados projectos, não tem rigorosamente nada a ver com os avales. O passivo da empresa permanece tal qual, com aval ou sem aval.

Portanto, tecnicamente, a inviabilidade das queijarias de São Jorge, a existir (não sei se existe), continua por resolver com ou sem aval.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Exactamente. Essa é que é a questão!

**O Orador:** Esse é um problema que nos deve preocupar. Portanto, não é por aqui que vem o problema, nem é por aqui que ele deve ser atacado, excepto na vertente em que temos responsáveis cooperativos que, de boa fé, arcaram com um problema que é de toda a ilha, de toda a Região e que se arrastava e continua a se arrastar desde há décadas.

Desse ponto de vista parece-me que este problema terá que ter uma abordagem diferente.



Eu gostaria de ficar por aqui neste momento, porque o meu contributo sereno vai neste sentido: que todos reflectam naquilo que realmente é fundamental e importante no problema da fileira de São Jorge.

Muito obrigado

(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e do Deputado Alvarino Pinheiro)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

(\* **Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Aplaudí com muito gosto a intervenção do Sr. Deputado Luís Paulo Alves da bancada do Partido Socialista. Como ele disse, era serena e foi uma intervenção séria. Foi um contributo para se compreender, com realismo, a gravidade e a preocupação que o problema do leite em São Jorge deve constituir para todos nós.

Tocou em muitos dos pontos que já tínhamos aqui referido e que são pontos essenciais do processo.

Na verdade, o que acontece é que essas cooperativas e esses dirigentes estão impedidos de levar por diante o plano estratégico que estava acordado entre as partes e o Governo Regional, porque a sua capacidade de endividamento e de financiamento, está esgotada na actual situação.

Como é sabido, o próprio Governo Regional admite uma intervenção através do IAMA. Isso chegou a estar previsto em finais de 2002, chegou a ser apontado como uma via para ultrapassar a impossibilidade, que era conhecida já desde o início de 2002, de haver o aval àquele financiamento.

Sr. Secretário Regional, como já percebeu, é fundamental que o Governo não se refugie em tiradas políticas, que são sempre importantes e legítimas.

Todos temos saudades do seu estilo parlamentar, só que esse estilo, como secretário regional, convirá, não basta. É sempre agradável, mas não basta.

Pela nossa parte registamos, em relação a alguns aspectos que foram aqui questionados, a franqueza do Sr. Secretário ao referir que neste momento não se

encontrava em condições de dar uma garantia e divulgar uma posição perante esta Assembleia. O contrário seria não estar em condições e fazer crer que estivesse.

Portanto, aguardamos oportunamente que o faça, mas fico com a consciência de que o problema urge. O senhor tem a obrigação de ter mais elementos do que nós sobre essa matéria.

Politicamente fique ciente de que nós não estamos desanimados. Nós não estamos vencidos, pelo contrário.

Nós estamos conscientes de que o Governo Regional se revela incapaz de dar uma solução adequada a esse tipo de problemas. Isso preocupa-nos, o que é legítimo.

Trazer aqui as reais ansiedades de um sector, como é o sector agrícola e a fileira do leite como aqui muito bem foi trazido pelo Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros, e dar conta politicamente perante esta câmara que assistimos nos últimos anos a uma quebra preocupante de rendimentos, que neste caso concreto de São Jorge está associado a um bloqueio estrutural, acho que é o melhor serviço que se pode prestar a quem nos fez eleger para esta Assembleia.

Muito obrigado

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aires Reis.

(\*) **Deputado Aires Reis (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É preocupante ou não esta situação em São Jorge?

Foi ou não dado o aval ao empréstimo que as cooperativas contraíram?

O PS está desorientado. Uns dizem que sim, outros dizem que não.

(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)

É isto que as intervenções dos Srs. Deputados demonstram.

Sr. Secretário, vamos a 1996.

Em 1996 foi o ano que eu entrei para esta Assembleia.

Não nos custa nada reconhecer, como de resto já foi reconhecido pelo Presidente do PSD/Açores na sua entrevista de antes de ontem na RTP/Açores, que em 1996 existiam problemas no sector cooperativo de São Jorge.

**Deputado Renato Leal (PS):** Problemas calamitosos!

**O Orador:** Haviam pagamentos em atraso aos produtores, existiam dificuldades de exportação e existiam problemas na qualidade. Falava-se na venda do sector a interesses externos.

A verdade, é que o Governo na altura trouxe uma boa solução à lavoura de São Jorge. Isso nós admitimos, porque é verdade.

A questão é outra.

O Governo Regional elaborou um plano de reestruturação do sector, onde previam 3 pontos fundamentais, entre outros: o aval de 1 milhão de contos,...

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** O dinheiro entrou, é o que interessa!

**O Orador:** ... a concentração da comercialização numa empresa que o Governo iria criar e a construção de novas fábricas.

O que é que aconteceu?

Aconteceu exactamente o contrário. Aconteceu que o Governo Regional falhou nestes 3 pontos fundamentais deste processo.

Neste momento, não sabemos qual a vontade do Governo, se pretende resolver este assunto rapidamente e de outra forma, porque ele está muito agravado em relação ao ano 2000.

O Sr. Secretário foi nomeado há pouco tempo para o exercício dessas funções. Neste momento tem a responsabilidade de orientar a política agrícola, por isso tem que dizer claramente se vai ou não resolver este assunto.

Sr. Deputado Manuel Silveira, em relação à sua intervenção, como o senhor disse, continua a acreditar na lavoura, mas ao que parece não acredita no sector cooperativo.

**Deputado Manuel Silveira (PS):** O sector cooperativo não tem nada a ver com isso!

**O Orador:** Algumas iniciativas suas demonstram isso.

**Deputado Manuel Silveira (PS):** O senhor não tem nada a ver com isso. Eu faço com o meu dinheiro aquilo que quero!

**O Orador:** Sr. Deputado Manuel Silveira, Sr. Secretário Regional:

Quem é que foi para São Jorge prometer, em véspera de eleições, um aval de 1 milhão de contos?

**Deputados Luís Paulo Alves e Manuel Silveira (PS):** E veio!

**O Orador:** Veio. Veio à custa dos dirigentes que é que avalizaram o empréstimo. Foi isso que aconteceu.

(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD e PP)

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** O senhor acredita mesmo nisso que está a dizer ou foi através de uma carta?

**Presidente:** Sr. Deputado, receio que tenha ultrapassado o seu tempo.

**O Orador:** Uma última pergunta, para terminar a minha intervenção.

Há pouco, falava-se na impossibilidade, por questões legais, de conceder o aval.

Pergunto ao Grupo Parlamentar do Partido Socialista e ao Governo Regional quem é que foi para São Jorge dizer que, na impossibilidade do Governo conceder o aval, havia uma outra solução?

Foi o Governo Regional. Portanto, o Governo é que tem que resolver este assunto.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD e PP)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Medeiros.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu estava longe de imaginar um debate tão participado, mas fico satisfeito por isso, obviamente.

Começaria por dizer que foi meu objectivo trazer a esta casa um conjunto de preocupações que sinto no dia a dia. Não é uma questão de pessimismo, Sr. Secretário Regional, até porque sou optimista.

A verdade é que visitando com a frequência que visito as cooperativas de venda de produtos agrícolas, contactando com lavradores nas freguesias, sinto estas situações que aqui trouxe. De facto, esta degradação dos rendimentos dos agricultores que vai paulatinamente ocorrendo, preocupa-me.

Creio que os resultados que aqui aponte estão à vista e estão a ocorrer.

As intervenções foram muitas e eu não tenho muito tempo, mas começaria pelo Sr. Secretário Regional do Ambiente.

Eu tenho preocupações ambientais e agradeço ter reconhecido que já por várias vezes levantei essas questões aqui.

Quando falei aqui no preço dos adubos, não me referi às questões ambientais. Referi-me apenas ao impacto que a cessação da ajuda teve no custo de produção do leite.

Se me dissessem que de facto houve uma compensação de ordem ambiental, tudo bem. Mas se fizemos uma ronda pelos vendedores de adubos, depois da ajuda ter sido suspensa, o consumo de adubos na Ilha de São Miguel aumentou substancialmente, porque os produtores começaram a sentir que se calhar devido ao aumento do preço da ração, da alimentação concentrada, devido ao abaixamento dos rendimentos, acabava por ser mais económico produzir leite com base na pastagem do que propriamente alimentar as vacas com alimento concentrado. Isto levou ao aumento do consumo de adubos.

Cá está o exemplo típico de uma medida que foi avulsa. Tomou-se a medida com a intenção ambiental, mas ela não foi acompanhada por um serviço de acompanhamento e aconselhamento dos produtores. Eles deveriam ter sido elucidados destas questões.

A reestruturação fundiária que poderia também levar a atenuar a intensificação que se verifica na utilização de adubos também não ocorreu, daí que a medida pode ter tido todas as boas intenções de natureza ambiental, mas os resultados foram contrários, por outras razões obviamente, àqueles que a medida visava.

Sr. Secretário Regional da Agricultura, voltando à questão de pessimismo, eu acho que não é uma questão de pessimismo.

V. Exa. diz que estão optimistas e que acreditam no que conseguem vencer e que só acreditando nisso é que não se teria uma postura de atamancar. Eu digo-lhe com franqueza, Sr. Secretário Regional, e desculpar-me-á, mas eu tenho visto este Governo a atamancar tanta coisa que julgo afinal que não acreditam naquilo que andam a fazer.

Quanto à questão de São Jorge que foi aquela que ocupou mais tempo neste debate, eu gostaria de fazer um pequeno reparo ao Sr. Deputado Luís Paulo Alves. Eu julgo que não se pode considerar o projecto da Lactaçoeres como um projecto privado. Todos nós sabemos que o primeiro signatário é o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

Portanto, quanto um membro do Governo entra como parte contratante num acordo estabelecido, eu não sei se esse contrato será exclusivamente privado.

A questão que se põe aqui e que me preocupa mais, considerando que esse projecto é de grande envergadura, que pode permitir a afirmação dos lacticínios dos Açores no mercado externo, é saber até que ponto a situação que está criada em São Jorge – agora já não discuto o aval – de alguma forma impede as cooperativas de lacticínios daquela ilha de participar no projecto da Lactaçoeres.

É isso que lhe pergunto, Sr. Deputado.

Por último, Sr. Deputado Fernando Lopes, quanto à questão da quota leiteira, eu julgo que se podem fazer as afirmações que se fazem num dado momento, no calor de uma decisão, no calor da resolução de um problema que estava comprimindo há muito tempo e que a determinada altura descomprime, mas o que é certo é que já estamos nisto há anos suficientes – desde 84 quando se começou a falar de quotas – para perceber a evolução e as flexões que todos estes problemas vão assumindo, mesmo a nível da União Europeia que muitas vezes inflecte políticas que estavam dadas como assentes, para a eternidade. Essas questões não me preocupam nada.

Neste momento e a continuar a evolução que está a desenhar-se – e aqui não é pessimismo, temos 5,89% de leite a menos nas fábricas, se continuarmos são menos 30 milhões de litros de leite – este ano não vamos ter problemas de quota. Para

voltarmos a aumentar a produção, é preciso que o preço melhor, é preciso que a produção se torne mais apelativa e daí a razão da minha intervenção.

No que respeita ao pagamento directo a questão que me preocupa, Sr. Deputado Fernando Lopes, é que no presente ano as 73 mil toneladas de auto consumo, porque não são quota, não contam. A partir do ano que vem temos mais 50 mil toneladas de quota. O que conta é a quota disponível na exploração no dia 31 de Março do ano a que diz respeito. Isso está no regulamento comunitário.

Portanto, as 50 mil toneladas de quota, sendo quota efectiva, contam para efeitos do pagamento directo. A franquia das 23 mil toneladas essa já não.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Pescas** (*Vasco Cordeiro*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Se me for permitido começava por questões de carácter geral.

Em primeiro lugar, em relação ao Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros, realmente foi um conjunto bastante vasto de questões sobre as quais muito haveria a dizer, só é pena que tenham sido todas condensadas numa intervenção, mas certamente outras oportunidades hão-de surgir para conversarmos sobre isso.

Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, em relação à questão do Governo se refugiar em tiradas políticas, não foi de forma nenhuma a minha intenção.

Certamente que os senhores percebem que quando as questões são colocadas, com uma clara e inequívoca componente política, a resposta tem que estar a altura.

Se me é permitido, esta questão da situação de São Jorge está a ser colocada como uma clara componente política e partidária.

Isso não quer dizer – mais uma vez o reafirmo – que não exista a consciência e a percepção da parte do Governo Regional, em relação àquele que é o problema que temos em São Jorge.

O problema que temos em São Jorge, Sr. Deputado – é isso que me custa impávida e serenamente a aceitar – é colocado no sentido de passar a ideia que não entrou 1 milhão de contos em São Jorge.

Quando se fala no aval – eu concedo o benefício de que seja inconscientemente – toda a argumentação a propósito dele tem sido a de tentar fazer passar a ideia de que o Governo falhou com a questão de 1 milhão de contos em São Jorge.

**Deputado Mark Marques (PSD):** É claro que falhou e eu já lhe explico a nossa posição!

**O Orador:** Isso é falso. Entrou 1 milhão de contos em São Jorge.

É preciso nós sabermos do que é que estamos a falar quando falamos de um aval. Há intervenções aqui que por vezes me levam a pensar que não se sabe do que é que se fala quando se refere o aval.

Estamos a falar de uma garantia, garantia esta que foi prestada pelos directores das cooperativas de São Jorge.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Então como é que o Governo deu 1 milhão?

**O Orador:** Sr. Deputado Aires Reis, se realmente é essa a preocupação, quais têm sido os encargos das cooperativas de São Jorge com o empréstimo de 1 milhão de euros?

**Deputado Mark Marques (PSD):** Isso é outra questão.

**O Orador:** Esta é a questão.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Nós nunca falámos nesse caso!

**O Orador:** Eu tenho perfeita consciência da intervenção, do papel verdadeiramente essencial, que os directores das cooperativas de São Jorge tiveram em todo este processo. Que não restem dúvidas sobre isso e gostava de deixar registado à câmara essa consciência.

Gostava também de deixar registado à câmara de que se fala em situação caótica.

Sr. Deputado Aires Reis:

O senhor tem conhecimento de alguma crise de comercialização do queijo de São Jorge?

O senhor tem conhecimento de alguma crise de produção de leite de São Jorge?

O senhor tem conhecimento de pagamentos de leite em atraso daqueles que nós referimos?

Não tem, Sr. Deputado.

Qual é o problema?



A melhor forma de nós resolvermos os problemas é identificá-los clara e inequivocamente.

O problema que nós temos aqui é única e exclusivamente a garantia. Não é o dinheiro que entrou em São Jorge, porque este efectivamente entrou.

**Deputado Mark Marques (PSD):** À custa de quem?

**O Orador:** Não é à custa.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Quem foi o avalista?

**O Orador:** Sempre que o senhor me colocar a questão “à custa”, eu pergunto-lhe se sabe quais são os encargos das cooperativas de São Jorge com o empréstimo de 1 milhão de contos.

Quando o senhor me responder à minha pergunta, eu respondo-lhe à sua.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Secretário.

**O Orador:** Termina já, Sr. Presidente.

Em relação à questão se o secretário vai ou não resolver este problema.

Sr. Deputado Aires Reis:

O Secretário da Agricultura e Pescas, o Governo e o Partido Socialista vão resolver este problema. Não reste a mínima dúvida.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Como?!

**O Orador:** Meu caro amigo, se o senhor estivesse atento, essa já foi uma pergunta feita pelo Sr. Deputado Alvarino Pinheiro. A resposta que eu dei foi de que este assunto está em estudo...

**Deputado Mark Marques (PSD):** Em estudo? Há 5 anos?

**O Orador:** ... e que neste momento eu não tenho uma resposta concreta que possa dizer vai ser assim ou vai ser assado.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Vai ser em Junho!

**O Orador:** Aquilo que eu vos gostaria de dizer é que este é um assunto que merece toda a atenção e cuidado de análise por parte do Governo Regional.

O senhor não pode, usando uma expressão do nosso povo, colocar uma faca ao peito e dizer aqui, o senhor agora que diga como é que vai resolver.

Se neste momento, do ponto de vista técnico, eu tivesse a resolução desta matéria, já a tinha resolvido.

A questão é complexa. Não restem dúvidas sobre os motivos pelos quais a garantia acabou por não ser prestada e é esse um dos aspectos que também julgo importante salientar.

**Presidente:** Sr. Secretário, agradecia que terminasse.

**O Orador:** Por último, em relação a duas questões:

Primeiro, a questão das novas fábricas de São Jorge:

O projecto das novas fábricas de São Jorge, quer aquela que se traduz numa concentração, quer aquela das cooperativas que entenderam legitimamente não aceitar, está em andamento.

Esta a é a informação que eu tenho. Esta é a informação que me é transmitida por parte inclusive dos senhores directores das cooperativas.

Sobre esta matéria também fica muito clara a posição do Governo. Naquilo que depender do Governo Regional, vamos ter novas fábricas em São Jorge.

Da mesma forma, em relação à Lactaçoeres, também já respondi a esta pergunta uma vez que me foi colocada, inclusive, numa visita em São Miguel. Naquilo que depender do Governo Regional, a Lactaçoeres vai em frente.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Fernando Lopes.

(\* **Deputado Fernando Lopes (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Luís Henrique Medeiros:

Eu dirijo-me a si porque foi o senhor que teve o trabalho, a honestidade e o bom senso de trazer aqui problemas sérios para serem discutidos de forma séria. Portanto, o seu a seu dono.

Não irei discutir o problema de São Jorge, que levantou na sua intervenção na página 6, porque penso que o Sr. Secretário o colocou nos termos correctos, tanto políticos como técnicos.

Tecnicamente o único custo suportado pelas cooperativas de São Jorge é o de terem o nome dos senhores directores em papel, que não significam custos financeiros.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Significa, sim senhor!

**O Orador:** Há um problema que existe neste momento nesta área, que tem a ver, como foi muito bem dito, pelo Sr. Deputado Luís Paulo Alves, com o nível de

endividamento das cooperativas, ou seja, com a sua autonomia financeira. Este é o problema, mas ele não tem nada a ver com o aval e qualquer técnico diz isso.

Vamos colocar as questões de forma séria porque as pessoas de São Jorge são sérias, boas, trabalhadoras e merecem ser tratadas com seriedade.

**Deputado António Gomes (PS):** *Muito bem!*

**Deputado Aires Reis (PSD):** Estou de acordo consigo!

(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e do Deputado Aires Reis)

**O Orador:** A sua vida não se decide com campanhas, com adjectivos ou com outras coisas. Decide-se com seriedade.

**Deputado António Gomes (PS):** E com respeito!

**O Orador:** Sr. Deputado Luís Medeiros, com toda a consideração que me merece, o Sr. Deputado provavelmente não teve tempo ou escapou-lhe a resposta a uma questão que coloquei.

O senhor, no fim da sua intervenção refere: “É urgente saber com o que podemos contar, saber para onde caminhamos. É tempo de mudar.”

O Sr. Deputado não indica um único caminho, não indica onde é que quer mudar.

Eu quero dizer que defendi e contribui, e está escrito desde o início da década de 90, para que alguns caminhos se trilhassem. Esses caminhos passavam neste âmbito pela reestruturação do sector leiteiro.

Neste momento cifram-se em quê?

Cifram-se por resolver problemas de desequilíbrio financeiro. Não estão todos resolvidos?

No caso de São Jorge não estão.

Significaram introduzir e moralizar os pagamentos de leite à lavoura. Todos sabem que esse é um problema que neste momento já está resolvido, aliás, há muito tempo.

Existe pontualmente um caso aqui ou ali e foi citado o caso de uma cooperativa de São Jorge que está com um atraso significativo, mas esse é um problema que tem a ver com a própria cooperativa e não propriamente com a política do sector.

**Deputado António Gomes (PS):** É a cooperativa da coligação!

**O Orador:** Também significa que se avançou para a renovação do parque industrial. Há uma fábrica nova no Corvo; há uma fábrica nova em São Miguel, a Unileite; há uma fábrica nova na Graciosa e o leite aumentou recentemente na Graciosa 1\$00 e irá aumentar mais; há uma fábrica nova que vai estar terminada no Faial; há uma fábrica nova no Pico e houve projectos de renovação na Terceira. Caminhou-se nesse sentido...

**Presidente:** Sr. Deputado, agradeia que terminasse.

**O Orador:** Eu vou terminar, Sr. Presidente.

... mas os tempos implicam que há novos problemas.

Para novos problemas temos que tomar uma atitude activa, temos que fazer propostas concretas e essas eu não ouvi. Continuo à espera.

Muito obrigado.

(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e do Secretário Regional da Agricultura e Pescas)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Mark Marques.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

(\*) Este debate já vai longo e esta será a minha última intervenção sobre esta matéria.

Sr. Deputado Fernando Lopes:

O senhor acabou de dizer que as pessoas de São Jorge são sérias e merecem ser tratadas com seriedade.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Há excepções!

**O Orador:** Como se diz na minha terra... é preciso ter descaramento!!!

O senhor assinou um protocolo em 11 de Julho de 2000 dizendo que dava um aval e uma séria de coisas que constam deste protocolo. Quatro anos depois, o seu sucessor, não o Dr. Ricardo Rodrigues, mas o Dr. Vasco Cordeiro, veio dizer que é um assunto que está a ser estudado e que há que resolver.

**Deputado António Gomes (PS):** Tenha respeito pela lavoura. Isso é uma vergonha!

**O Orador:** Vir dizer 4 anos depois nesta casa que nós, Deputados do PSD, é que estamos a maltratar os jorgenses... Sr. Deputado, sobre essa matéria estamos conversados

(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD e do PP)

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

Nós sabemos que entrou 1 milhão de contos. Nós nunca dissemos que não tinha entrado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Ah!

**O Orador:** Os senhores não querem ouvir. Já percebi, estão nervosos, porque a verdade dói.

O que nós sempre dissemos foi que o Governo nunca foi o avalista. Não é e passados 4 anos continua a não ser.

Em relação aos custos, Sr. Secretário Regional, nós sabemos que os custos têm sido cumpridos. Nós nunca levantámos essa questão. Os senhores não inventem fantasmas.

O que nós estamos aqui a dizer é que 4 anos depois a questão do aval não está resolvida.

Os Deputados do Partido Socialista, nesta casa, sempre afirmaram que este Governo deu um aval.

O Sr. Deputado Manuel Silveira ou enganou-se, o que é grave, ou então foi enganado e enganou os jorgenses, o que é mais grave.

O senhor sempre disse que o Governo deu um aval. Não é verdade.

Já agora, Sr. Deputado Manuel Silveira, os últimos recados:

O Sr. Deputado Aires Reis há pouco, quando falou do sector cooperativa e referiu que o senhor tinha uma indústria privada, o senhor disse em off – eu gosto de repetir estas coisas, porque é bom que se ouça – “o senhor não tem nada a ver com isso, porque eu faço com o meu dinheiro o que eu quero”.

O senhor tem razão, mas vamos ver a coisa do ponto de vista político.

Eu digo novamente, como se diz na nossa terra: é preciso ter descaramento!!!

Sabendo que tem a única indústria privada da Ilha de São Jorge que não faz parte do sector cooperativo, tem o pejo, a habilidade e o descaramento de vir para aqui dizer que sempre esteve com eles?! Com eles, quem?

**Deputado Manuel Silveira (PS):** Com os agricultores!

**O Orador:** Com os agricultores? Com o sector cooperativo? O senhor saiu do sector cooperativo!

(Apartes inaudíveis dos Deputados da bancada do PS)

**O Orador:** Sr. Presidente, agradecia que este tempo fosse descontado. Gostaria de continuar, mas enfim... Isto já deve ser a falta do almoço por parte dos Srs. Deputados do Partido Socialista.

Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Eu não quero crer que o funcionamento em velocidade de cruzeiro da Lactaçoires tenha começado só em 2004 para que ela fosse a única a vender queijo e isto devido à influência que o senhor tem. Já me disseram isto, mas eu não acredito, nem quero acreditar que isso tenha acontecido.

Sobre essa matéria, estamos conversados.

Conclusão de todo este debate:

Hoje, os jorgenses ficaram a saber ...

**Deputado José San-Bento (PS):** Isto é uma novela radiofónica!

**O Orador:** Não, Sr. Deputado, não é.

... que todas as vezes que o Partido Social Democrata trouxe a esta casa a questão do aval estava a falar verdade.

Os Srs. Deputados do Partido Socialista, por incúria, por mentira ou por desconhecimento, o que é grave, sempre disseram que o Governo tinha dado um aval. É mentira!

O Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas acabou de dizer nesta Casa que está em estudo.

Portanto, se está em estudo não está concluído e essa é que é a questão.

Obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Gomes.

(\*) **Deputado António Gomes (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu lamento imenso que Deputados eleitos pelo círculo eleitoral de São Jorge, venham a esta casa atirar areia, da forma como estão a atirar, aos olhos dos jorgenses. Isso é lamentável.

Srs. Deputados Mark Marques e Aires Reis:

A vossa negligência é que vos faz ter a postura que têm aqui dentro. Os senhores procurem os directores das cooperativas de São Jorge, informem-se desta situação e venham a esta casa pedir desculpas pelas asneiras que têm dito.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Eles devem estar contentes consigo!

**O Orador:** Aconselho os lavradores menos informado, talvez pela influência dos Srs. Deputados do PSD, que se dirijam aos seus respectivos directores para se inteirarem desse problema.

**Deputado Mark Marques (PSD):** E eu aconselho a si a não se meter por aí, porque está a correr-lhe mal!

**O Orador:** Eles estão habilitados para prestarem os devidos esclarecimentos com seriedade.

Sr. Deputado Mark Marques, eu não o vou convidar a fazer campanha pelo Partido Socialista, mas até agora o que tem feito nesta Assembleia tem sido precisamente isso.

Quantas mais vezes o senhor se pronuncia sobre esta matéria, mais os lavradores estão connosco.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Se o senhor está feliz eu também estou!

**O Orador:** O senhor ainda não nos disse aqui que tinha conhecimento sobre essa matéria.

Desafio os Srs. Deputados Mark Marques e Aires Reis para me dizerem quais são os directores das cooperativas de São Jorge que se revêem na vossa posição em relação a esta matéria que hoje estamos a debater neste plenário.

Muito obrigado.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Eu já lhe digo!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Paulo Alves.

**(\*) Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Um esclarecimento ao Sr. Deputado Luís Medeiros em relação a 3 pontos:

O primeiro ponto sobre os desânimos e abandonos.

Eu faço lembrar que há cerca de ano e meio ou dois anos, ouvi uma intervenção sua, a par de outras intervenções públicas de outros responsáveis da Região, mostrando preocupação em relação à descida pontual das quantidades de leite.

O que é certo é quando essas declarações foram proferidas o leite já não descia. Pouco tempo depois, eu fiz uma previsão de que isso poderia acontecer e aconteceu. Pagaram-se multas na nossa Região.

Hoje pode estar a passar-se o mesmo.

O leite não está a descer 5%.

No mês de Novembro o leite já não desceu.

Perante esses abandonos, esses desânimos, os lavradores surpreenderam tudo e todos. Reagiram, deram a volta por cima e avançaram. Já recuperaram tudo aquilo que tinham perdido e, infelizmente é preciso ter alguma serenidade, porque senão, vamos ter novamente na próxima campanha problemas de excesso de produção.

É preciso não dramatizar e enfatizar os discursos negativos, porque a produção reage sempre e por vezes pode reagir em exagero e trazer complicações que a todos e a ninguém interessa.

Uma segunda nota para dizer que relativamente à questão da Lactaçoeres, das queijarias de São Jorge e da estratégia poder ser ou não afectada, não nos passa pela



cabeça de que os problemas das queijarias de São Jorge não se resolvam, porque problemas idênticos resolveram-se, no passado, noutras fileiras.

Não nos passa pela cabeça que o queijo, aquele queijo, o único queijo que tem alguma especificidade nos Açores, não tenha uma solução.

Portanto, essa solução vai ter que ser encontrada.

Até lá, como diz o Sr. Secretário e bem, o queijo continua a ser produzido, continua a ser certificado.

Agora a situação tem que ser rapidamente estruturada e mudada. Isso não afectará, com certeza, toda a estratégia da Lactaçoers, porque o produto está no mercado, continuará no mercado e, desse ponto de vista, o futuro estará seguro, porque nesta Região, esteja quem estiver no poder, terá que enfrentar e solucionar esse problema.

Eu penso que tecnicamente o problema está a ser estudado, tem soluções e essas soluções vão ser implementadas.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aires Reis.

(\*) **Deputado Aires Reis (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado António Gomes:

Uma resposta muito clara:

Os directores que estão preocupados com este assunto são os directores que avalizaram o empréstimo...

**Deputado António Gomes (PS):** Isso é falso!

**O Orador:** ... e que ainda ontem suspenderam os projectos das fábricas, porque não têm a mínima hipótese de os fazer.

Como é que os senhores querem lançar as primeiras pedras que tanto andam a pressionar?

(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD e do PP)

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Que grande pedrada!

**Deputado João Cunha (PSD):** Na rosa. Desfolhou-se toda!

**O Orador:** Sr. Secretário Regional da Agricultura:

Parece-me que a primeira coisa que o senhor devia ter feito quando este assunto foi colocado, era reunir com o sector cooperativo. Penso que teria sido uma iniciativa interessante e que talvez tivesse salvo muita coisa.

O Sr. Secretário falou há pouco de mais um estudo. Fizeram um estudo em 2000. Estamos em 2004 e ainda não o conseguiram concretizar. Querem agora mais um estudo?

Acha que o sector cooperativo de São Jorge consegue esperar por isso?

**Deputado João Cunha (PSD):** É um estudo para o estudo!

**O Orador:** Sr. Secretário, admita que este assunto está indo por um mau caminho. Reúna com o sector cooperativo para tratar deste assunto. É um conselho que lhe dou de boa fé.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** E bem!

**O Orador:** Quando se falou na Lactações foi referido aqui que ela não tinha nada a ver com o Governo. Agora parece que já tem, porque o Governo diz que naquilo que depender de si vai resolver o assunto. Eu, sinceramente, continuo a achar que os senhores estão baralhados.

Nós andamos nisto sem saber o que é que o Governo pensa e se sabe o que é que está a dizer.

Sr. Secretário, é certo e sabido que os avales que foram dados pelos directores das cooperativas, estão a trazer um problema muito grande para as cooperativas e para eles próprios.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** O encargo é esse!

**O Orador:** As cooperativas neste momento estão coarctadas. Não conseguem recorrer à banca para investir e fazer as obras.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem! A questão é essa!

**O Orador:** Isso é preciso se resolver, porque senão, não se consegue ultrapassar esta fase. Isto é tão claro como a água.

Para terminar, gostaria de fazer algumas perguntas ao Sr. Secretário que me parecem importantes. Gostaria que me esclarecesse de uma forma muito clara, se o senhor tiver essa amabilidade e se tiver isso bem presente.

Foi ou não o Governo Regional que contratou os técnicos para a Lactações?

Perante quem é que respondiam os técnicos que foram contratados?

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Quem é que lhe dá essas informações?

**O Orador:** Respondiam perante o Governo Regional ou perante mais alguém?

Foi ou não o Governo Regional que assinou estes importantes documentos que temos falado até agora?

Por que é que o Governo Regional foi dizer às cooperativas, há pouco tempo atrás, que se o aval não fosse possível, resolviam o problema através do IAMA?

Se calhar ainda lhe faço mais uma pergunta, Sr. Secretário.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Esteja à vontade!

**O Orador:** Por que é que acha que falhou este plano?

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Faça mais uma pergunta.

**O Orador:** Aproveitando a sugestão do Sr. Deputado Dionísio de Sousa, faço mais uma pergunta.

O Sr. Secretário acha que ainda é possível resolver este problema em tempo útil, mas de uma forma clara?

Agradecia a sua resposta.

(Neste momento o Presidente da ALRA foi substituído na Mesa pelo Vice-Presidente Deputado Bento Barcelos)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**(\*) Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Vasco Cordeiro):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária.

Em primeiro lugar, eu gostava de esclarecer uma questão relativamente à quota leiteira, à forma como o Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros trouxe o assunto aqui e sobretudo um comentário que também foi feito pelo Sr. Deputado Luís Paulo Alves.

Eu acho que é necessário ter – e acho que o Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros teve – muito cuidado com esta questão da quota leiteira.

Em relação a esta matéria eu reconheço que nós ainda poderemos estar num período de acerto em termos de produção, mas é preciso tem em conta que a questão da quota leiteira e da produção de leite não é um torneira.

A posição do Governo sobre esta matéria é que clarificadas – e repare que não estou a utilizar a palavra definidas conscientemente – as questões relativas a quota, a gestão da produção relativamente a essa quota, é uma responsabilidade primeira de produtores e de compradores.

O senhor não ouvirá da minha boca “parem de produzir!”, como também não ouvirá da minha boca “produzam mais!”. Eu gostava de deixar isto de uma forma muito clara.

Agora que estão clarificadas as questões relativas à quota leiteira, esta é uma matéria que é da responsabilidade de produtores e de compradores. Penso que concordará comigo.

Segunda questão:

Srs. Deputados Mark Marques e Aires Reis:

O Sr. Deputado Aires Reis tem consciência que acabou de dizer que os projectos das novas fábricas de São Jorge foram suspensos. Eu gostava de deixar registado à câmara o que o Sr. Deputado Aires Reis acabou de dizer – e volto a repetir – que foram suspensos os projectos das novas fábricas de São Jorge.

Sr. Deputado Aires Reis, a sua sugestão da reunião com o sector cooperativo de São Jorge, eu agradeço, mas já vem tarde. Eu já reuni com o sector cooperativo de São Jorge.

Por que é que eu acho que falhou o acordo?

Eu não acho que falhou o acordo. Portanto, não percebo qual a razão da sua pergunta.

O que eu acho, e já o disse repetidas vezes, é que nós temos um problema que não afecta toda a lavoura de São Jorge como se quis fazer crer, um problema que afecta de forma muito directa e preocupante os directores das cooperativas, problema este que o Governo Regional está empenhado e determinado em resolver.

Eu não sei o que é que o senhor quer que eu lhe diga mais. Eu já repeti isso várias vezes. O Governo Regional está empenhado e determinado em resolver o problema que afecta os directores das cooperativas de São Jorge.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Há 4 anos!

**Deputados Mark Marques (PSD):** Engenharia linguística!

**Presidente:** Sr. Secretário Regional, agradecia que terminasse.

**O Orador:** Quanto à questão do estudo, eu tento ser claro, mas reconheço que a falta de clareza deve ser um problema meu.

Em relação à afirmação que foi feita pelo Deputado Mark Marques, não é correcto ou pelo menos não é correcto dizê-lo desta forma , que está em estudo uma alternativa ao aval.

O que é correcto dizer-se é que está em estudo a melhor forma de se resolver o problema que diz que afecta os directores das cooperativas de São Jorge.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** O aval que não foi dado!

**O Orador:** Há uma diferença muito grande. Se eu fosse maldoso, Sr. Deputado Mark Marques...

**Deputados Mark Marques (PSD):** Se...

**O Orador:** ... se eu fosse maldoso, pensaria que aquilo que o senhor queria que acontecesse era que ficasse registado que eu estava à dizer que ia ser estudada uma alternativa ao aval, enquanto garantia, e quando eu chegasse a este plenário a dizer que não havia garantia para todo o empréstimo, o senhor dizia que mais uma vez o Governo falhou. Como não sou maldoso não penso nisso.

**Presidente:** Sr. Secretário Regional, pedia por favor que terminasse.

**O Orador:** Não é, Sr. Deputado Aires, o estudo. Não. É um trabalho técnico de tentar descortinar a melhor forma. É a melhor forma de se resolver o problema que afecta os directores das cooperativas de São Jorge.

Muito obrigado.

**Presidente:** Informo o plenário que o Governo já esgotou o seu tempo para prestar esclarecimentos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Medeiros.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Fernando Lopes:

Parece-me bem que a função do Deputado é trazer a esta casa o eco das preocupações que ouve, que julga serem as preocupações do seu eleitorado. Foi isso que fiz.

Quanto ao apontar soluções, obviamente que elas existem, umas mais fáceis, outras mais difíceis, mas quem tem essa missão de descobrir soluções para os problemas que são levantados é o Governo.

De qualquer maneira dir-lhe-ei, Sr. Deputado, se olharmos bem para o panorama agrícola da Região, veremos que em São Miguel ainda há as chamadas culturas industriais. Infelizmente, algumas foram desaparecendo, outras debatem-se com problemas e não têm um futuro sorridente.

As hipóteses de alternativa não são fáceis de se descortinar.

Como já escrevi e julgo que já o disse aqui, esta Região encontrou a sua verdadeira vocação agrícola na produção de pastagens de culturas forrageiras.

Quando temos aí a nossa principal vocação agrícola, há que valorizá-la ao máximo. Só consigo valorizar forragens e pastagens dispondo de uma máquina fabulosa que se chama ruminante.

Portanto, a produção pecuária continuará a ser, na minha opinião, o vector principal da actividade agrícola desta Região.

Não quero dizer com isto que não se procure a diversificação pontual nalguns aspectos que são importantes com vista ao nosso auto-abastecimento no sector horto-frutícola e num outro sector que para mim é importantíssimo pelas diversas vertentes que ocupa, que é o sector florestal.

Voltemos ao sector das pastagens e da produção pecuária. Obviamente, e por experiência própria sei, que é a bovinicultura que nos interessa. Aqui, ou temos leite ou temos carne.

Quando olhamos verificamos que os serviços da Secretaria da Agricultura e Pescas abandonaram totalmente o que para mim era fundamental nesta área, que era a experimentação (já nem falo de investigação).

Hoje em dia estamos a importar cultivares de pastagem da Nova Zelândia sem testar, sem saber se se dão bem nas nossas condições edafo-climáticas e temos tido fracassos a torto e a direito.

Quanto às melhores práticas de adubação, fixámos umas regras, umas normas, mas não acompanhámos no terreno os efeitos disso. Não temos um serviço de vulgarização junto dos produtores e os produtores fazem conforme lhes parece, por isso acontecem situações como esta que aqui já relatei que é de se aumentar o preço dos adubos, porque se retirou a ajuda ao transporte e mesmo assim os produtores consomem mais adubo.

Íamos por aí fora. Vejamos a jusante o sector da carne. Faz-me imensa impressão falar em carne nos Açores quando nós não sabemos produzir carne. Nós produzimos animais para abate e depois vemos no jornal “Açores vão passar a gerir quota da carne”. Eu fico perplexo! Já tínhamos uma quota leiteira e passamos a ter uma quota de carne.

Diz-se isto às pessoas. Os menos informados acreditaram que passávamos a ter uma quota de carne.

Está somente em causa a gestão de um direito a um prémio à manutenção de vacas aleitantes. Apenas isso.

No que respeita à carne, pode ser uma alternativa de peso à produção de leite. Aqui, mais uma vez não se investiga qual é o tipo de animal que nos serve, qual o melhor circuito alimentar que se pode aplicar, qual a tecnologia que deve ser aplicada com vista à obtenção de um determinado tipo de carcaça que seja uniforme e atractiva para o mercado e depois toda a tecnologia a jusante nos matadouros e indústrias de preparação dessa carne por forma a que possa aparecer no mercado com dimensão, regularidade e preço competitivo.

Sr. Deputado Fernando Lopes, não posso em 3 minutos alargar-me muito mais, mas julgo que lhe deixei aqui um conjunto de pistas. V. Exa. não poderá dizer que não apontei caminhos.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD e do PP)

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado Fernando Lopes.*

**(\*) Deputado Fernando Lopes (PS):** *Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Luís Henrique Sequeira de Medeiros:*

*Muito obrigado pela resposta que me deu nesta última parte da sua intervenção.*

*Estamos praticamente no fim deste debate. Eu gostaria que ele tivesse sido mais produtivo no diálogo consigo, porque eu sempre considero elucidativo que hoje, no dia em celebramos o bicentenário do falecimento de Emanuel Kant, o filósofo da razão pura e prática, que dizia “é preciso ousar saber”.*

*Eu digo-lhe, Sr. Deputado, que continuo a ter uma atitude positiva em relação aos Açores, em relação a este sector sobre o qual estamos a discutir. Já contribuí no passado propondo, ajudando a fazer e continuarei a contribuir no futuro propondo.*

*Reconheço aqui que também sabe ouvir. Ouviu falar numa conversa que tivemos aqui sobre a importância do sector florestal, algo que me é caro, porque fui eu que encomendei o estudo enquanto Secretário Regional da Agricultura e Pescas sobre esse sector ao actual Ministro da Agricultura, um trabalho que está feito e que continua a ser feito sem merecer parangonas. Não merece artigos de jornais, nem primeiras páginas, mas está a ser feito e continua a ser feito.*

*Como sabem, uma árvore demora, no mínimo, 20 a 30 anos a crescer. Portanto, é um trabalho lento que espero que seja continuado.*

*Disse que defendi no passado a reestruturação do sector leiteiro, defendi o apoio e o reforço do sector cooperativo. Continuo a defendê-lo. Continuo a achar que são linhas de força de política que o Partido Socialista tem que defender.*

*E propostas para o futuro face aos novos desafios?*

*Há algumas fábricas em São Jorge para construir, mas há outras coisas muito importantes a fazer, por exemplo, apoiar as marcas açorianas, apoiar a penetração*



*no mercado continental, apoiar a inovação e o desenvolvimento de linhas de produtos e avançar no domínio dos incentivos à reestruturação fundiária.*

*Deram-se passos importantes no passado com a Lei de Ordenamento Agrário.*

*O Partido Socialista deu passos importantes apresentando legislação aqui com incentivos à reestruturação fundiária.*

*Penso que é uma questão crucial no futuro na definição de políticas.*

*Estão escritas no programa do Governo algumas medidas concretas sobre esse domínio, mas eu considero extremamente importante que na próxima legislatura se avance no sentido da reestruturação orgânica, na adaptação dos serviços da Secretaria Regional de Agricultura e Pescas.*

*É importante que a Direcção Regional de Desenvolvimento Agrário seja transformada, que se criem verdadeiros serviços de extensão rural com a participação das cooperativas, com a participação das associações de produtores, que não seja um serviço estatal, mas que seja um serviço privado com o apoio do Governo.*

*É importante continuarmos a defender a qualidade dos nossos produtos.*

*É importante que sedimentemos a classificação do leite no qual se deram avanços extremamente positivos e constituiu um instrumento de regulação de sector extremamente importante.*

*É importante que continuemos a desgovernamentalizar o sector agrícola.*

*É importante que abandonemos o soviétismo de atribuição do subsídio, da intervenção directa.*

*É importante dar força às organizações de produtores.*

*É importante dar-lhes autonomia.*

*Muito já se fez no passado, mas há tanta coisa nova para se fazer mas essa tanta coisa que há para fazer vai continuar a ter o contributo e a capacidade de propositura do Partido Socialista.*

**Presidente:** *Sr. Deputado agradecia que concluísse.*

**O Orador:** *Continuamos à espera que o líder do PSD apresente propostas concretas para o sector.*

(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)

(Neste momento, o Presidente volta a ocupar o seu lugar na Mesa)

**Presidente:** *Para o 23º esclarecimento, tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Silveira.*

**(\* Deputado Manuel Silveira (PS):** *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*Eu, por acaso, vou para o 2º esclarecimento e não para o 23º.*

*Perante aquilo que o Deputado que me antecedeu disse, eu rendo-me. Estou plenamente de acordo com o que foi dito.*

*Apenas quero referir que os Srs. Deputados do PSD de São Jorge estão faltando à verdade quando dizem que os projectos não andam por culpa do aval.*

*Os jorgenses têm que pensar seriamente no próximo acto eleitoral em quem vão votar.*

*Eu penso que os jorgenses já vão vencendo os seus representantes. Cada vez mais os vão conhecendo.*

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem! Apoiado!*

**O Orador:** *O Sr. Deputado que está dizendo muito bem, realmente não tem palavras e quando não tem argumentos ataca-me pessoalmente.*

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Eu nunca faço ataques pessoais!*

**O Orador:** *Eu construí uma fábrica com o meu próprio dinheiro e tenho muito gosto nisso. Através dela consigo ganhar muito dinheiro, por isso acredito na lavoura de São Jorge, continuo a acreditar no queijo de São Jorge, continuo a acreditar nos seus lavradores e vou acreditar sempre, porque o nosso queijo é diferente de todos os outros queijos.*

*Muito obrigado e provavelmente não intervirei mais.*

(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e do Secretário Regional da Assuntos Sociais)

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado António Gomes para o 24º esclarecimento.*

**(\* Deputado António Gomes (PS):** *Sr. Presidente, depois do que foi dito, julgo que pouco mais há a acrescentar. Todavia pedi a palavra para fazer um protesto.*

*Eu quero protestar pelo facto de alguns Srs. Deputados, infelizmente eleitos pelo meu círculo eleitoral, não saberem o que dizer, mas o que é certo é que não lhes dá o direito de faltarem à verdade.*

*Informo esta casa que estão mais ouvintes do que aqueles que eu pensava a ouvir este debate através da Rádio Lumena e acabei de receber um telefonema de um dirigente a dizer que era uma monstruosa mentira aquilo que tinha sido afirmado pelo Sr. Deputado Aires Reis neste plenário.*

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Quem foi? Qual foi o dirigente?*

**O Orador:** *É nesse sentido que lamento que se use esta casa para se mentir aos jorgenses.*

*Este é o meu protesto e fico por aqui neste debate.*

*Mais não é preciso dizer.*

*Obrigado.*

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado Aires Reis (está a falar para a Rádio Lumena).*

(Risos da câmara)

**(\*) Deputado Aires Reis (PS):** *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*Parece que os senhores foram testemunhas de que eu acabei de receber um telefonema exactamente a dizer o contrário.*

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** *De quem é que foi é que nós não sabemos!*

**O Orador:** *O Sr. Deputado Manuel Silveira referiu na sua última intervenção que nós tínhamos faltado à verdade. Por outras palavras, chamou-nos mentirosos.*

*Eu gostaria de referi que neste debate constatámos que havia um problema. Constatámos que o Governo Regional não deu resposta nem tem resposta para este problema.*

*Também constatámos que as cooperativas não têm capacidade financeira para realizar os seus investimentos...*

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** *Mas o que é que isto tem a ver?*

**O Orador:** *... e se por acaso o Sr. Deputado Manuel Silveira ou o Sr. Deputado António Gomes têm uma solução, eu gostaria que a apresentassem aos directores das cooperativas. A verdade é que não a apresentaram aqui.*

*O PS está satisfeito com a situação que neste momento se vive em São Jorge.*

**Deputado Renato Leal (PS):** *Todos.*

**O Orador:** *Todos. Notámos também isso.*

**Deputado Renato Leal (PS):** *Não há dúvida nenhuma!*

**O Orador:** *Eu gostaria de ressaltar um ponto, Sr. Secretário Regional da Agricultura.*

*Ontem, os directores das cooperativas reuniram-se com os architectos e disseram que enquanto este assunto não ficasse resolvido pelo Governo, viam-se obrigados a suspender as obras.*

*Sr. Secretário, quer o senhor queira, quer não, este assunto tem que ser tratado com maior clareza.*

*Coloquei-lhe um conjunto de perguntas e a verdade é que o senhor não respondeu.*

*O senhor disse que tinha reunido com o sector cooperativo em São Jorge. Sinceramente, nós não nos apercebemos dessa reunião. Das suas palavras, não conseguimos retirar conclusões que tenham a ver com ela.*

*Nós estamos preocupados e esse é um assunto que o Governo Regional tem que ter mais atenção do que tem tido até aqui.*

*Quando prometerem, têm que cumprir. É isso que as pessoas esperam, principalmente quando se trata de assuntos tão graves como este, que é os próprios directores darem o seu aval pessoal e particular a uma situação destas e depois ninguém tem nada a ver com o assunto. Não pode ser assim, Sr. Secretário.*

**Deputados Duarte Freitas e Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD e do PP)

**Deputado Osório Silva (PS):** Falou, falou, falou e não disse nada!

**Presidente:** O Sr. Secretário da Mesa informa que o Governo não tem tempo.

*O Sr. Secretário Regional pede a palavra para...?*

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Vasco Cordeiro):** Para interpelar a Mesa.

**Presidente:** Tem a palavra, Sr. Secretário.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Vasco Cordeiro):** Sr. Presidente, em primeiro lugar, perguntava se a câmara, antes desta intervenção do Sr. Deputado

*Aires Reis, tinha ou não sido informada de que o Governo já não dispunha de tempo para responder?*

**Presidente:** *Já tinha sido informada, Sr. Secretário.*

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas** (Vasco Cordeiro): *Portanto, para registar a impossibilidade do Governo responder e da consciência que o Sr. Deputado Aires Reis tinha de que o Governo não tem tempo para responder.*

**Deputado Aires Reis** (PSD): *Mas teve tempo e não quis esclarecer!*

**O Orador:** *Em segundo lugar, para questionar a Mesa se aceita receber da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas um esclarecimento que foi emitido ontem, relativo à página de jornal lida pelo Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros e que clarifica a posição da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas em relação àquele título que não é da nossa responsabilidade.*

*Muito obrigado.*

**Presidente:** *Com certeza, Sr. Secretário Regional. Aceitaremos naturalmente e faremos distribuir esse documento.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado António Gomes.*

**(\*) Deputado António Gomes** (PS): *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*O Sr. Deputado Aires Reis insiste na mesma mentira.*

*Ontem, o autor do projecto da nova unidade fabril, que ele se referia, esteve em São Jorge a apresentá-lo e a discuti-lo com os elementos da direcção.*

*Relativamente a essa história de se sentirem impotentes, no que se refere à questão financeira, para avançarem a nível da obra, isso é redondamente mentira.*

*Ontem, na apresentação do projecto discutiram-se assuntos relacionados com essa matéria e as coisas estão a percorrer o caminho certo, o percurso normal e para grande desgosto seu, porque parece que não é esse o seu interesse, a Ilha de São Jorge, brevemente, vai assistir ao lançamento da primeira pedra dessa unidade fabril.*

**Deputado Aires Reis** (PSD): *Mesmo sem projecto!*

**Deputado Mark Marques** (PSD): *“Perdoai-lhe Senhor, porque não sabe o que diz!”*

**Presidente:** *Neste momento, o Grupo Parlamentar do PSD já não dispõe de tempo.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Fernando Lopes.*

**Deputado Fernando Lopes** (PS): *Sr. Presidente, pode informar-me de quanto tempo o PS dispõe?*

**Presidente:** *Dispõe de 20 minutos, Sr. Deputado.*

**Deputado Fernando Lopes** (PS): *Muito obrigado, Sr. Presidente.*

**Presidente:** *Mas só tem 3 minutos.*

**Deputado Fernando Lopes** (PS): *Mas posso inscrever-me novamente.*

**Presidente:** *Pode.*

**Deputado Fernando Lopes** (PS): *Então já fico inscrito, para continuar a falar depois, se for necessário.*

**Deputado José Decq Mota** (PCP): *Não pode pedir esclarecimentos, porque já não há tempo para responder.*

**Deputado Fernando Lopes** (PS): *Eu vou prestar esclarecimentos.*

**Deputado José Decq Mota** (PCP): *Por que é que não pede uma interpelação ao Governo?*

*Assim está a prejudicar um grupo parlamentar que está inscrito.*

**Deputado Fernando Lopes** (PS): *Sr. Presidente, eu não sei qual é o problema.*

**Presidente:** *Pode prosseguir, Sr. Deputado. A mesa está atenta a essa situação.*

**(\*) Deputado Fernando Lopes** (PS): *Muito obrigado, Sr. Presidente.*

*Neste debate, não podia deixar de responder positivamente às minhas obrigações, obrigações como deputado, como técnico, como antigo responsável e, no que respeita a São Jorge, à obrigação como confrade da Confraria do Queijo de São*

*Jorge. Portanto, tenho a obrigação de defender o bom nome e de zelar pelos interesses.*

*Nesse âmbito, peço a palavra para prestar esclarecimentos, sobre o que se fez e o que se pode fazer no futuro em São Jorge.*

*Ao longo de muitos anos, as cooperativas de São Jorge atravessaram graves problemas financeiros que obrigaram anteriores Governos Regionais, no tempo em que era possível, a conceder avales e empréstimos – e o actual Governo Regional ainda continua a pagar, porque honra os compromissos do passado. Alguns abrangeram a Unileite, a Unicol, a CALF e as cooperativas de São Jorge.*

*O anterior Governo Regional celebrou em 2000 um protocolo com as cooperativas de São Jorge que não é mais do que um caminho a percorrer para resolver problemas antigos.*

*Foi entendido que esses problemas passavam, em primeiro lugar, por estabilizar a situação de rendimento dos lavradores de São Jorge. Daí ter-se enveredado por garantir condições financeiras para que o leite à produção fosse pago a prazos razoáveis, ou seja, a prazos consentâneos com o funcionamento normal do mercado, porque os produtores de São Jorge e os jorgenses, nos merecem esse respeito.*

*Também foi estabelecido como objectivo a reestruturação do parque industrial de São Jorge, a reestruturação das capacidades de armazenamento e de frio, por exemplo, da Uniqueijo, que, aliás, já está feito. As câmaras frigoríficas que na altura eram insuficientes, e que levavam a que o queijo de São Jorge se degradasse na sua qualidade, se amontoasse pelos corredores, se enchesse de ácaros, no fundo, degradando o seu bom nome, foram aumentadas e, hoje em dia, segundo me dizem, a capacidade de armazenagem da Uniqueijo, foi melhorada com reflexos positivos na qualidade do queijo de São Jorge.*

*Há caminho a percorrer'*

*Há sim, senhor.*

*Eu defendo e continuarei a defender que há um caminho a percorrer, no que respeita à reestruturação do tecido industrial de São Jorge.*



*É necessário dar passos tecnológicos em frente sem degradar e sem perder a especificidade do queijo de São Jorge, mas isso implica, por exemplo, investir num parque industrial novo, com capacidade não só para produzir o queijo de São Jorge, tal qual ele existe, mas para produzir novas linhas de produto que garantam a competitividade do sector de lacticínio em São Jorge.*

**Presidente:** *Sr. Deputado, agradecia que terminasse.*

**O Orador:** *Isso passa, por exemplo, pela nova fábrica dos Lourais, pela nova capacidade industrial no âmbito da Uniqueijo.*

*Neste momento, como se sabe, existem duas realidades em termos de uniões de cooperativas, existe a Uniqueijo que envolve todas as cooperativas, excepto os Lourais.*

*Portanto, neste dois domínios, que são duas realidades cooperativas, é preciso fazer esta reestruturação.*

*Sr. Presidente, termino por aqui, mas volto a inscrever-me.*

**Presidente:** Srs. Deputados, tenho inscrito desde o primeiro momento o Sr. Deputado José Decq Mota para proferir uma intervenção.  
Tem a palavra para o efeito.

*(Pausa)*

O Sr. Deputado Fernando Lopes pede a palavra para...?

**Deputado Fernando Lopes (PS):** Sr. Presidente, pedi para voltar a me inscrever. Penso que o Partido Socialista ainda tem tempo.

**Presidente:** Desculpe, Sr. Deputado. Eu não percebi isso.

Pensei que tinha concluído.

Tinha pedido a palavra para...

**Deputado Fernando Lopes (PS):** Para continuar a prestar esclarecimentos.

**Presidente:** Tem a palavra para o efeito.

*(Aparte inaudível do Deputado José Decq Mota)*

**Presidente:** Um momento, Sr. Deputado.

Não é fácil entender o seu pedido, porque assim sendo as pessoas do mesmo partido inscreviam-se sucessivamente para pedidos de esclarecimentos.

Não me parece bem essa solução.

Creio que podemos abordar isso numa Conferência de Líderes para ficar perfeitamente esclarecido.

O Sr. Deputado José Decq Mota pede a palavra para...?

(\* **Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, quando V. Exa. me deu a palavra, nos dez minutos que tenho das duas horas, julguei que o debate tinha acabado por esgotamento das inscrições.

Evidentemente que a pretensão que o Sr. Deputado Fernando Lopes coloca – intervém, senta-se, inscreve-se novamente sem outro orador o anteceder e assim sucessivamente até esgotar os 20 minutos do Partido Socialista – é contra a letra e o espírito do Regimento no pedido e prestação de esclarecimentos.

**Presidente:** Pois era exactamente essa a reflexão que eu estava a fazer.

Tem a palavra o Sr. Deputado Fernando Lopes.

(\* **Deputado Fernando Lopes (PS):** Sr. Presidente, não é minha intenção prejudicar a intervenção do Sr. Deputado José Decq Mota, como bem entende.

Eu considero que o Partido Socialista não esgotou o seu tempo.

Eu inscrevi-me sempre ao longo do debate.

Fui utilizando o meu direito de palavra, sempre que me foi dada.

Deixei de falar e sentei-me sempre que me mandaram.

Penso que continuo, em termos de Regimento desta Casa, a ter direito.

De qualquer forma, quero aqui dizer que não querendo prejudicar o Sr. Deputado Decq Mota, eu prescindo da minha inscrição, mas não renuncio esta interpretação que aqui volto a repetir.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Acho que este assunto tem que ser clarificado na Conferência de Líderes.

Entretanto dava a palavra ao Sr. Deputado Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Matérias há que não sendo da competência constitucional e estatutária desta Assembleia, é nossa obrigação ter sobre elas opinião e posição e é nossa obrigação actuar, com a legitimidade que os representantes eleitos têm, no sentido de sobre essas questões serem encontradas soluções justas e adequadas.

Naturalmente que se têm que incluir de entre essas matérias, aquelas que dizem respeito à repercussão da política de Defesa na Região Autónoma dos Açores.

Cabe aos Órgãos de Soberania definir a política de defesa e cabe ao Governo da República providenciar a sua execução. Não pode deixar de caber aos Órgãos da Região Autónoma dos Açores e aos seus membros, incluindo os deputados regionais, terem opinião e defenderem posições sobre as consequências, os actos e as omissões resultantes dessa política de defesa, no que toca à nossa Região e às suas ilhas.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Vem estas considerações a propósito da notícia, já divulgada na Revista da Armada de Novembro de 2003, segundo a qual a Estação Rádio Naval da Horta será desactivada e extinta em 2005.

Perante esta notícia as posições mais simples são as de dizer que “o assunto não é da nossa competência”, ponto final; ou a de dizer que “se vai ser desactivada é porque não é precisa”; ou ainda de dizer “se vai ser desactivada é que há razões técnicas para isso”. Se é verdade que essa é a posição mais fácil, não é menos verdade que é também, na minha óptica, a posição menos própria para qualquer representante eleito que se preze de exercer com rigor o seu mandato de representação.

Foi nesta linha de pensamento que, como Deputado Regional, procurei estudar, com a maior profundidade possível, esta questão, para, sobre ela, poder fazer um juízo seguro.

Apurei assim que está em curso um Programa de Modernização das Estações Radionavais da Marinha de Guerra; que esse Programa reduz a três as ERNs; que essas três ERNs se situam no Continente, na Região Autónoma da Madeira (Porto

Santo) e nos Açores. Compilei toda a documentação possível, sobre esse Programa, contactei já há quase três anos o Estado Maior da Armada e conclui que na primeira versão desse Programa a ERN moderna a existir nos Açores seria a da Horta, devidamente actualizada, logo de seguida os documentos oficiais durante vários anos referiam-se, só e apenas, à Estação Rádio Naval dos Açores sem indicar localização e desde Novembro passado referem a nova Estação Rádio Naval dos Açores como localizada em Ponta Delgada.

Depois de recolher informação pedi opiniões e procurei apurar razões. Estabeleci contacto com diversos oficiais da Armada que conhecem o problema ou pertencem a esta área de especialização. Inteirei-me, tanto quanto possível, das características técnicas e das exigências que se colocam à nova rede de comunicações navais. Pedi e obtive opiniões técnicas especializadas. Escrevi, na qualidade de Deputado Regional, ao CEMA em 29/06/2001 e recebi, nessa altura, a resposta de que não havia qualquer decisão definitiva pela parte do Ministério da Defesa.

Apresentei em 2003 as minhas preocupações sobre esta matéria ao Senhor Ministro da República. Vim a público, na imprensa, em 2003, **expressar a minha opinião e que se resume à ideia central de que não há vantagens nem necessidade técnica imperiosa de desactivar a Estação Rádio Naval da Horta e substituí-la por outra totalmente nova.**

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Cabe-me explicar, com clareza as razões porque penso assim e começaria por dizer que só não defenderia a permanência da Estação Rádio Naval dos Açores na Horta se houvesse razões técnico-militares inultrapassáveis que assim o determinasse. Atrevo-me porém a dizer, estribado em opiniões de oficiais generais superiores, alguns dos quais conhecedores de perto da situação, que essas razões técnicas não existem.

Lembro, inclusivamente, que nos ainda bem próximos anos da década de 90, foi feito um elevadíssimo investimento técnico na Estação Rádio Naval da Horta, investimento esse apropriado à condição que ela hoje tem de segunda Rádio Naval do País e investimento esse também, considerado na altura essencial, como preparatório da modernização mais profunda prevista para depois.

Na opinião de alguns conhecedores da política de defesa em vigor a decisão de abandonar todo o património e todas as condições técnicas existentes na Estação Rádio Naval da Horta prende-se, no essencial, com a filosofia reinante de concentração das estruturas militares ligando-se essa filosofia a considerações orçamentais distorcidas, uma vez que a desactivação daquela que é efectivamente a 2ª Rádio Naval do País, obriga a investimentos imediatos muito mais vultuosos dos que teriam que ser feitos na actualização dela.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Chegados aqui, queria dizer, com toda a energia, que, por muitas razões discordo completamente dessa política de concentração de estruturas militares, desde logo porque ela limita e reduz drasticamente os efeitos e impactos económicos internos, em várias zonas do País e da Região, decorrentes da necessidade nacional que é a própria existência das Forças Armadas.

Para uma cidade como a Horta e para a sua economia não é indiferente ter ou não ter uma unidade técnico-militar deste tipo. Mesmo que a futura Rádio Naval tenha um efectivo menor do que o da actual Rádio Naval da Horta – essa redução será de 50% – são dezenas de famílias que deixam de viver neste meio.

Mas se isto é válido para esta situação é também válido certamente para outras. Esta modernização com concentração, decidida pelo poder político, custa muitos milhões de contos em infra-estruturas que se constroem e em infra-estruturas que se abandonam e diminui fortemente os impactos indirectos nas economias locais do Orçamento da Defesa, orçamento esse que nos custa a todos que somos cidadãos deste País.

Mas a este respeito gostaria de vos dizer o mesmo, que disse ao Almirante Chefe Estado Maior da Armada em carta que lhe enviei em 2001.

“Não ponho na minha actividade pública nenhuma índole bairrista ou qualquer sentimento estreito de ilha, mas não posso deixar de pensar que a presença de uma unidade militar como a Rádio Naval da Horta, numa cidade de 8.000 habitantes e numa ilha de 15.000 habitantes tem uma enorme importância económica e social para a ilha que represento como deputado.

Não desconheço os problemas orçamentais que o poder político tem colocado às Forças Armadas em geral e à Marinha em particular e considero um erro grave, imputável ao poder político, a progressiva diminuição da presença da Marinha, dos meios navais e das infra-estruturas navais na Região Autónoma dos Açores.

Concentrar hoje numa só das cidades e portos dos Açores a quase totalidade das infra-estruturas da Marinha no Arquipélago seria, na minha modesta opinião, acentuar os erros que têm sido cometidos em virtude da insuficiência orçamental.

Espero que, no plano político, venha a haver a lucidez suficiente para se perceber que a Marinha tem que ter nos Açores os meios navais, humanos e infraestruturais necessários ao cumprimento das suas missões. Tem que haver a lucidez de se perceber, aqui na Região e nos Órgãos de Soberania, que não há Serviço de Protecção Civil, por muito bom que seja, que possa dispensar nos momentos de crise a colaboração e acção sempre decisiva das Forças Armadas em geral e no caso do Arquipélago dos Açores, da Marinha em especial.”

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Penso que estas opiniões são válidas, quer em relação ao caso que aqui trouxe sobre a RNH, mas que também são válidas para a dramática falta de meios navais e infra-estruturas com que a Marinha se debate nos Açores.

Assistimos por estes dias a essa estranha tentativa de desresponsabilização política por parte de membros do Governo da República, quanto às exigências de fiscalização da ZEE.

Não é de estranhar, quando durante 30 anos, quase nada se fez para substituir as Corvetas construídas e concebidas para actuarem nas antigas Colónias que exista a concepção de reduzir, concentrar e ignorar a importância que um ramo militar como a Marinha tem numa Região Insular como a nossa.

Do actual Governo da República e do seu Ministro da Defesa ainda nada se viu de importante para os Açores, para além de palavras e de decisões que são de concentração e de redução de meios.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

A Estação Rádio Naval da Horta iniciou o seu funcionamento em 30 de Junho de 1928, tendo sido alargada e remodelada em 1937 e depois, em mais larga escala, nos

anos 50 e 60. Do ponto de vista do seu enquadramento nas comunicações militares navais teve, por muito tempo, o 1º papel no contexto dos Açores, diminuiu de importância e efectivo em finais dos anos 60 e nos anos 70, recuperou a sua importância e alargou de efectivos nos anos 80 e consolidou-se como Rádio Naval de primeira importância nos anos 90.

É curioso registar, recorrendo aos anuais do Município da Horta, de Marcelino Lima, que no início de 1925 sabendo a Câmara Municipal da Horta que o Ministério da Marinha pretendia instalar uma estação rádio de grande potência nos Açores, provavelmente no Faial, decidiu adquirir o terreno e entregá-lo ao Governo para esse efeito.

Foi a oferta aceite pelo Governo em Novembro de 1925, para ser celebrada uma escritura em 7 de Abril de 1927 onde se estabeleceram todas as condições dessa cedência e respectiva instalação. Assinaram essa escritura, a representar o Ministério da Marinha, o capitão do Porto da Horta, Capitão de Fragata José Pacheco da Costa Salema e pela Câmara da Horta, o seu Presidente Fernando da Costa.

É curioso registar a compreensão que a Câmara da altura demonstrou ter sobre a importância da instalação de uma unidade técnico-militar daquela natureza.

Espero sinceramente que a Câmara Municipal da Horta de hoje, bem como as entidades representativas da hoje existente Região Autónoma dos Açores, saibam e queiram, não existindo razões sérias de natureza técnica, defender a permanência na Horta da Estação Rádio Naval da Horta dos Açores.

Pela parte que me toca, bem como ao meu Grupo Parlamentar, continuaremos a desenvolver todos os esforços nesse sentido.

Espero, sinceramente, que ainda seja possível evitar mais este mau serviço que o Governo da República do PSD e do PP quer prestar a esta ilha do Faial.

Disse.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Srs. Deputados, atingida a hora regimental para almoço, vamos suspender os nossos trabalhos e retomaremos às 15 horas.

*(Eram 13 horas e 05 minutos)*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos reiniciar os nossos trabalhos.

*(Eram 15 horas e 20 minutos)*

Quando interrompemos os nossos trabalhos, tinha inscrito para participar no debate sobre a intervenção do Sr. Deputado José Decq Mota, os Srs. Deputados Renato Leal e Alvarino Pinheiro.

Tem a palavra o Sr. Deputado Renato Leal.

**(\*) Deputado Renato Leal (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sra. e Srs. Secretários:

Muito rapidamente para manifestar a minha concordância com a intervenção que o Sr. Deputado Decq Mota proferiu no final da manhã e para, na qualidade de deputado eleito pelo círculo do Faial, dizer que tem sido minha preocupação, ao longo dos anos, tentar fazer tudo o quanto é possível para que a Estação Rádio Naval da Horta não desapareça tão rapidamente como, por vezes, se quer fazer crer que irá acontecer.

Tanto quanto me apercebi dos contactos que tenho tido ao longo dos anos, alguns dos quais informais ainda no decurso da semana passada, com a promessa de antes do final do mês, em Lisboa, voltarmos a ter mais algum esclarecimento sobre esta matéria, há uma intenção muito forte, sob a capa da modernização e da reestruturação, de retirar a Estação Rádio Naval da Horta desta ilha.

Por uma questão meramente informativa, tenho a sensação de que essa intenção não se irá concretizar tão rapidamente como seria intenção de alguns.

Sei que têm surgido algumas dificuldades nesse sentido e que os interesses em causa e as implicações logísticas que isso poderá ter, poderão fazer com que a situação demore a ser concretizada.

Tenho algumas informações que para mim, por vezes, me parecem contraditórias.

Há, por vezes, alguns que me dizem que a certidão de óbito já está assinada e é isso que tentarei aprovar ainda antes do final deste mês. Outros dizem que não, que há um estudo de uma universidade do litoral norte do país que indicia que as condições



técnicas de outra ilha dos Açores serão melhores do que as da nossa ilha, o que me dizem que é um assunto que dada a sua natureza técnica é facilmente rebatível.

Nessas circunstâncias continuo empenhado em fazer tudo aquilo que estiver ao meu alcance para que isso não venha a acontecer, porquanto nós temos um exemplo muito próximo. Embora hoje ou anteontem já seja quase como que a Idade Média, infelizmente o que aconteceu na ilha das Flores, quer com a saída da Estação Rádio Naval, quer com a quase concomitante saída dos franceses, veio, não ao nível da defesa ou das comunicações, mas ao nível das implicações sócio-económicas, trazer um exemplo, sobre o qual todos nós temos que reflectir com o maior empenhamento e com a máxima seriedade.

Nessas circunstâncias parece-me que não seria despiciendo que se tentasse ouvir o que a principal autoridade militar tem a dizer sobre essa matéria.

Da mesma forma que sob a figura da petição temos vindo nos últimos anos a promover uma série de audições junto de determinadas entidades, a Comissão da Assembleia Legislativa Regional que tem esta matéria a seu cargo, devia promover uma audição ao principal responsável das Forças Armadas nos Açores, designadamente na área da Marinha, para sabermos concretamente qual o ponto de situação sobre um assunto que tem implicações a todos os níveis, conforme o Sr. Deputado Decq Mota referiu na sua intervenção (defesa, comunicações e, sobretudo, sócio-económico).

Não querendo me afastar, porque sou um dos críticos quando alguém se afasta do assunto fundamental da intervenção, e porque tem a ver com a presença militar nesta terra, gostaria de referir que o que se anda a passar nos últimos tempos relativamente à presença do exército na nossa ilha, é também motivo de fortíssima preocupação, tanto mais que os últimos militares que têm vindo cá tratar deste assunto, têm feito o possível por chegar de pantufas e sair em silêncio, o que normalmente indicia que não têm uma boa notícia a deixar aos residentes desta ilha.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

Chamo a sua atenção para o tempo, uma vez que dispõe apenas de 1 minuto.

(\*) **Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

*Neste escasso minuto que disponho queria registar e agradecer as palavras do Sr. Deputado Renato Leal.*

*Gostaria também de manifestar a opinião de que não devemos encarar esta situação, estas notícias e estas informações como uma causa perdida, como um facto absolutamente consumado.*

*Daí que todas as sugestões, como algumas que o Sr. Deputado Renato Leal fez, para que esta sociedade e os seus órgãos políticos possam movimentar-se no sentido de apurar e encaminhar uma boa e justa resolução deste problema, merecem o apoio desta bancada e, pessoalmente, o meu apoio.*

*Aliás, devo dizer que, como se viu, por aquilo que tive oportunidade de vos relatar, ando há vários anos à volta desta matéria com multiplicidade de contactos.*

*Partilho da opinião de que a complexidade e o volume de verbas ligado a esta operação, que é o desmantelamento daquela que hoje é a segunda Rádio Naval do país, para criação de raiz de uma outra, é uma operação de uma envergadura financeira de tal forma grande que certamente não está absolutamente líquida que seja feita.*

*Penso que é irracional e que nos devemos unir todos neste sentido.*

*Gostava de poder vir a aplaudir a Câmara Municipal da Horta, se neste ano e nos próximos, pudesse ter a lucidez que a de 1925 teve, quando, sem ninguém lhe pedir, mandou dizer para Lisboa que tinha comprado o terreno para instalar a Estação cá.*

*Também penso que as autoridades regionais têm uma palavra a dizer sobre isso.*

*Sr. Deputado Renato Leal, partilho das mesmas preocupações que manifestou perante esta Câmara.*

*Muito obrigado.*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Renato Leal.

**(\*) Deputado Renato Leal (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sra. e Srs. Secretários:

*Farei um esforço para que na minha intervenção não deixe o Sr. Deputado José Decq Mota numa situação de incomodidade regimental.*

*Apenas gostaria de referir que as minhas preocupações têm a ver não só com tudo o quanto já foi referido, mas porque sensivelmente a meio de Janeiro, mais concretamente no dia 19, certo hebdomadário da Ilha do Arcaño, publicou, também como de pantufas, uma notícia intitulada mais eficácia e menores custos, tendo por cima “NATO ajuda marinha a modernizar Estações Rádio Navais dos Açores” em que, aqui sim, a certidão de óbito está assinada, mas o morto está congelado à espera de melhor oportunidade para se fazer o funeral e mandar celebrar a missa do 7º Dia.*

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.*

**(\*) Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*O Grupo Parlamentar do CDS/PP gostaria de se associar à reflexão que está a ser feita sobre a questão que envolve o futuro da Rádio Naval da Horta.*

*O tempo, como bem advertiu o Sr. Presidente da Assembleia, não nos permite expor como gostaríamos toda a nossa perspectiva sobre essa matéria.*

*Seja como for e na linha do que foi aqui apresentado pelo Sr. Deputado José Decq Mota e desenvolvido pelo Deputado Renato Leal, queríamos manifestar a nossa expectativa de que sendo uma questão reflectida, por aquilo que nos é dado saber, há longo tempo, no seio das entidades militares competentes e entidades técnicas, seria desejável que o desfecho que vier a existir nessa área, pudesse acautelar legítimas preocupações sociais expressas com rigor e com seriedade por parte de uma comunidade que tem um historial nesse tipo de prestação de serviços e que pela sua dimensão e pela sua fragilidade, obviamente, não pode ficar indiferente, sob o ponto de vista social e económico, a qualquer alteração que decorra da história e que eventualmente não viesse a ser favorável.*

*Eu registava a forma muito rigorosa como o Sr. Deputado Renato Leal colocou a questão, pela sua experiência nesse domínio.*

*Salientava que ao longo da história, os Açores já passou por situações que não eram esperadas, que ocorreram e que trouxeram repercussões negativas em relação a algumas comunidades. Lembro o caso da Ilha das Flores, o impacto fortíssimo que as alterações técnicas, na altura, acarretaram naquela pequena comunidade.*

*Desejamos que, sob o ponto de vista técnico, seja possível encontrar uma solução em que o Faial continue a prestar um serviço histórico e de grande utilidade, até porque o impacto económico e social destas matérias existe em relação ao Faial, mas não existiria, por exemplo, em relação a São Miguel. A existir seria pela negativa, na medida em que existem impactos, sob o ponto de vista da utilização do solo e do espaço, que são inerentes a uma actividade como esta e que afectam negativamente a urbanização e o ordenamento do território, numa ilha onde há interesses legítimos nesse domínio.*

*Por outro lado, novas soluções tecnológicas reduzem de forma drástica o número de efectivos afectos a essa actividade que neste momento é relativamente significativa para a Ilha do Faial. Soluções de outra tecnologia deixariam de ser tão significativas.*

*Seja como for, gostaríamos de nos associar a essa legítima preocupação e ao desejo de que seja possível conciliar objectivos técnicos com preocupações económicas e sociais, nomeadamente em relação à comunidade faialense.*

*Sr. Presidente, obrigado pela tolerância e de ter permitido ao Grupo Parlamentar expor, embora sucintamente, o seu ponto de vista.*

**Presidente:** *De facto, usei de alguma benevolência, mas espero que V. Exa. possa interferir ao nível político em relação a esta matéria, considerando o titular da questão em apreço.*

*Terminámos o período de tratamento de assuntos de interesse político. Passamos à*  
**Agenda da Reunião.**

*O primeiro ponto diz respeito à*  
**Proposta de Decreto Legislativo Regional – “Regime dos percursos pedestres recomendados na Região Autónoma dos Açores”.**

*Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.*

**Secretário Regional da Economia** (Duarte Ponte): *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*Em breves palavras gostaria de explicar um pouco a importância deste Decreto Legislativo Regional, quais os seus objectivos e a filosofia que está por detrás dele.*

*Como é sabido, a qualidade do ambiente, a beleza das paisagens, o turismo de natureza, o ecológico e ambiental são produtos turísticos da Região Autónoma dos Açores extremamente importantes, porque caracterizam a nossa Região.*

*Os turistas que vêm aos Açores procuram a qualidade ambiental, a beleza das nossas paisagens, a nossa cultura e o nosso património construído e natural.*

*Como é sabido, existem turistas que se dirigem aos Açores apenas para percorrer os trilhos turísticos. Fazem-no em todo o mundo, mas os Açores têm especial vocação para esse efeito.*

*É natural e normal encontrar-se, por exemplo, grupos de estrangeiros a percorrer o trilho da Caldeira de Santo Cristo, com guias que vêm de fora propositadamente, o do Sanguinho ou as veredas que existem nas Fajãs das Flores, em São Jorge e no Pico. Enfim, trilhos extremamente bonitos que existem nas nossas ilhas e que são muito atractivos para os turistas que nos visitam.*

*É importante regulamentar toda esta actividade.*

*Neste momento, existem diversas entidades que de certo modo promovem determinados trilhos turísticos (Câmara Municipais, Juntas de Freguesia, privados, departamentos governamentais, como seja o Ambiente, os Serviços Florestais, a Secretaria Regional da Economia através da Direcção Regional do Turismo) e há que criar uma legislação que permita definir e regulamentar toda esta actividade criando qualidade para os trilhos que nós consideramos os recomendados ou os classificados da Região Autónoma dos Açores.*

*Podem ser feitos milhares de trilhos turísticos na Região Autónoma dos Açores, mas nós queremos que eles sejam recomendados ou classificados, que tenham um*

*elevado patamar de qualidade para que os turistas que nos visitem e que vão visitar esses trilhos saiam dos Açores com satisfação.*

*Não existe a nível nacional nenhuma legislação que regulamente esta actividade.*

*Existe a Federação de Campismo e Caravanismo que, de certo modo, tem a competência de sinalizar os trilhos turísticos, que adopta uma sinalética internacional.*

*Também existe um Decreto Legislativo Regional na Madeira que aplica, de certo modo, esta sinalética àquela ilha.*

*Na Região Autónoma dos Açores nós queríamos ir um pouco mais além e tentar criar uma Comissão que unisse essas diversas entidades para todos os anos fazer uma avaliação dos diversos trilhos turísticos, propor alterações, propor ao Governo a inclusão deste ou daquele trilho turístico e verificar se os que existem têm a qualidade que nós todos pretendemos.*

*Existem patamares mínimos de qualidade que precisam de ser tidos em conta quando se pretende fazer um trilho turístico. Eles não podem ter uma percentagem muito elevada de asfalto, não podem ter antenas, postos de alta tensão, têm que ter uma beleza natural importante e algo que faça com que os turistas ao visitarem aquele trilho se sintam agradáveis.*

*Para isso nós criámos um Decreto Legislativo Regional que tem diversos objectivos, entre eles, como se processa a classificação, quais são os produtores, como se processa a sinalização, a manutenção e criámos uma Comissão de Acompanhamento dos Percursos Pedestres que reputo extremamente importante que, no fundo, visa organizar, sistematizar e tornar comparável os trilhos das diversas ilhas dos Açores.*

*Há trilhos que neste momento são feitos por determinadas Juntas de Freguesia que não têm qualidade, mas por indicação das pessoas, se se alterar o percurso e orientá-los noutra sentido, se calhar eles ficam com a qualidade que nós esperamos.*

*Há outros trilhos turísticos que poderiam ser incluídos no conjunto de trilhos que nós temos e que anda à volta dos 36, mas nós não conhecemos. As Juntas de*

*Freguesia ou as Câmaras Municipais conhecem melhor do que nós. Temos que perceber que temos 19 concelhos na nossa Região e quem vive nos diversos concelhos conhece com maior profundidade quais os atalhos, as veredas antigas que têm uma beleza especial e que devem ser incluídas nos trilhos turísticos recomendados da Região Autónoma dos Açores.*

*Foi esta filosofia geral que quis legislar e para isso fiz uma proposta de Decreto Legislativo Regional que foi posta a consulta pelas diversas entidades, teve uma primeira versão. Depois, houve uma segunda versão devido às sugestões feitas pelas diversas entidades.*

*Eu penso que se atingiu um patamar de consensualização tão grande quanto possível. Com certeza que haverá sempre alguém que discorde deste ou daquele pormenor, mas na realidade penso que temos aqui um Decreto Legislativo Regional que une as diversas entidades e que trará vantagem se sistematizar todo o entendimento que temos sobre este assunto.*

*Tive oportunidade de ser ouvido pela Comissão de Economia. Julgo que esta Comissão fez um excelente trabalho sobre este Decreto Legislativo Regional.*

*Penso que os consensos adquiridos são importantes.*

*As modificações feitas pela Comissão de Economia são importantes e vêm melhorar o Decreto Legislativo Regional.*

*Basicamente era isto que pretendia dizer sobre este Decreto Legislativo Regional.*

*Muito obrigado.*

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Campos.*

**(\*) Deputado Manuel Campos (PS):** *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*A Comissão de Economia reuniu para discutir e analisar esta Proposta de Decreto Legislativo Regional.*

*No âmbito das suas reuniões foi consensual que havia necessidade efectiva de regulamentação dos trilhos e percursos pedestres existentes na Região, que a partir*

*de hoje, do ponto de vista formal, passarão a tratar-se por percursos pedestres classificados.*

*Foram analisados os pareceres de associações mais ligadas a esta actividade, nomeadamente “Os Montanheiros” da Ilha Terceira, “Os Amigos dos Açores” de São Miguel e a “Associação Azorica” do Faial. Também foi pedido parecer à Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores.*

*Não temos dúvidas que é mais um produto turístico de valorização desta Região e o objectivo deste diploma é regulamentar dentro de uma linguagem, por enquanto, nacional, dado que as próprias associações do sector, quer a Federação Portuguesa de Campismos, quer as Associações Nacionais de Pedestrianismo, não têm ainda, no âmbito europeu, uma linguagem única no que respeita à sinalização e informação, mas a nível nacional a intenção é já nesse sentido.*

*Indo por aí, pensamos que estamos bem e que será essa a via mais correcta.*

*Relativamente ao diploma há alterações num número significativo de artigos que se prendem mais com uma questão de forma e de acerto relativamente aos tratamentos técnicos que devem constar do articulado do diploma, no caso, creio de uma epígrafe.*

*Em relação ao artigo 12º, que se refere à Comissão de Acompanhamento, houve a preocupação de a tornar o mais abrangente possível, para que as diferentes sensibilidades se possam expressar quando esta Comissão reúna.*

*Naturalmente que a posição do Grupo Parlamentar do Partido Socialista será de voto favorável a este diploma.*

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Arruda.*

**(\*) Deputado Manuel Arruda (PSD):** *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:*

*O Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata entende que este é um diploma oportuno, uma vez que visa preencher uma lacuna existente e pretende disciplinar*



*uma actividade onde, felizmente, cada vez mais se tem vindo a verificar uma maior procura por parte daqueles que nos visitam.*

*É evidente que não é alheio à aptidão natural que as nossas ilhas têm para estes trilhos turísticos.*

**Deputado José San-Bento (PS):** *A promoção também interessa!*

**O Orador:** *É a sua opinião. Na minha opinião, a primeira questão é a aptidão natural das nossas ilhas e o Governo, bem como os agentes privados, têm vindo a fazer a promoção necessária para que nos possamos desenvolver e tornar as nossas ilhas mais apetecíveis àqueles que nos visitam e que tenham um tempo de permanência superior nos Açores com as consequentes vantagens para a economia regional.*

*Gostaria igualmente de salientar o bom trabalho que foi feito pela Comissão de Economia, ouvindo os diversos parceiros nesta área. Apesar do parecer da Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores ter chegado fora de tempo, foi considerado útil, contrariamente ao que o Partido Socialista entendeu no diploma que anteriormente discutimos.*

*Consideramos este aspecto positivo e possibilitou que se tivesse chegado a um diploma consensual que trará grandes benefícios para a Região Autónoma dos Açores e para aqueles que nos visitam.*

*Obrigado.*

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.*

**(\*) Deputado José Decq Mota (PCP):** *Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:*

*Uma brevíssima intervenção para declarar a concordância e o apoio do Grupo Parlamentar do PCP em relação a este diploma.*

*Embora não estivesse presente na Comissão no dia em que o processo foi fechado, estive no dia em que ele foi debatido.*

*Naquilo que posso testemunhar, o debate em Comissão melhorou alguns aspectos formais do diploma e introduziu uma ou outra questão de substância que melhorou fortemente aquilo que era inicialmente proposto.*

*Estamos perante uma iniciativa louvável do Governo.*

*Estamos perante um trabalho correcto e rigoroso da Comissão de Economia que está em condições de ser aprovado na generalidade e na especialidade.*

*Muito obrigado.*

**Presidente:** *Não havendo mais intervenções sobre esta matéria, vamos proceder à votação na generalidade.*

*Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.*

**Secretário:** *Na generalidade, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada por unanimidade.*

**Presidente:** *Passamos à análise na especialidade. Temos uma série de alterações que vêm da Comissão.*

*Se não houver oposição da câmara, gostaria de considerar a proposta relativa ao preâmbulo consensualmente aceite, acrescentando apenas duas ou três palavras que a comissão de redacção se encarregaria.*

*Relativamente aos artigos existem várias alterações propostas pela Comissão e subscritas pelo Grupo Parlamentar do PS, conforme documento que eu já tenho na Mesa.*

*Artigo 1º. Está aberta a discussão.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Campos.*

**Deputado Manuel Campos (PS):** *Sr. Presidente, na sequência da intervenção do Sr. Deputado José Decq Mota, dado que as alterações são consensuais, não sei se dispensaria a necessidade da discussão de artigo a artigo.*

**Presidente:** *A Mesa está sempre disponível para economias processuais.*

*Se estão de acordo, poria à discussão todas as alterações para os artigos 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º-A, 12º, 14º, 15º, 16º, 17º e 18º-A.*

*(Pausa)*

*Não havendo intervenções, vamos passar à votação.*

*Os Srs. Deputados que concordam com as alterações propostas, por favor mantenham-se como se encontram.*

**Secretário:** *As propostas de alteração postas à votação foram aprovadas por unanimidade.*

**Presidente:** *Votemos de seguida os respectivos artigos que foram objecto das alterações.*

*Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.*

**Secretário:** *Os artigos anunciados foram aprovados por unanimidade.*

**Presidente:** *Passamos à votação dos artigos que não sofreram alterações, ou seja, os artigos 6º, 11º, 13º e 18º.*

*Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.*

**Secretário:** *Os artigos anunciados foram aprovados por unanimidade.*

**Presidente:** *Passamos agora às propostas de aditamento para os artigos 11º-A e 18-A.*

*Está aberto o debate.*

*(Pausa)*

*Não havendo intervenções, vamos passar à votação.*

*Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.*

**Secretário:** *As propostas de aditamento foram aprovadas por unanimidade.*

**Presidente:** *Votemos de seguida a proposta de eliminação do artigo 4º.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A proposta de eliminação foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Em votação final global, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos ao ponto seguinte – **Proposta de Resolução – “Estatuto e Quadro de Pessoal dos Serviços do Provedor da Criança Acolhida”**.

Para apresentar o diploma tem a palavra a Sra. Deputada Nélia Amaral.

(\*) **Deputada Nélia Amaral (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Esta Proposta de Resolução apresentada pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista surge na sequência lógica da aprovação por esta Assembleia, e subsequente publicação, do Decreto Legislativo Regional 2/2004/A, de 23 de Janeiro, que “Cria o Provedor da Criança Acolhida”.

Visa assegurar que sejam criadas as condições que consideramos fundamentais para o bom desempenho das suas funções, assegurando que a sua acção seja verdadeiramente consequente.

Quer isto dizer que a existência deste novo órgão representa um contributo significativo para a promoção dos direitos e protecção de cada uma das 580 crianças acolhidas em instituições da nossa Região.

A Proposta de Resolução em apreciação reflecte ainda um claro entendimento sobre a complexidade inerente à promoção do principal objectivo deste novo órgão, a defesa daquilo a que se convencionou chamar o superior interesse da criança.

Assim, propõe-se chamar a esta mesma tarefa não só um adequado nível de competências técnicas mas também várias frentes do saber potenciando desta forma abordagens técnicas, por um lado, especializadas, mas também diferenciadas, promovendo um confronto de perspectivas que em complementaridade conduzam a novas consciências, a uma visão integrada da criança e da criança em situação de acolhimento em particular, ao alargamento de horizontes e ao perspectivar de linhas

de acção mais corresponsabilizadoras e que tenham sempre e cada vez mais a criança como protagonista.

Propõe-se, assim, que o Quadro de Pessoal dos serviços do Provedor da Criança Acolhida integre, para além de um administrativo e de um auxiliar, três técnicos superiores licenciados em direito, psicologia e políticas sociais ou serviço social, que constituam a equipa pluridisciplinar anteriormente referida.

Para a especialidade existe uma proposta de alteração aprovada por unanimidade em sede de comissão, que se refere ao anexo, mais concretamente à a) e que tem por objectivo clarificar a composição da equipa técnica assegurando precisamente esse cariz pluridisciplinar, que eu diria, de toda a conveniência ou mesmo de necessidade imperativa e que julgo ter já justificado.

Obrigada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

(\* **Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo Regional:

Quando instituímos na Assembleia Legislativa Regional o Provedor da Criança Acolhida, naturalmente era necessário que houvesse a possibilidade imediata de determinar um quadro de pessoal e um estatuto próprio para essa instituição criada.

Consideramos a proposta apresentada razoável.

A existência de um quadro de pessoal de 5 pessoas, conforme foi referido, está dentro daquilo que é necessário e suficiente para que se possam cumprir os objectivos aqui determinados.

Foi feita uma análise pormenorizada do assunto. Houve uma aprovação unânime em comissão.

Portanto, vamos manter a posição que tínhamos, porque consideramos que é uma matéria necessária legislar, através de resolução.

Por outro lado, pensamos que a partir desta legislação há todas as condições para que seja posto em funcionamento o Provedor da Criança Acolhida conjuntamente com o seu respectivo gabinete.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Bento Barcelos.

**Deputado Bento Barcelos (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Na sequência da aprovação do diploma que cria o Provedor da Criança Acolhida, importava criar um diploma para o Estatuto e o Quadro de Pessoal, o qual foi objecto de apreciação da Comissão e obteve uma apreciação consensual das bancadas, nomeadamente do Partido Social Democrata.

Aprovada esta resolução importa dar início às suas funções para benefício e protecção das crianças acolhidas em instituições.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, na generalidade, com esta Proposta de Resolução, mantenham-se por favor como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi aprovada, na generalidade, por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à votação na especialidade.

Há uma proposta de alteração vinda da Comissão e subscrita pelo PS, para o anexo a que se refere o artigo 3º.

Se os Srs. Deputados não vissem inconveniente, colocava à votação os artigos 1º, 2º e 4º.

Está aberto o debate.

*(Pausa)*

Não havendo intervenções, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Os artigos 1º, 2º e 4º foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Votemos de seguida a proposta de alteração para o artigo 3º.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A proposta de alteração para o artigo 3º foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Votemos de seguida a parte restante do artigo 3º.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O artigo 3º foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Em votação final global, a Proposta de Resolução foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Esta proposta, tal como a outra, baixa à comissão para redacção final.

Passamos ao diploma seguinte: **Proposta de Decreto Legislativo Regional – Bases de regime de protecção e valorização do património cultural da Zona Classificada de Angra do Heroísmo.**

Deram entrada algumas propostas de alteração que estão neste momento a ser distribuídas.

Está aberto o debate.

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Cultura.

(\* **Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo Meneses*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

No passado mês de Dezembro fez 20 anos que Angra foi inscrita pela UNESCO na lista do património mundial.

Na sequência dessa inscrição, em Abril de 1984, entrou em vigor um diploma que classificou a zona central de Angra como monumento regional e criou um conjunto de medidas destinadas à sua protecção e valorização.

Esse diploma manteve-se em vigor, sem quaisquer alterações, até 1999. Nessa altura foi alterado por esta câmara num conjunto de normas e foi reconfigurada a sua zona de protecção, introduzindo-se a obrigatoriedade da existência de um plano de salvaguarda e valorização.

Entretanto, no ano 2000 foi iniciada uma discussão sobre uma nova Lei de Bases do Património Cultural, a Lei 107/2001, de 8 de Setembro, que introduziu novas regras quanto à classificação e à gestão do património construído. Esta lei veio dar um novo enquadramento a Angra, porque nos termos dessa lei, todos os imóveis e conjuntos que se encontram inscritos na lista do património mundial ou que tenham qualquer classificação de carácter internacional ganham, a nível nacional, a classificação de monumento nacional.

Angra, a partir de 2001, ganhou esse duplo estatuto de conjunto classificado pela UNESCO e de conjunto de monumento nacional.

Por outro lado, toda o enquadramento jurídico que Angra goza, deve ser adequado a essa nova realidade.

A experiência destes 20 anos de classificação leva a que seja importante introduzir novas regras quanto à preservação do património que garantam a conciliação de dois objectivos: manter Angra como uma cidade viva que pode crescer, adequar-se às novas realidades da vida moderna e uma cidade onde seja possível preservar aqueles aspectos que levaram a que ela fosse incluída na lista do património mundial.

Esse trabalho de conciliar o modernismo com a necessidade de se preservar os valores essenciais do património construído é complexo.

Por outro lado, é uma tarefa que exige o envolvimento e a colaboração de dois níveis da administração (eu diria mesmo de três níveis, já que ela agora ganhou o estatuto de monumento nacional) que têm uma actividade diária e constante na cidade: a administração regional autónoma e a administração autárquica.

A legislação de 1984 deixa a Câmara Municipal de Angra numa situação de alguma minoridade. É fundamental permitir que a Câmara assuma as responsabilidades que lhe cabem. Ao mesmo tempo é fundamental manter condições para que a administração regional autónoma exerça em pleno as suas funções de tutela do património construído.

É isso que se tenta fazer com o actual diploma, manter algum grau de liberdade para que a cidade possa continuar viva e em adaptação às realidades do mundo moderno, e, ao mesmo tempo, distribuir um conjunto de competências pela autarquia e pela administração regional autónoma por forma a garantir que as características que levaram a que Angra merecesse este estatuto de monumento nacional não sejam perdidas, antes pelo contrário, sejam permanentemente salvaguardadas e valorizadas. É esse o objectivo do diploma que hoje aqui trazemos.

Este diploma resultou de um consenso entre a Câmara de Angra, a Assembleia Municipal de Angra e a Administração Regional Autónoma, neste caso, o Governo Regional.

Foi objecto de um longo debate. Teve pareceres, na sua vasta maioria, positivos.



Creio que vem trazer novas condições de preservação à cidade e garantir que ela não se torne uma cidade museu, antes pelo contrário, continue a ser uma das mais vibrantes comunidades urbanas da nossa Região.

Muito obrigado.

**Deputado Osório Silva (PS):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**(\*) Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

O Decreto Legislativo Regional proposto pelo Governo sobre a Zona Classificada de Angra do Heroísmo mereceu uma análise pormenorizada na Comissão.

Ouvimos entidades, recebemos pareceres e houve um processo aprofundado e cuidado em relação à análise da matéria.

Participámos, o melhor que nos foi possível, em todo este processo.

Houve um conjunto de propostas de alteração vindas do próprio Partido Socialista que foram aprovadas na Comissão e que, em nosso entender, melhoraram bastante todo este conjunto de legislação.

Há uma questão que colocámos desde o início e que gostaríamos de voltar a abordá-la neste plenário, que é a proposta, através dos artigos 32º e 34º, de extinção do Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo.

Este gabinete foi criado logo no início da classificação de Angra do Heroísmo e manteve-se até ao presente.

A sua actual regulamentação data do ano 2000. É aprovada através do Decreto Regulamentar 7/2000/A, que manteve, embora com alterações, o gabinete que vinha do passado.

Este gabinete tem um conjunto de atribuições que julgamos continuarem a ser importantes para que a Zona Classificada de Angra do Heroísmo mantenha as características que tem e se mantenha a preocupação de não haver abusivamente alterações e modificações que possam prejudicar o conjunto classificado de Angra do Heroísmo.

Aliás, este gabinete tem um conjunto de obrigações que vão desde o emitir pareceres sobre todas as obras, sejam elas de remodelação, sejam elas de início de remodelação, em relação a toda a zona classificada.

Por outro lado, compete a este gabinete acompanhar e fiscalizar a execução de todas as obras, manter o contacto com todos os organismos internacionais e com todas as associações nacionais e internacionais que tenham a ver com a classificação feita pela UNESCO das zonas classificadas.

Este gabinete, que é dependente da Secretaria Regional, tem uma acção muito mais vasta e importante do que aquilo que pensamos dever ser a competência de um outro gabinete qualquer que seja gerido por um director regional, por um director de serviço ou por um chefe de divisão.

Por isso mesmo, nós consideramos que é preocupante o facto de se querer com esta legislação, pura e simplesmente, eliminar a curto prazo o Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo.

Esta matéria leva-nos, neste momento e na generalidade, a termos uma posição que não é de total acordo com este processo, mas sim de abstenção em relação à matéria que estamos a analisar.

Por outro lado, há outra matéria que temos alguma preocupação, que é o modo como serão organizados os processos de contra-ordenação, em que eles são atribuídos indiscriminadamente ao Secretário Regional com competência na matéria ou à câmara municipal. Isto preocupa-nos, porque se há duas entidades que têm exactamente as mesmas atribuições, pensamos que há uma indefinição em relação à possibilidade de instauração de processos de contra-ordenação.

Em nosso entender devia ser determinado exactamente quem é que tem a capacidade de instaurar os processos e de levá-los até ao fim.

Por outro lado, conjugando este aspecto com a extinção do Gabinete de Zona Classificada, receamos bem que possa haver a necessidade de um cuidado extremo em relação a não haver atropelos à Zona Classificada.

Por outro lado, pensamos que é preocupante o facto de poder haver atropelos e haver um vazio em relação ao controlo desses atropelos.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Bento Barcelos.

**Deputado Bento Barcelos (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Como já foi referido, este diploma foi apreciado em Comissão com a adequada profundidade.

Ele esteve em apreciação pública.

Foram ouvidas várias entidades. Desde o Instituto Histórico da Ilha Terceira, ao Instituto Açoriano de Cultura, três ou quatro especialistas das áreas da arquitectura, engenharia, história e também do direito pronunciaram-se sobre o mesmo.

Foi já aqui referido que foi determinante para a realização desta iniciativa legislativa a existência da Lei de Bases do Património Cultural (Lei 107/2001, de 8 de Setembro), que eleva à categoria de monumento nacional a Zona Classificada de Angra do Heroísmo, que é monumento regional, que tinha sido aprovado pelo Decreto Legislativo Regional 15/84/A.

Daí que não só essa legislação vem trazer maior dignidade ao centro histórico de Angra como também vem introduzir conceitos e normas que certamente determinaram a pertinência desta legislação.

Importa referir que o PSD, mormente no âmbito dos seus Governos, nos mandatos de 80 a 84 e de 84 a 88, teve um papel histórico fundamental em todo este processo, não só no processo da reconstrução, como também no processo da iniciativa legislativa de então, de classificar a zona de Angra como monumento regional e propô-la à UNESCO para ser considerada e inscrita na lista dos bens de interesse mundial.

Não foi só o PSD. O Instituto Histórico da Ilha Terceira de então e pessoas com responsabilidades no Governo e fora dele, como o Dr. Álvaro Monjardino, Dr. Reis Leite, Dr. Rui Mesquita, na altura Presidente da Câmara no mandato de 80 a 84, Dr. Jorge Forjaz, Dr. Maduro Dias, Eng<sup>o</sup>. Rui Andrade, tiveram um papel preponderante nesta matéria.

Ficou bem ao Governo, no preâmbulo do próprio diploma, referir:

“Severamente atingida pelo grande sismo de 1 de Janeiro de 1980, Angra do Heroísmo foi objecto de um exemplar processo de reconstrução que hoje, decorridas mais de duas décadas, é justo motivo de orgulho para os angrenses.

O processo de reconstrução fez despertar o interesse pelo restauro do seu conjunto e um renovado gosto pelo seu valor e significado cultural e patrimonial.

Da reconstrução renasceu uma cidade mais segura – entenda-se, mais segura fisicamente – mas soube manter o seu aspecto característico e preservar a sua herança urbanística e arquitectónica.”

Ao contrário do que muitas vezes foi dito sobre a reconstrução, na sequência do sismo de 1 de Janeiro de 80, dito injustamente, aqui temos um momento de reparação.

O Partido Social Democrata, os seus Governos, as forças vivas e os angrenses, cada um de *per si*, tiveram um papel fundamental no processo da reconstrução.

Esse reconhecimento não vem apenas no preâmbulo deste diploma, vem das mais diversas instituições nacionais e internacionais, no âmbito do património cultural e monumental. Também vem na revista do Expresso, de Janeiro de 2003, por várias vezes falada, como um dos 30 motivos de orgulho português no qual se lê “graças a uma reconstrução exemplar, por força de critérios rigorosíssimos impostos pelo Governo Regional e pela Câmara de Angra, foi levantada do chão esta cidade com a sua identidade secular”.

**Deputados Joaquim Machado e Luís Medeiros (PSD):** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** Este é o local próprio para referenciar o passado, naquilo que foi importante e para perspectivarmos o futuro.

Este diploma tem preocupações em relação ao futuro. É que a reconstrução de Angra não foi apenas a reconstrução da Zona Classificada e das suas 2 mil e 400 habitações. Foi a reconstrução de todo o património monumental, da Sé Catedral, do Palácio de Capitães Gerais, dos Paços da Junta Geral, da Igreja do Colégio dos Jesuítas, da Igreja da Misericórdia, da Igreja de São Francisco, do Convento de São Francisco, do Solar dos Remédios, da Igreja da Conceição, da Igreja de São Gonçalo, de parte do Convento de São Gonçalo, do Obelisco da Memória... Enfim, foi uma enormíssima tarefa que teve impacto na qualidade de vida das pessoas, no património cultural que herdámos do passado, reafirmando cada vez mais a sua monumentalidade histórica.

A grande diferença ainda é que este é um conjunto urbano que equivale a um monumento histórico que tem vida, que está habitado, que traz-nos o passado ao presente e nos projecta no futuro.

Diz o Sr. Secretário Regional, e tenho que concordar, que volvidos 20 anos da classificação da Cidade de Angra, é positivo poder colher a experiência e adequar as leis aos momentos presentes.

Houve o Decreto Legislativo Regional 15/84/A, que classificou a Cidade de Angra como monumento regional, e só esse centro histórico é que é monumento nacional, porque posteriormente, pelo Decreto Legislativo Regional 29/99/A, foi proposto e aprovado um aumento da Zona Classificada – para o lado leste, até São Bento, e para o oeste até aos Portões de São Pedro – e foi criada uma área de protecção, área esta que não constitui monumento nacional, não está inscrita na UNESCO.

Na sequência desses 20 anos de experiência surge agora esta necessidade de adequar esta legislação aos momentos actuais.

O PSD, numa atitude de responsabilidade, que evolui com as necessidades do tempo presente e com perspectivas do futuro, na generalidade, concorda com este diploma, mas temos algumas observações que não podemos deixar de registar.

O diploma prevê uma maior partilha de competências, de decisões políticas e de gestão entre o Governo Regional e a Câmara Municipal de Angra de Heroísmo. Concordamos e achamos positivo esse objectivo.

Também prevê uma maior partilha na acção fiscalizadora das obras e de todas as realizações de melhoramentos, beneficiações, ampliações, novas construções, etc., entre o Governo Regional e a Câmara Municipal. Também concordamos com essa metodologia.

Prevê uma partilha no regime sancionatório. Aqui temos algum receio que não funcione. É que o Governo e a Câmara Municipal terem, em igualdade de circunstâncias, a competência de aplicar sanções e de fazer cobrança de coimas, aquilo que no parecer do Instituto Histórico da Ilha Terceira, é designado por estrutura bicéfala, deixa-nos alguma preocupação.

Bem sabemos, e estamos atentos ao texto do diploma, que no artigo 29º, no ponto 2, há uma certa cautela nesse sentido, ou seja, quando uma entidade dá início a um

processo de contra-ordenação é obrigada a notificar a outra entidade. Mas isso deixa-nos alguma preocupação. Aliás, esta matéria foi objecto de diferentes apreciações nos pareceres colhidos, mas em sede da Comissão não houve grande abertura em alterar essa proposta neste âmbito.

Relativamente ao Plano de Pormenor e de Salvaguarda, nada se conhece. Sabemos que o Decreto Legislativo Regional 29/99/A, determinava que a competência de o preparar seria cometida à Câmara Municipal.

Foi dito pelo Sr. Presidente da Câmara que ele já estava preparado e já lá vão uns longos anos, de 1999 até hoje.

Há uma equipa que tem estado a trabalhar na elaboração do Plano de Pormenor e de Salvaguarda, mas consideramos importante que tivesse sido colocado o documento à apreciação pública, na mesma altura desta proposta de Decreto Legislativo Regional que estamos a apreciar.

Bem sabemos que o Plano de Pormenor e Salvaguarda não pode ser aprovado pela Câmara Municipal e Assembleia Municipal e posteriormente ratificado pelo Governo, antes da aprovação deste diploma.

*Existem alguns receios relativamente ao conteúdo técnico desse Plano.*

*Confesso que não o conheço, mas há algum tempo atrás, uma instituição cultural em Angra, chamava a atenção para um conjunto de lapsos, nomeadamente a classificação de arquitectura erudita a imóveis que eram de arquitectura tradicional, a proposta de classificação do Centro de Culto que substituiu durante algum tempo a Igreja de Santa Luzia, o que não faria qualquer sentido.*

*Portanto, houve um conjunto de observações pertinentes que foram feitas relativamente à elaboração do Plano de Pormenor e de Salvaguarda, por existência de lapsos considerados graves.*

*Neste momento, não sei em que ponto é que está a situação, por isso estamos, em parte, a passar um “cheque” político em branco, em relação a esta matéria.*

*Existem mais dois aspectos na apreciação na generalidade desta Proposta que importa referir:*

*- Reduzir a subjectividade e os actos discricionários.*

*Naturalmente que com o Plano de Pormenor e Salvaguarda algo mais objectivo vai existir, mas vai continuar a verificar-se – e o diploma aponta nesse sentido – várias situações que vão levar à subjectividade e à decisão discricionária por parte do membro do Governo e da própria Câmara Municipal.*

*Veja-se, por exemplo, e não querendo entrar na apreciação na especialidade, o ponto 4, do artigo 4º, e as diferentes alíneas do ponto 5 que falam em meras alterações.*

*O que entende por meras alterações?*

*Aqui continuará a existir discricionariiedade e subjectividade sem qualquer sustentação normativa.*

*- Introdução da arquitectura contemporânea.*

*Acho piada a esta preocupação.*

*Ao longo do Séc. XX, antes do sismo e da classificação da cidade, Angra do Heroísmo teve imensa arquitectura moderna, construída no seu centro histórico.*

*São exemplo os seguintes edifícios:*

*- o Quartel dos Bombeiros;*

*- o Comando da Polícia de Segurança Pública;*

*- o Liceu;*

*- o Tribunal;*

*- o Centro de Prestações da Segurança Social (antiga Caixa Providência);*

*- o Banco Português do Atlântico;*

*- os Correios;*

*- a Escola do Alto das Covas.*

*Depois da classificação da cidade, tivemos várias obras e imóveis de arquitectura dita contemporânea. Cito apenas uma delas, a construção Igreja de Santa Luzia.*

*Total arquitectura moderna de qualidade (e está o Sr. Presidente do Governo a rir-se) tida como tal por vários arquitectos, como um bom exemplo, que foi autorizado construir, com a qual concordei e deixei expresso em artigo de opinião publicado num jornal local.*

*Arquitectura moderna não é só a que vemos na parte exterior da fachada dos imóveis. A arquitectura moderna e contemporânea foi aquilo que se fez na recuperação, reconstrução e restauro do Palácio dos Capitães Generais, no Solar da Madre de Deus, na Sé Catedral, no Teatro Angrense, nos Passos da Junta Geral, no Convento de São Francisco, nomeadamente na parte do Convento destinada à instalação do Museu, na parte do Convento de São Gonçalo e a própria marina na Baía de Angra, que neste momento está a ser ultimada. Tudo isto é arquitectura moderna.*

*Não faz sentido vir agora o Governo com este “papão” de que até agora não houve abertura à arquitectura moderna.*

*Não. Sempre houve abertura à arquitectura moderna. Importa é que ela seja de qualidade. Isso é que é essencial.*

**Deputado Paulo Gusmão (PP) e Joaquim Machado (PSD):** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** *Não foi aquilo que foi feito nas obras recentes do Pátio da Alfândega. Aquilo é de péssima qualidade arquitectónica.*

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** *Também temos exemplos de arquitectura moderna, em que os peritos em arquitectura dizem que não é de qualidade. É o célebre caso do edificio da Caixa Geral de Depósitos.*

*Nós ficamos por aqui na apreciação desta Proposta, na generalidade, dizendo que mesmo com estas preocupações, mesmo com estas reticências, tendo em conta que interessa manter e preservar a Zona Classificada de Angra como património mundial, uma conquista que não se deve perder de forma nenhuma, porque enobrece, valoriza e projecta a cidade de Angra como monumento histórico de*



*interesse mundial e universal, e tendo em conta que queremos que os angrenses vivam com qualidade e Angra seja uma cidade viva e que acompanhe a modernidade, o Partido Social Democrata, com sentido de responsabilidade, vai votar favoravelmente esta Proposta de Decreto Legislativo Regional.*

**Deputados Clélio Meneses e Joaquim Machado (PSD):** Muito bem! Muito bem!

(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD e do PP)

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Barros.*

**(\*) Deputado Francisco Barros (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Cito:

"... à direita e à esquerda, rochedos negros e ameaçadores, abaixando de um e de outro lado, como que para formar uma cama imensa onde a cidade de Angra se estendia harmoniosamente.

Flanqueada pelos seus fortes ao norte e ao sul, elevada em anfiteatro, aos raios do dia que morria, as suas casas brancas, os campanários com as suas cúpulas. Mais longe, servindo de moldura ao quadro, elevavam-se colinas esmaltadas de quintas, em escada suave até ao campo verdejante e fecundo que coroava os seus últimos cumes. O ar estava agradável, o tempo soberbo e uma brisa perfumada soprava da terra próxima." Fim de citação

Estas palavras descrevem a chegada a Angra, nos finais do século XIX, de Michael Verne, filho do Júlio Verne, mas poderiam, igualmente, fazer parte de um caderno de viagens dos nossos dias.

Uma cidade, qualquer cidade, vale pela sua história, pelas suas ruas, pelas suas gentes, pela sua luz, pelos seus cheiros, numa palavra, pelo seu espírito.

Angra do Heroísmo reflecte tudo isso. Entreposto comercial criado em função das rotas marítimas, com ruas traçadas de forma sábia, com a presença constante, marcante, de décadas de história e de pequenas histórias, olhando e escondendo-se

do mar, procurando refúgio no cheiro das especiarias, na luz inebriante do final do dia, nos olhares de quem passa, nas memórias e nas ausências, na vida e na morte.

Angra do Heroísmo, cidade de comerciantes, de navegantes, de burgueses janotas, temperada por um casario imponente, pela altivez da Igreja da Misericórdia, pela simetria, desenhada a régua e esquadro pelos Jesuítas, do Palácio dos Capitães Gerais.

O espírito do lugar, o espírito de Angra foi, justamente, reconhecido pela UNESCO em Dezembro de 1983, ao ser classificada Património Mundial.

E esse espírito, esse pulsar das gentes, esteve bem presente na reconstrução do sismo de 1980, no gosto pela cidade, na vontade de fazer tudo de novo, sem descurar a herança arquitectónica e urbanística.

E é sobre este espírito que, ao apreciarmos esta proposta de Decreto Legislativo Regional, estamos hoje a falar.

Porque é para ele que se destina. Porque é ele que se deve continuar a preservar!

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A classificação da zona central de Angra como Património de Humanidade implicou, necessariamente, a criação de legislação adequada que permitisse quer a preservação da zona classificada, quer a adequação progressiva aos novos tempos, ao pulsar de uma cidade que vive porque tem gente, porque nela se calcorreia as ruas, porque dela não se fez, nem poderá fazer, museu.

Foi este o sentido e o propósito do Decreto Legislativo Regional 15/84/A, documento marcante e que constituirá uma marca (mais uma marca!) da cidade.

Foi esse o sentido do Decreto Legislativo Regional 29/99/A onde, fruto da experiência acumulada ao longo dos anos, se procederam a alterações e a adopções de normas e orientações emanadas pelo ICOMOS, através da Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas.

É este o sentido da proposta em análise. Ela é apenas mais um passo na preservação da memória e do espírito do lugar, incorporando as alterações produzidas por força da Lei de Bases da Política e do Regime de Protecção e Valorização do Património

Cultural, que redefine e clarifica conceitos e que transporta, por essa via, novas e maiores responsabilidades para a zona classificada.

Além disso, foi também sentida a necessidade de desenvolver novos mecanismos de gestão do território, envolvendo de forma directa a Câmara Municipal, de forma a permitir quer a preservação da identidade, quer o enriquecimento derivado dos traços da contemporaneidade.

E é este o desafio que esta proposta nos coloca. A de definir, através de instrumentos de gestão urbana e territorial, como seja o Plano de Pormenor de Salvaguarda, as regras reguladoras da intervenção na cidade, quer na sua zona classificada, quer na sua zona de protecção.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O debate e o interesse que este diploma provocou, a riqueza dos pareceres e das sugestões surgidas quer aquando das audições a diversas entidades, quer durante o período de consulta pública, independentemente da nossa concordância ou não com as mesmas, reflectem uma realidade incontornável: estamos perante um documento que, malgrado poder não estar isento de falhas ou incorrecções, se revela de extrema importância e merecedor, na generalidade, de múltiplos elogios e declarações de concordância.

Daí que tenhamos que olhar para o passo seguinte. Daí que, pese embora não seja competência desta Assembleia, devamos acompanhar o debate, a discussão pública e a aprovação do Plano de Pormenor de Salvaguarda.

Daí que tenhamos achado necessário apresentar, em sede de Comissão, algumas propostas de alteração, fruto quer da reflexão e análise do Grupo Parlamentar, quer dos importantes contributos que várias entidades e indivíduos apresentaram.

Daí que temos a consciência que não estamos perante um processo fechado, de um documento final, de uma temática acabada.

Uma cidade, qualquer cidade, move-se e modifica-se, associa-se a memórias, a histórias, a futuros.

Na sua "Ode a Angra", Marcolino Candeias chamou-lhe "tolinha inchada de orgulho", "mercado do saber", "capitalzinha de avental traçada na mão papuda da hospitalidade" e "cidade de mar, cidade de traço de pernas sensuais".

Nesta proposta, mal-grado a técnica legislativa ter muito pouco de poética e o articulado ser de duvidosa sensualidade, estamos perante um documento que vai ajudar à preservação e ao encantamento que Angra produz, que Angra estimula, que Angra cria e recria em cada momento que passa.

Daí o nosso voto favorável.

Disse.

(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Cultura.

(\* **Secretário Regional da Educação e Cultura** (*Álamo Meneses*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Paulo Valadão:

Ouvi com atenção as preocupações que aqui nos trouxe. Elas são legítimas e eu também partilho das mesmas.

Gostaria de lhe dizer que não é por causa de existir ou não um Gabinete da Zona Classificada com este ou com aquele enquadramento orgânico, que as suas funções são melhor ou pior exercidas.

A existência de um núcleo competencial em torno da preservação e salvaguarda do património em Angra é uma necessidade que terá sempre que ser satisfeita. É uma necessidade inultrapassável.

Nós teremos sempre que dar resposta a Angra enquanto Zona Classificada já que ela representa cerca de metade do total dos imóveis classificados dos Açores. Portanto, tem uma magnitude e gera um conjunto de responsabilidades que não é compaginável com qualquer outro núcleo classificado ou com qualquer outro monumento.

Portanto, necessariamente essas competências têm que ser exercidas.

A existência de um gabinete fora da Direcção Regional da Educação e Cultura e colocado no gabinete do Secretário, foi apenas um mero acidente da história e não a resposta em nenhuma necessidade organizativa nem em nenhuma preocupação do ponto de vista da funcionalidade.

Foi naquela conjuntura que ele foi criado por razões que a história conhece e que o Sr. Deputado também conhece, porque ouviu na Comissão.

Embora eu esteja perfeitamente de acordo consigo quanto à necessidade de mantermos um núcleo competencial que agora existe no gabinete e de melhorarmos a eficácia com que damos resposta a essas competências, não vejo qualquer razão para que seja necessário consagrar no Decreto Legislativo Regional em análise, qualquer estrutura especificamente voltada para isso, já que essa necessidade decorre, naturalmente, das funções da administração regional autónoma e o governo, no âmbito da sua organização saberá dar-lhe a adequada resposta.

A outra questão que o Sr. Deputado colocou e que o Sr. Deputado Bento Barcelos voltou a referir apelidando de uma estrutura bicéfala, diz respeito às competências contra-ordenacionais. Elas já existem, porque a Câmara de Angra, como qualquer outra câmara, já tem um conjunto de competências, no que diz respeito à fiscalização de obras e à sanção de quem prevarique na execução de obras, que não lhe poderá ser retirado por este decreto.

Veja o que aconteceria se nós quiséssemos fazer a destrição entre o que é uma violação de uma questão relacionada com a vertente patrimonial e aquilo que será uma violação que tanto pode acontecer dentro da Zona Classificada ou fora dela.

Existem competências inspectivas e competências em termos da condução do processo de obras que são inerentes à actividade de qualquer câmara e não podem de maneira nenhuma serem destrinchadas entre uma zona e outra.

Daí que a existência desta competência bicéfala seja, eu diria mesmo, inultrapassável no actual enquadramento legal da construção civil e das competências que as câmaras já têm.

Foi atendendo a isso que se optou por esta repartição de competências que permita, em simultâneo, uma intervenção do Governo, mas que não retire competências que já são da autarquia e evite a dificuldade que seria fazer destrição entre o que é uma

violação porque não tem uma licença camarária ou porque não obedece às regras do regulamento de identificações urbanas e aquilo que seria uma violação por uma razão qualquer patrimonial.

Em relação às questões que foram levantadas pelo Sr. Deputado Bento Barcelos, eu começaria por uma que me espanta um pouco, porque o Sr. Deputado também é um autarca de Angra.

Portanto, tem a obrigação de conhecer aquilo que a Câmara de Angra está a preparar e a fazer. A Câmara de Angra é a autora do Plano de Salvaguarda e Valorização.

Essa não é uma matéria que possa ser assacada ao Governo ou que deva aqui ser discutida.

**Deputado Bento Barcelos (PSD):** Eu não disse que não existia. Disse apenas que desconhecia!

**O Orador:** Sr. Deputado, eu também tenho apenas conhecimento informal desse documento.

Aquilo que está estabelecido na Lei é que esse documento, entrado em vigor este decreto que aqui está em discussão, terá que fazer todo o percurso que fazem os planos municipais, ou seja, terá que ter uma discussão nos órgãos municipais, uma discussão pública e depois terá que ser ratificado pelo Decreto Regulamentar Regional do Governo.

Por isso, Sr. Deputado, teremos amplo tempo para analisar o dito documento e não creio que estejamos a passar um cheque em branco a quem quer que seja. Nós estamos a estabelecer regras enquadradoras que poderão e deverão ter uma resposta regulamentar e que serão analisadas em sede própria, começando exactamente pelos órgãos municipais que serão eles o autor da proposta que depois será ratificada por Decreto Regulamentar do Governo.

Outro aspecto que foi aqui trazido pelo Sr. Deputado Bento Barcelos, prende-se com os limites da Zona Classificada.

Neste momento estamos numa fase avançada de propor à UNESCO que faça coincidir os limites de uma coisa com a outra e estou seguro que seremos capazes de, a breve trecho, ter essa coincidência.

Daí que, sem necessidade de virmos a alterar o diploma que hoje está em discussão,

a linguagem deste decreto deva ser uma linguagem que permita adequar constantemente os limites àquilo que a UNESCO vier a classificar.

Nós teremos, a breve trecho, uma visita de responsáveis da UNESCO que visa exactamente a redefinição dos limites da Zona Classifica, fazendo coincidir uns com os outros.

Em relação à redução da subjectividade e introdução da arquitectura contemporânea, Sr. Deputado, existe duas possibilidades de nós encararmos esta matéria. Uma é aquela que foi legislada 1984, ou seja, a gestão de Angra traduz-se apenas num conjunto de indicações gerais e compete ao Secretário Regional, no concreto, tomar as decisões edifício a edifício, o que obviamente estávamos num extremo da total subjectividade.

O Decreto de 1999 reduziu substancialmente essa subjectividade e este que agora temos em discussão ainda reduz mais. Contudo, Sr. Deputado, será impossível, se nós quisermos manter Angra como uma cidade viva e em plena evolução, prever todas as possíveis variações que podem acontecer. Por isso terá que haver sempre uma reserva de flexibilidade, que permita, em cada momento, tomar as decisões que, no concreto, se mostrem necessárias.

Nós temos aqui uma densificação normativa suficiente para garantir que não haja atropelos àquilo que são os valores essenciais de Angra, mas temos a flexibilidade suficiente para, em cada situação, com o bom senso que é exigido a quem exercer essas funções, tomar as decisões necessárias para evitar que Angra fique paralisada e que nós criemos uma teia tão densa de normas que impeça o normal desenvolvimento da cidade.

É preciso não esquecer que aquilo que nós estamos a discutir aqui é apenas a legislação enquadradora, já que o Decreto Regulamentar Regional que ratificará o Plano de Salvaguarda e de Valorização vai introduzir uma teia e uma malha mais fina de normas que reduzirão ainda mais a aparente subjectividade que agora existe.

Estou convencido que com o cruzamento de ambos os diplomas, aquilo que ficará para ser decidido na decisão casuística, é aquilo que necessariamente tem que ficar, já que não podemos nunca prever tudo sobre uma cidade que queremos viva.

Outra matéria aqui trazida tem a ver com a arquitectura contemporânea, o seu valor e

o seu interesse.

Esta é uma matéria complexa e difícil, porque aquilo que nós achamos mal, se calhar, o futuro, vai achar bom, mas também poderá acontecer vice-versa.

A construção da Caixa de Providência, hoje, Segurança Social, que foi muito mal tida em Angra, passados 40 anos veio a revelar-se como sendo uma das melhores obras, em termos de arquitectura contemporânea, que se fez em Angra.

Se calhar aquilo que o Sr. Deputado não gosta no Pátio da Alfândega...

**Deputado Bento Barcelos (PSD):** Não é uma questão de gosto!

**O Orador:** ... deixe passar 40 anos e se calhar será uma obra que esta geração se orgulhará.

Eu não sei o que é que vai acontecer em relação a isso.

Também é verdade que aquilo que uma geração faz é julgada pela seguinte. Espero que para aquilo que nós fizemos de mau, haja uma geração posterior que venha a corrigir.

Portanto, o julgamento sobre a qualidade da arquitectura contemporânea reservemo-lo para quem vier a seguir, porque o fará da mesma maneira como nós estamos a fazer em relação a quem nos antecedeu.

Eu estou convencido que este diploma, com as salvaguardas que são introduzidas em relação à qualidade das intervenções, em relação à responsabilidade pelas intervenções, tenha em si as normas necessárias para garantir que não haja nenhuma intervenção, seja ela de arquitectura contemporânea ou não, que venha pôr em causa aquilo que são os valores essenciais a preservar.

Com certeza que haverão intervenções mais felizes, outras menos felizes, mas depois haverá o tempo e a distância necessária para introduzir as necessárias correcções como nós agora estamos a fazer em relação a muitas coisas que aconteceram no passado.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

(\*) **Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Vou começar pelos processos de contra-ordenação e pela disposição que permite a



duas entidades, em paralelo, fazê-lo. Isto relaciona-se com a própria extinção do Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo, na medida em que na legislação até hoje em vigor competia, por exemplo, a esse gabinete – cito a legislação aprovada pelo Governo Regional anterior – "propor, quando a Câmara Municipal depois de devidamente alertada não o tenha feito, o embargo das obras executadas em violação do disposto da legislação em vigor".

Ou seja, havia um gabinete que exercia uma determinada acção de alertar, de fiscalizar, de propor o embargo, se necessário.

Neste momento, estamos convencidos que esse aspecto que a legislação prevê, pura e simplesmente, irá desaparecer.

Portanto, ficam duas entidades que irão ou não fazer aquilo que lhes compete.

Nós não pomos em causa aquilo que é atribuído à própria autarquia em relação à sua capacidade, em relação à fiscalização.

O grande problema é que há duas entidades, ambas com as mesmas capacidades de intervenção mas sem a determinação de qual delas é que tem a grande responsabilidade.

Isto tem a ver com a manutenção ou não, ou com a proposta de extinção do gabinete.

O Sr. Secretário diz que, por mero acidente histórico, há a criação do gabinete. Estamos de acordo consigo, Sr. Secretário, só que o gabinete depois de criado foi mantido pelo Governo Regional anterior através do Decreto Regulamentar 7/2000/A.

Portanto, não se poderá dizer que o Gabinete foi criado e manteve-se *ab aeterno*.

Não. O gabinete foi criado e houve actualização legislativa.

**Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo Meneses):** Contra a minha vontade!

**O Orador:** Desculpe, Sr. Secretário, não percebi.

**Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo Meneses):** Eu disse muito contra vontade, mas lá terá que ser!

**O Orador:** Já nessa altura, em 2000, estava contra a sua vontade e agora com a maioria absoluta que tem diz que é a altura de liquidar aqueles que têm feito, em nosso entender, desde 1980, um trabalho importante e um trabalho que, em nosso

entender, era de manter.

Por outro lado, o Sr. Secretário diz que o Governo saberá dar a resposta. Eu repito, porque tomei nota das palavras do Sr. Secretário: "o Governo saberá dar a resposta".

Usa o futuro - saberá.

Portanto, o Governo neste momento ainda não sabe que resposta é que vai dar, embora preveja a extinção.

Nós temos muitas dúvidas que esta resposta que o Sr. Secretário pretende dar no futuro seja uma resposta capaz de fazer melhor do que o Gabinete da Zona Classificada. Esse é o grande problema.

Estamos convencidos que as respostas que vierem a ser dadas não vão ser as respostas que poderão ir de encontro ao trabalho que neste momento, de acordo com o quadro de pessoal, pode ser desenvolvido por mais de uma dezena de funcionários. Portanto, é fundamental ter-se em atenção que o trabalho desenvolvido por este organismo, trabalho que está na dependência do Sr. Secretário Regional, é válido, não pode ser dispensado e nós duvidamos muito que possa vir a ser melhor no futuro. Bem pelo contrário, duvidamos que seja melhor.

Estamos convictos que não irá conseguir atingir o nível que atingiu os diversos gabinetes da cidade de Angra do Heroísmo, no que diz respeito à Zona Classificada. Há pouco o Sr. Deputado Bento Barcelos falava em arquitectura de qualidade. Estamos de acordo, mas, infelizmente, tem havido uns pequenos pontos, mesmo na Zona Classificada, de arquitectura de muito pouca qualidade.

Se com o gabinete implementado, com todos os organismos que estão e que têm trabalhado nesta matéria, ainda conseguimos descortinar estes pontos negros na cidade de Angra, nós temos muitas preocupações em relação ao futuro, apesar do Plano de Salvaguarda.

O Plano de Salvaguarda, só por si, não vai resolver as situações. Ele tem que ser respeitado, mas tem que haver entidades em condições de obrigar a respeitá-lo, de exigir o respeito, de exigir que se mantenha essencialmente na Zona Classificada como zona que não possa ser posta em causa dada a classificação que ela tem da UNESCO.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nós continuamos com muitas dúvidas fundamentadas e continuamos com grande sentido de responsabilidade a dizer que vamo-nos abster em relação a esta matéria.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Cultura.

**(\*) Secretário Regional da Educação e Cultura (Álamo Meneses):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Paulo Valadão:

Em relação às preocupações que colocou na parte final da sua intervenção, quero-lhe dizer que partilho delas totalmente.

De facto, o Governo, com grande responsabilidade e com o sentido de que Angra é um valor que não pode nem deve em caso algum ser posto em causa, tem vindo a acompanhar todo o desenvolvimento deste processo e continuará, com certeza, no sentido de garantir que as funções que actualmente são desempenhadas pelo Gabinete da Zona Classificada continuem a ser desempenhadas com a mesma eficácia, ainda se possível, com a maior presença em termos de fiscalização dentro da cidade de Angra do Heroísmo.

Não há de maneira nenhuma qualquer intenção – fique aqui uma garantia muito clara – de reduzir a actividade fiscalizadora e de reduzir a capacidade que o Governo tem vindo a demonstrar de, dentro da cidade de Angra, preservar o património construído.

Isso não está de forma alguma em causa e qualquer que venha a ser a solução adoptada, ela terá necessariamente de garantir que aquele núcleo de competências que agora é exercido pelo Gabinete da Zona Classificada continue a ser exercido de forma eficaz e continuada na cidade de Angra.

Por isso, não se julgue que, com a possibilidade do Governo dar uma conformação diferente ao gabinete, se está a dizer que essas competências não devem ser exercidas.

Elas devem continuar a ser exercidas e a competência de fiscalização deve ser reforçada.

Em relação à outra questão que o Sr. Deputado voltou a colocar do processo de contra-ordenação, aquilo que leu e citou do Decreto Regulamentar Regional 7/2000/A, acaba por ser, no fim de contas, uma forma diferente de nós dizermos a

solução que aqui está, embora de forma mais restrita, porque aí, o Governo antes de actuar, tinha que perguntar à Câmara se ela queria actuar.

Agora não. Se o Governo achar que deve actuar pode fazê-lo de forma independente, da mesma forma que no enquadramento jurídico a Câmara o pode fazer.

As competências municipais não foram alteradas. A única questão que fica estabelecida é uma clareza maior sobre a forma como ambas as entidades actuam.

Repare que no enquadramento jurídico actual o Governo quando queira iniciar um processo de contra-ordenação deve propor à Câmara que ela o faça e só o faz se esta decidir não o fazer.

No enquadramento que agora estamos a discutir o Governo e a autarquia – não diria independentemente, porque é uma obrigação de comunicação mútua – de forma coordenada, podem exercer essa função.

Portanto, em vez de criarmos um regime que seja menos interventor, criámos um que, na prática, responsabiliza mais o Governo, porque agora o Governo pergunta à câmara o que deve fazer.

Muito obrigado.

**Presidente:** Creio que estamos em condições de avançar para a votação.

Os Srs. Deputados que concordam, na generalidade, com esta Proposta de Decreto Legislativo Regional, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A Proposta de Decreto Legislativo Regional, na generalidade, foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 14 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do PP e registou 2 votos de abstenção do PCP.

**Presidente:** Passamos à votação na especialidade.

Temos diversas propostas vindas da Comissão e subscritas pelo PS e temos outras propostas apresentadas pelo próprio Grupo Parlamentar do PS.

*Vamos iniciar a votação seguindo o articulado como ele se apresenta para não haver qualquer problema posterior.*

*Artigo 1º. Para este artigo existe uma proposta de alteração subscrita pelo PS.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Barros.*

*(\*) Deputado Francisco Barros (PS): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*Apenas para dar conta de que esta proposta de alteração, bem como as outras propostas emanadas da Comissão ou apresentadas pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista durante o dia de hoje, decorreram de dois conjuntos de circunstâncias:*

*Em primeiro lugar, do debate verificado em Comissão. Algumas delas, subscritas pelo Partido Socialista, foram também sugestão de outros grupos parlamentares.*

*Em segundo lugar, houve o entendimento, por parte da Comissão, de acatar e de considerar como válido um conjunto de contributos e de sugestões que decorreram da audição a diferentes entidades, da consulta pública e do parecer do Concelho de Ilha, da Ilha Terceira.*

*Em terceiro lugar, houve a necessidade de clarificação de alguns conceitos, nomeadamente de um que surgiu hoje, ou seja, a proposta de alteração para o artigo 8º, que tem a ver com a explicitação no próprio texto do documento que a ratificação do Plano de Pormenor de Salvaguarda será feita através de Decreto Regulamentar Regional.*

*Isso decorria da própria lei, mas entendeu-se que seria melhor ficar plasmado no próprio documento.*

*De modo a não estar sempre artigo a artigo a apresentar e a enunciar o motivo que leva a apresentar este conjunto de propostas de alteração, gostaria que ficasse registado que foi por estas três ordens de razão que foram apresentadas estas alterações.*

*Qualquer questão mais pormenorizada, na altura poder-se-á debater.*

*Muito obrigado.*

**Presidente:** *Vamos passar à votação.*

Os Srs. Deputados que concordam com a proposta de alteração apresentada para o artigo 1º, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada por unanimidade

**Presidente:** *Passamos ao artigo 2º para o qual também existe uma proposta de alteração que já está apresentada genericamente.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada por unanimidade

**Presidente:** *Artigo 3º.*

*Para este artigo também existe uma proposta de alteração que tem a ver com a limitação.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Barros.*

**Deputado Francisco Barros (PS):** *Sr. Presidente, se não houver impedimento por parte dos outros grupos parlamentares, e já tive a anuência por parte dos Grupos Parlamentares do PSD e do PP, poderíamos votar em conjunto as propostas de alteração.*

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.*

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** *Sr. Presidente, da nossa parte não vemos qualquer objecção. Podemos votar as propostas da Comissão em conjunto, com excepção do artigo 34º.*

**Presidente:** *Sendo assim, por uma questão de economia processual, vamos proceder à votação dessa forma. Chamo apenas a atenção da comissão de redacção.*

*Está à votação todas as propostas de alteração que vêm da Comissão e são subscritas pelo Grupo Parlamentar do PS, com excepção das propostas para os artigos 8º e 10º, que não são subscritas pelo PS, e a proposta para o artigo 34º.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** As propostas de alteração postas à votação, foram aprovadas por unanimidade.

**Presidente:** *Votemos de seguida todos artigos postos à votação anteriormente, para os quais as propostas de alteração não os substituíram na íntegra.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Os artigos postos à votação foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à votação dos artigos constantes no nosso diploma e que não foram objecto de alteração.

Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Sr. Presidente, se me permite, votávamos agora as alterações para os artigos 8º, 10º e 34º, e depois todos aqueles que não sofreram qualquer alteração.

**Presidente:** É a mesma coisa. É uma questão de ordem e de alguma lógica na votação.

Assim sendo, vamos votar as propostas de alteração apresentadas pelo PS para os artigos 8º e 10º.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** As propostas de alteração postas à votação, foram aprovadas por unanimidade.

**Presidente:** *Passamos ao artigo 34º.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.*

**(\*) Deputado Paulo Valadão (PCP):** *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*Na Comissão foi proposto que o Decreto Legislativo Regional 4/80/A fosse revogado.*

*Na altura, não nos apercebemos da matéria em si, porque não o tínhamos. Como é um Decreto Legislativo dos anos 80, não é fácil de um momento para o outro termos acesso a ele.*

*Devemos confessar que, da nossa parte, houve alguma distracção porque não aprofundámos a matéria.*

*Ao estudá-la aprofundadamente, verificámos que este artigo que a Comissão propõe a sua revogação, diz respeito aos juros bonificados para a reconstrução do sismo de 80.*

*Nós estamos convictos que, neste momento, ainda há pessoas que estarão a beneficiar desta legislação, porque houve bonificações por 30 anos. Essas bonificações só terminarão no ano 2010.*

*É evidente que as pessoas que aparentemente possam ser prejudicadas têm sempre a possibilidade de, juridicamente, reivindicar o direito adquirido, mas pensamos que não é a altura de nós exigirmos isso.*

*Na hipótese de poder haver pessoas que ainda estão a ser beneficiadas ao abrigo desta legislação, pensamos que seria de boa técnica legislativa não revogar este Decreto Legislativo Regional.*

**Presidente:** *Não compete à Mesa fazer grandes considerações, mas o Sr. Deputado coloca uma questão de natureza legal, ou seja, fica sem cobertura legal situações definidas nesse diploma ainda em aplicação.*

*Eu sugeria à câmara que apreciasse esta questão.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Barros.*

**(\*) Deputado Francisco Barros (PS):** *Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:*

*Na altura que apresentámos esta proposta de alteração, fruto de uma análise que tínhamos feito, não nos apercebemos da eventualidade da situação que o Sr. Deputado Paulo Valadão referiu.*

*Admitindo que essa situação possa ser possível, embora não conheçamos nenhum caso em concreto, por uma questão de bom senso, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista retira esta proposta de alteração de revogação do Decreto Legislativo Regional n.º 4/80/A, de 22 de Março.*

**Presidente:** *Eu agradecia que o Grupo Parlamentar do PS fizesse chegar à mesa um requerimento retirando esta proposta de alteração.*

*Vamos passar ao artigo 34.º, sem a alínea a).*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Bento Barcelos.*



**Deputado Bento Barcelos** (PSD): *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*Apenas para ficar registado no Diário das Sessões que este decreto não é legislativo, é regional.*

**Deputado Hernâni Jorge** (PS): *Por acaso é a mesma coisa, Sr. Deputado!*

**O Orador:** *Está bem, mas não pode ser designado por decreto legislativo.*

*Obrigado.*

**Presidente:** *Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa.*

**Deputado Francisco Sousa** (PS): *Sr. Presidente, julgo que temos que votar agora as alterações que apresentámos para o artigo 25º-A, 25º-B e a eliminação dos artigos 27º e 28º.*

**Presidente:** *Então vamos votar as propostas de alteração apresentadas pelo PS para os artigos 25º-A, 25º-B e elimina os artigos 27º e 29º, ou seja, o conteúdo dos artigos 27º e 29º passa a ser o conteúdo dos artigos 25º-A e 25-B para efeitos sistemáticos do diploma.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.*

**Deputado Paulo Valadão** (PCP): *Sr. Presidente, eu agradecia que a votação fosse feita em separado.*

**Presidente:** *Com certeza, Sr. Deputado.*

*Vamos passar à votação da proposta de alteração do artigo 25º-A.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O artigo 25º-A foi aprovado com 29 votos a favor do PS, 14 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do PP e registou 2 votos de abstenção do PCP.

**Presidente:** *Passamos ao artigo 25º-B.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O artigo 25º-B foi aprovado por unanimidade

**Presidente:** *Acabou de dar entrada na Mesa a proposta de eliminação da alínea a) do artigo 34º.*

*Passamos à votação das propostas de eliminação para os artigos 27º e 29º.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** As propostas de eliminação para os artigos 27º e 29º foram aprovadas por unanimidade

**Presidente:** *Às vezes o que é simples também se complica. Eu preferia ter feito a votação artigo a artigo.*

*Passamos à votação dos artigos do diploma que não foram objecto de alteração.*

*Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.*

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** *Sr. Presidente, eu solicitava que o artigo 34º fosse votado em separado.*

**Presidente:** *Com certeza. Eu também agradecia que da próxima vez não fizessem sugestões destas, porque está muito complicado.*

*Vamos passar à votação dos artigos que não sofreram alteração, excluindo os artigos 32º e 34º.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Os artigos postos à votação foram aprovados por unanimidade

**Presidente:** *Passamos ao artigo 32º.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que votam contra, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O artigo 32º-A foi aprovado com 29 votos a favor do PS, 14 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do PP e registou 2 votos contra do PCP.

**Presidente:** *Artigo 34º.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que votam contra, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O artigo 34º foi aprovado com 29 votos a favor do PS, 14 votos a favor

do PSD, 2 votos a favor do PP e registou 2 votos contra do PCP.

**Presidente:** *Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.*

**(\*) Deputado Paulo Valadão (PCP):** *Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*A votação do Grupo Parlamentar do PCP em relação aos artigos 32º e 34º, tem a ver com a discussão que aqui fizemos, manifestando a nossa posição contra a revogação do Decreto Regulamentar Regional 7/2000/A, ou seja, contra a extinção do Gabinete de Zona Classificada.*

**Presidente:** *Passamos à votação final global.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** Em votação final global, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada com 29 votos a favor do PS, 14 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do PP e registou 2 votos de abstenção do PCP.

**Presidente:** *O diploma baixa à Comissão para redacção final.*

*Recomendo que tenham em conta umas notas que constam da Comissão de Assuntos Sociais e que tenham muito cuidado com as propostas de alteração que foram introduzidas, porque como verificaram houve aqui alguma complexidade e é importante que tenhamos o maior respeito por aquilo que aqui foi votado.*

*Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Bento Barcelos.*

**Deputado Bento Barcelos (PSD):** *Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*Uma breve declaração de voto para afirmar que, com lato sentido de responsabilidade, o Grupo Parlamentar do PSD aprovou este diploma para o qual teve sempre uma atitude construtiva.*

*No passado, quando estive no poder, pôde levar a Cidade de Angra e o seu centro histórico a ter o estatuto e a dignidade de monumento regional. Pôde também ser o*

*elemento de força para propor à UNESCO a sua classificação como património mundial, hoje reconhecida pela lei do património cultural, como monumento nacional.*

*Actualmente, na oposição, validando Angra do Heroísmo, os angrenses e o seu património cultural, toma esta posição política, pensando que no futuro poderá assumir as responsabilidades de governar, dando assim um novo contributo à Cidade Angra do Heroísmo – património regional, património nacional, património mundial – contribuindo para o desenvolvimento global da Ilha Terceira e da Região Autónoma dos Açores que servimos.*

**Deputado Joaquim Machado** (PSD): Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Decq Mota.

**(\*) Deputado José Decq Mota** (PCP): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Secretários Regionais:

*Uma breve declaração de voto em nome do Grupo Parlamentar do PCP.*

*Foi de forma construtiva e contributiva que o Grupo Parlamentar do PCP se empenhou, através do Deputado Paulo Valadão, no tratamento deste processo.*

*Contudo, abstivemo-nos na votação na generalidade, na votação final global, em alguns artigos e votámos contra dois.*

*Votámos contra dois artigos, porque pensamos que a decisão política de extinguir o Gabinete da Zona Classificada não teve um tratamento político transparente.*

*O Governo Regional vai substituir o Gabinete da Zona Classificada por uma outra estrutura da orgânica da Secretaria da Educação e Cultura, usando exactamente o único poder legislativo que o Governo Regional tem, que é o poder legislativo de estabelecer a orgânica, retirando ao debate político a solução concreta que irá ser adoptada. Com isto, discordamos.*

*O Gabinete da Zona Classificada, ao longo dos anos, embora com competências e orgânicas diferenciadas, teve um papel importante neste processo que é exemplar e*

*que é motivo de orgulho dos açorianos. Eu não sou da Terceira, mas sinto orgulho de estar naquela cidade.*

*Não estamos fixados no gabinete, mas a solução que vem a seguir não é conhecida desta Assembleia, por isso não demos o nosso apoio completo a esta lei.*

*Muito obrigado.*

**Presidente:** *Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Barros.*

**(\*) Deputado Francisco Barros (PS):** *Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

*Duas notas muito breves relativamente ao sentido de voto do Grupo Parlamentar do Partido Socialista.*

*O Grupo Parlamentar do Partido Socialista deu o seu voto favorável à aprovação deste diploma, porque entende que ele é mais um contributo para a construção constante de Angra do Heroísmo como cidade património, para o seu desenvolvimento, para o seu bem-estar, para o seu espírito.*

*Fá-lo pela importância do documento em si, por aquilo que ele significa para Angra e porque o Grupo Parlamentar do Partido Socialista não aprova nesta casa diplomas pelo simples facto de ser maioria ou de ser oposição.*

*Muito obrigado.*

**Deputado Osório Silva (PS):** *Muito bem!*

**Presidente:** *Srs. Deputados, vamos fazer uma pausa de 15 minutos.*

*(Eram 17 horas e 20 minutos)*

**Presidente:** *Srs. Deputados, vamos retomar os nossos trabalhos.*

*(Eram 17 horas e 45 minutos)*

*Para o próximo ponto da nossa agenda, a **Proposta de Decreto Legislativo Regional que “Reclassifica a Reserva Natural Regional do Ilhéu de Vila Franca do Campo”**, foi apresentado um requerimento para baixar à Comissão.*

*Passamos à votação do requerimento.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O requerimento posto à votação foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos ao **Pedido de Urgência e Dispensa de Exame em Comissão da Proposta de Resolução que “Resolve encarregar o Governo Regional dos Açores que diligencie junto do PS com vista à retirada imediata dos cartazes espalhados pela Região que sejam alusivos à quadra do Natal”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do Partido Popular.

Está aberto o debate.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**(\*) Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

O motivo da urgência deste diploma é óbvio.

É urgente, porque quer o nosso ambiente, quer a nossa paisagem, devem ser preservados e sempre que são atingidos devem ser acautelados o mais rápido possível.

É urgente, porque o desenvolvimento de todo o esforço que façamos para isso, deve ter presente o bom acolhimento que devemos dar àqueles que nos visitam.

Cada dia que passa é mais um dia em que mais gente visita a nossa terra.

Sempre que existam placares que possam chocar com esse mesmo ambiente, pelo seu despropósito ou pela sua extemporaneidade;

Sempre que esteja em causa esse mesmo combate;

Atendendo a que os cartazes a que nos referimos sobrecarregaram as estradas da Região com frases alusivas à época do Natal;

Atendendo a que o Natal já vai longe e cada dia que passa ficamos mais longe do Natal;

**Deputado Hernâni Jorge (PS):** Mais próximos!

**O Orador:** Mais próximos de Outubro, mas mais longe do Natal.

É tão urgente, tão urgente, que o Sr. Presidente do Governo e do Partido Socialista já deu ordens para serem retirados.

É tão urgente, tão urgente, que, perante esta Proposta de Resolução de 10 de Fevereiro, foram dadas instruções no sentido de serem retirados.

Os resultados desta Proposta de Resolução estão à vista.

**Deputado Francisco Barros (PS):** Presunção e água benta...

**O Orador:** Bem bom que assim foi, porque, de facto, quem nos visita ficaria com a mesma imagem que nós temos daquela dona de casa que na altura do Carnaval ainda tem os efeitos do Natal à janela.

Foi com esse propósito da boa imagem da nossa terra que o fizemos. Bem bom que retiraram.

**Deputado Francisco Barros (PS):** “Abençoados os pobres em espírito, porque é deles o reino dos céus!”

**O Orador:** Portanto, Sr. Presidente, mediante isso, retiramos também o pedido de urgência e a Proposta de Resolução.

**Presidente:** Srs. Deputados, passamos à votação do requerimento, apresentado pelo Partido Popular à Mesa, que retira o pedido de urgência e a Proposta de Resolução em debate.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O requerimento posto à votação foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos ao ponto seguinte: **Pedido de Urgência e Dispensa de Exame em Comissão da Proposta de Resolução que “Recomenda ao Governo Regional um conjunto de medidas a serem implementadas relativamente à via rápida Angra/Praia”**, apresentado também pelo Grupo Parlamentar do CDS/PP.

Está aberto o debate.

Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

(\*) **Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Como todos têm conhecimento, esta Proposta de Resolução baseia-se numa iniciativa que visa a resolução de problemas que são do conhecimento geral, cujas soluções estão desde há muito previstas nos documentos adequados, o que na nossa

perspectiva permite a sua apreciação política em plenário, sem a prévia necessidade da análise em Comissão.

De resto, é um dos temas que tem ocupado a imprensa regional. Na ilha onde se situa a respectiva via que é objecto dessa resolução é tema recorrente e predominante de há muito tempo, mas nomeadamente nas últimas semanas.

Por esse conjunto de razões, o CDS/PP propôs e requereu que a matéria tivesse tratamento urgente e que fosse dispensada a sua análise em Comissão.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

(\*) **Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Gostava de dizer que o Grupo Parlamentar do PCP é perfeitamente sensível a esta matéria. Entende que é uma iniciativa politicamente oportuna e importante.

Contudo, temos um critério diferente de avaliação face às palavras que o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro acabou de dizer, quanto à metodologia da sua discussão.

Nós pensamos que uma matéria, com o grau de concreto que esta tem, só ganha a ir a uma Comissão da Assembleia, em fazer-se uma audição ao Sr. Presidente do Governo e, em sede de Comissão, poderem dar o contributo para que este problema tenha um desfecho.

Depois disso, a resolução virá a esta Assembleia e será um indicador para aquilo que é necessário fazer.

É o entendimento que temos deste tipo de resolução que, aliás, está bem exposta, bem fundamentada e com sugestões que têm sido discutidas na imprensa e na sociedade.

De qualquer forma é um momento excelente para que o assunto possa ser aprofundado.

Por essa razão nós estamos de acordo com a urgência, Sr. Presidente, o que não diminui em nada o valor que damos à iniciativa.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Andreia Cardoso.

(\*) **Deputada Andreia Cardoso (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Apenas para registar a nossa opinião relativamente a este pedido de urgência e



dispensa de exame em Comissão.

Em nosso entender e como já foi adiantado pelo Deputado Decq Mota, esta é uma matéria de grande interesse que merece uma apreciação aprofundada. Ela elenca um conjunto de soluções que podem ou não ser válidas para a resolução do problema em causa que tem a ver com a segurança rodoviária daquela via tão importante para a Ilha Terceira.

É um assunto que merece uma análise aprofundada, a audição dos responsáveis da tutela, nomeadamente da Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos, para que ouçamos quais os trabalhos que estão a ser feitos, o que é que se pretende fazer e como se pretende resolver a situação daquela via que, de facto, é grave.

Penso que todos temos a ganhar, sobretudo a Ilha Terceira, com a análise em Comissão e com a audição do Secretário que tem a seu cargo esta matéria.

Muito obrigada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Clélio Meneses.

(\*) **Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Como já foi aqui referido, esta matéria é oportuna, porque é uma preocupação diária das populações que utilizam aquela via, e é urgente, porque o tempo vai passando e o problema vai durando, se é que não vai mesmo aumentando.

Sobre esta questão deve dizer-se que o Governo já teve tempo mais do que suficiente para intervir nesta estrada. Teve pelo menos 8 anos para proceder às obras de reabilitação, à intervenção profunda e à iluminação que também chegou a anunciar. Portanto, teve tempo mais que suficiente para intervir.

Também teve tempo, mais que suficiente para anunciar essas obras. Como dizia foram sucessivas as vezes que o Sr. Secretário Regional se dirigiu à Ilha Terceira e anunciava, por exemplo, a 23/04/2001, medidas no que respeita à iluminação e resguardo da via rápida.

Em 30/11/2001, voltava a anunciar que iria fazer obras importantes nesta área, previstas para o próximo ano, e deu a garantia de que o dinheiro para essas obras já existia.

Teve tempo para intervir. Teve tempo para sucessivamente anunciar e reanunciar essas obras. Teve até tempo para ter a ideia de fazer uma intervenção profunda nesta

via.

**Deputado Osório Silva (PS):** O Sr. Deputado não circula naquela estrada!

**O Orador:** O que é certo é que foi preciso o Presidente do PSD/Açores ir à Ilha Terceira, faz amanhã 15 dias, anunciar uma reformulação profunda na via rápida que estabelecesse a segurança e as condições de circulação adequadas a uma tão importante via, para que logo a seguir um dirigente local do Partido Socialista anunciasse que já estava adjudicado o estudo a uma empresa internacional. Logo a seguir, o Secretário Regional, à pressa, enviou mais um documento a dizer que já tinha solicitado a um gabinete especialista.

Resta perguntar – e o Sr. Secretário não está aqui, infelizmente – qual é esse gabinete especialista internacional?

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Sr. Deputado, neste momento estamos a debater a urgência do diploma!

**Deputado Hernâni Jorge (PS):** E a urgência, Sr. Deputado?

**O Orador:** Se me permite, Sr. Presidente, gostaria de concluir o meu raciocínio.

Também gostaríamos de saber quando é que foi entregue e anunciado.

Este é um problema vivo.

Como já disse, houve tempo suficiente para intervir, para anunciar e para a ideia que nunca tiveram e até houve dinheiro para intervir. Basta dizer que em 2002 e 2003, estavam previstos 350 mil contos no Plano a Médio a Prazo.

Será que Sra. Deputada sabe que esses 350 mil contos passaram a 200 mil contos?

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Não. Estava à espera que me dissesse!

**O Orador:** Desses 350 mil contos, até ao final de 2002 foram gastos apenas 10.365, o que representa muito menos de 10% da obra.

Chegámos a um ponto em que é urgente intervir.

**Deputado Osório Silva (PS):** O senhor vá ao Jornal Oficial!

*(Apartes inaudíveis dos Deputados da bancada do PS)*

**O Orador:** Srs. Deputados, este assunto é muito sério para estarem com risadas, com a leviandade que normalmente costumam usar.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Exactamente, leviandade!

**O Orador:** É a leviandade de quem se ri de coisas sérias.

O que está aqui em causa é a urgência e esta proposta do Partido Popular...

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Finalmente, chegámos à urgência!

**O Orador:** ...que está a ser debatida não implica esses estudos.

**Presidente:** Sr. Deputado, circunscreva-se por favor à questão central da urgência.

**O Orador:** É isso que estou a fundamentar, Sr. Presidente.

Percebo que a verdade é a coisa que mais incomoda o Partido Socialista e o seu Grupo Parlamentar.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Cada vez que se diz a verdade nesta casa, há um reboliço enorme. Os 30 Deputados que compõem o Grupo Parlamentar do Partido Socialista levantam-se logo, sem vigor, a contestar tudo o que é apresentado com rigor.

Para concluir, devo dizer que esta proposta do Partido Popular vem no sentido de haver uma intervenção urgente e imediata, que já foi prevista e houve dinheiro para isso, sem prejuízo da intervenção de fundo, essa sim, que merece um estudo.

O último ponto da proposta do Partido Popular vai exactamente no sentido de não prejudicar uma intervenção de fundo.

Por isso, o que é urgente é discutir uma intervenção que garanta de imediato, para já, a segurança daquela via.

Nós estamos preocupados com isso. O Partido Socialista não está.

Os terceirenses avaliarão.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**Deputado Osório Silva (PS):** Deixe-se de demagogia, Sr. Deputado!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Srs. Deputados, mais uma vez temos um problema de interpretação para resolver, para o qual peço a vossa ajuda.

O Sr. Deputado Alvarino Pinheiro pediu a palavra.

Estamos a debater um processo de urgência.

O nº 2 do nosso Regimento diz que “tem direito de intervir por um período não superior a 10 minutos apenas um dos requerentes e um representante de cada grupo ou representação parlamentar”.

Aparentemente parece que é só um requerente, mas depois diz que é um representante de cada grupo parlamentar.

Na minha opinião, o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro tem o direito de intervir como representante do Grupo Parlamentar.

Esta interpretação é duvidosa e levarei isto à Conferência de Líderes para melhor esclarecimento, mas neste momento dou-lhe a palavra.

**(\*) Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

O Grupo Parlamentar do CDS/PP agradece a interpretação que V. Exa. fez do Regimento.

Gostaria apenas de referir que o CDS/PP compreende e aceita os motivos fundamentados e politicamente sérios que possam ser aduzidos no sentido de não se passar de imediato à apreciação desta Resolução. Aliás, os argumentos utilizados pelo Deputado José Decq Mota, em nome do Grupo Parlamentar do PCP, foram cuidadosamente expressos para que não suscitasse qualquer dúvida da sua intenção relativamente ao sentido de voto que aqui manifestou.

Mas no seguimento da fundamentada e esclarecedora intervenção do Deputado Clélio Meneses, gostaria de referir que quem acompanha todas as graves questões que têm envolvido a inoperância governamental relativamente à intervenção na via rápida Angra/Praia, tem perfeita consciência de que há aqui necessidade de actuação urgente sobre essas matérias, nomeadamente as recomendações que são apresentadas em pormenor pelo CDS/Partido Popular.

É nossa preocupação que não se percam mais semanas, porque infelizmente, como todos sabemos em geral e alguns em particular acompanham mais de perto, as tragédias que têm ocorrido naquela via rodoviária têm sido dramáticas e atingem proporções que em termos relativos são alarmantes.

Foi nesse sentido e com essa preocupação que o CDS/PP tomou esta iniciativa política, tendo em conta o levantamento que tem sido feito pelas diversas forças políticas, pela comunicação social, pelas autoridades policiais e pelas próprias

entidades representativas da lavoura terceirense. Basta atentar nas primeiras páginas dos diários daquela ilha e ver que há uma preocupação abrangente e transversal à sociedade terceirense.

A urgência nesta situação é um ponto primordial nessa abordagem.

Previendo que a decisão da Assembleia será influenciada pelo voto da maioria, deixamos aqui a nossa expectativa de que não seja utilizado como elemento dilatório, que não seja mais um pretexto para o Governo não ser chamado às suas responsabilidades.

Como foi muito bem dito pelo Deputado Clélio Meneses, se o Governo já não fez foi porque não quis.

Era importante que politicamente o Parlamento dissesse ao Governo que ele tem que fazer, porque são compromissos assumidos que não envolvem nenhum estudo internacional e que o Governo, politicamente, tem que ser responsável pelo estado calamitoso em que deixou aquela ilha.

Muito obrigado.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Andreia Cardoso.

(\*) **Deputada Andreia Cardoso (PS):** Sr. Presidente, começo por esclarecer uma questão colocada há pouco pelo Sr. Presidente e que tem a ver com a forma de debate deste pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão.

Em nosso entender, cada um dos interventores e um único interventor por cada partido tem 10 minutos e poderá intervir quantas vezes entender até esgotar o seu tempo.

É esta a nossa interpretação do Regimento, uma vez que em situações diversas, como por exemplo a declaração política, é expressamente dito que só poderá intervir por uma vez.

Aqui como não é dito, entendemos que poderá intervir mais do que uma vez.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Eu agradeço essa intervenção. Esse entendimento só assessoria a Mesa.

Portanto, fica assento que o limite é os 10 minutos e pode haver várias intervenções por grupo parlamentar até esgotar o seu tempo.

Sendo assim, tem a palavra a Sra. Deputada Andreia Cardoso.

(\*) **Deputada Andreia Cardoso (PS)**: Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Deputado Clélio Meneses, Sr. Deputado Alvarino Pinheiro:

Porque este é um assunto que merece toda a serenidade na sua discussão, entendemos que esta é uma matéria que deve baixar à Comissão.

Como ouvimos pelas palavras do Sr. Deputado Clélio Meneses, não houve qualquer serenidade na sua primeira intervenção...

**Deputado Clélio Meneses (PSD)**: Por parte da sua bancada!

**A Oradora**: ... e este assunto merece toda a serenidade na sua análise e toda a serenidade na busca de soluções.

Porque o Grupo Parlamentar do Partido Popular apresenta aqui um conjunto de soluções que no seu entender são boas para a resolução deste problema, e não querendo pôr em causa a bondade das suas intenções, penso que este é um assunto que merece uma apreciação dos técnicos, das pessoas com responsabilidade nesta área, das pessoas que entendam exactamente o problema da segurança rodoviária.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD)**: É competência do Governo. O Governo é que tem que fazer os estudos técnicos!

**A Oradora**: Todos nós percebemos um bocadinho de tudo, mas de nada especificamente.

Penso que este é um assunto que merece baixar à Comissão.

Relativamente às apreciações que foram feitas pelo Sr. Deputado Clélio Meneses e que nada têm a ver com o pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão, queria lembrá-lo que, no fundo, utilizou um bocadinho de demagogia e tentou fazer ligação à coligação. É evidente que está a cumprir a sua missão, mas não é esse o assunto que está em debate.

Para bem da serenidade, em busca de soluções credíveis e dignas do povo da Ilha Terceira, penso que este assunto merece baixar à Comissão para ser debatido pelas entidades competentes na matéria.

Portanto, o nosso voto é contra a urgência e dispensa de exame em Comissão desta matéria.

**Presidente**: Tem a palavra o Sr. Deputado Clélio Meneses.

(\* **Deputado Clélio Meneses (PSD)**: Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo:

Com a serenidade que coloquei na primeira intervenção, mas que não foi respondida por parte da bancada do Partido Socialista, devo dizer que a intervenção da Sra. Deputada Andreia Cardoso foi mais um ataque pessoal, do que propriamente o esclarecimento da matéria em causa.

**Deputada Andreia Cardoso (PS)**: Que mania da perseguição, Sr. Deputado!

**O Orador**: A senhora é que disse que eu estava a usar de demagogia.

**Deputada Andreia Cardoso (PS)**: E eu não posso adjectivar da forma como entender?

**O Orador**: Os terceirenses já esperam há muito tempo uma intervenção nesta matéria.

Lembro-lhe, Sra. Deputada, o próprio manifesto eleitoral do Partido Socialista...

**Deputada Andreia Cardoso (PS)**: Não é preciso lembrar. Eu sei o que é que ele diz:

“Compatibilizar a circulação de animais na via rápida.”

Eu sei de cor! É natural, ele é nosso e eu fiz parte da sua elaboração!

**O Orador**: Mas diz mais:

O manifesto eleitoral do Partido Socialista, em 2000, prometia “proceder à reabilitação da via rápida, criando condições de segurança e de eficácia que compatibilizem a circulação de gado com os veículos automóveis”.

Dizem que já foi tudo feito. Não é isso que os terceirenses pensam.

Numa declaração de voto do Partido Socialista, na Assembleia Municipal de Angra, em 2002, é dito:

“Reparação da via rápida...”

**Presidente**: Sr. Deputado, ainda não estamos a discutir o conteúdo do diploma.

Neste momento estamos a debater se vai haver ou não dispensa de exame em Comissão.

Peço-lhe encarecidamente que se remeta à urgência.

**O Orador**: Com certeza, Sr. Presidente, mas até agora foram feitas referências pessoais sobre tudo e mais alguma coisa e nada foi dito.

Eu estou a fundamentar por que é que entendo que é urgente.

Os angrenses já esperaram muito e muito tempo, por muitas e muitas promessas.

Como estava a dizer, esse documento que mencionei há pouco dizia:

“Reparação da via rápida.

Já se iniciaram as obras de conservação dessa via prevendo-se a sua continuação até à intervenção definitiva durante a corrente legislatura.”

O primeiro subscritor deste documento é a Sra. Deputada Andreia Cardoso.

Esperámos todo este tempo.

Da nossa parte entendemos que é urgente discutir esta matéria.

Qual é o mal desta Assembleia recomendar ao Governo que intervenha com urgência sobre a segurança da via rápida que liga Angra do Heroísmo à Praia da Vitória?

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Não há mal nenhum!

**Deputado Hernâni Jorge (PS):** E qual é o mal desta Assembleia discutir esta matéria em profundidade? Nenhum!

**O Orador:** Da nossa parte pode ser discutido já.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Da nossa não!

**O Orador:** Da vossa querem que se espere que até que se resolva o problema.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

(\*) **Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo:

Usando esta interpretação regimental e como não gastei 10 minutos da primeira vez, dada a evolução que o debate teve, gostaria de dar mais um pequenino contributo.

Mantenho integralmente a posição assumida no início, o apreço que esta proposta do CDS/PP tem da parte desta bancada, mas registo novamente a necessidade de baixar à Comissão para que a Assembleia possa cumprir o seu papel de entidade que deve recomendar quando é preciso recomendar.

Não criemos hoje condições, artificialmente, que dificultem depois uma boa discussão desta matéria em Comissão.

Quando se procura usar o debate de urgência para discutir a matéria, Sr. Deputado Clélio Meneses, e para citar o que os partidos pensam sobre ela, está-se a criar, à



partida, um ambiente desfavorável a uma discussão bastante equidistante desta matéria.

Este é um problema concreto, sério, que tem provocado vítimas e que tem que ser muito bem resolvido.

Sabe-se que o Governo está a trabalhar nele.

Não vem mal nenhum ao mundo, pelo contrário, que a Assembleia se envolva recomendando, ouvindo pessoas e fazendo o relatório que possa ser uma ajuda para o trabalho que o Governo está a fazer. É esta a expectativa que nós temos.

Portanto, Sr. Presidente, salvo melhor opinião, acho que é a altura de passarmos à frente, porque a urgência está exaustivamente debatida.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** E vamos efectivamente passar à frente, porque não há mais inscrições.

Os Srs. Deputados que concordam com este pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que votam contra, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão foi rejeitado com 29 votos contra do PS, 2 votos contra do PCP, 15 votos a favor do PS e 2 votos a favor do PP.

**Presidente:** Passamos à **Proposta de Resolução – “Protocolo de colaboração celebrado entre a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e a Assembleia Legislativa Regional dos Açores**, subscrita por todos os grupos parlamentares.

Está aberto o debate.

*(Pausa)*

Não havendo intervenções, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** *Passamos à votação do relatório da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalhos, relativo ao Pedido de Autorização à Assembleia para o Sr. Deputado Regional José Manuel Bolieiro Dias prestar depoimento, na qualidade de testemunha.*

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O relatório foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Temos ainda mais uma **Proposta de Resolução** que diz:

**“A Mesa da Assembleia Legislativa Regional dos Açores propõe que a Assembleia declare findo o período legislativo de Fevereiro.”**

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Srs. Deputados, terminaram os nossos trabalhos.

Obrigado. Boa viagem de regresso.

*(Eram 18 horas e 20 minutos)*

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**Fernando Rosa Rodrigues Lopes**

**Manuel Herberto Santos da Rosa**

**Hernâni Hélio Jorge**

**Lizuarte Manuel Machado**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Clélio Ribeiro Parreira Toste Meneses**

**Victor do Couto Cruz**

**Partido Popular (PP)**

**Alvarino Manuel Meneses Pinheiro**

*Deputados que faltaram à sessão:*

***Partido socialista (PS)***

**Maria Fernanda da Silva Mendes**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Humberto Trindade Borges de Melo**

**José Francisco Salvador Fernandes**

*(\*) Texto não revisto pelo orador.*

---

## **DOCUMENTOS ENTRADOS**

### **Proposta de Resolução**

#### **Protocolo de colaboração entre a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e a Assembleia Legislativa Regional dos Açores**

No dia 30 de Janeiro de 2004, foi assinado pelo Presidente da Assembleia Legislativa Regional dos Açores e pelo Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, um protocolo de cooperação tendo como objectivo o intercâmbio cultural bem como a valorização, a divulgação e a defesa da cultura Açoriana no Estado do Rio Grande do Sul.

Considerando o povoamento açoriano daquele Estado do Brasil que remonta ao ano de 1752;

Considerando os laços históricos de amizade entre os povos da Região Autónoma dos Açores e do Estado do Rio Grande do Sul;

Considerando que a cooperação e o intercâmbio cultural e institucional contribuem para a preservação das tradições, dos costumes e da história, comuns aos dois povos;

Considerando que a Assembleia Legislativa Regional dos Açores tem competência para estabelecer cooperação com outras entidades regionais estrangeiras;

Considerando que a intensificação das relações culturais entre a Região Autónoma dos Açores e o Estado do Rio Grande do Sul, constitui um importante factor de desenvolvimento sócio - cultural de ambas as sociedades.

A Assembleia Legislativa Regional dos Açores, reunida em Plenário, no dia 12 de Fevereiro de 2004, resolve dar publicidade ao “Protocolo de Colaboração entre a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e a Assembleia Legislativa Regional dos Açores”, outorgado no dia 30 de Janeiro de 2004, pelos respectivos presidentes das Assembleias Legislativas, anexando-o à presente Resolução, para efeitos da sua publicação no Diário da República e no Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores.

Horta, 10 de Fevereiro de 2004.

**Os Deputados,** *Francisco Sousa, José Manuel Bolieiro, Alvarino Pinheiro e José Decq Mota*

---

Período de Informação Parlamentar

1 – Resposta a Requerimentos:

Assunto: Prevenção da Indisciplina nas Escolas

Proveniência: Gabinete da Secretária Regional Adjunta da Presidência

Autores: José Manuel Bolieiro Dias e Joaquim Machado (PSD)

Data de Entrada: 04.02.10

Referência: 54.03.00 - N.º 428/VII;

**RESPOSTA AO REQUERIMENTO Nº 428/VII APRESENTADO PELOS SENHORES DEPUTADOS JOSÉ MANUEL BOLIEIRO E JOAQUIM MACHADO (PSD) – PREVENÇÃO DA INDISCIPLINA NAS ESCOLAS**

Em resposta ao Requerimento em epígrafe, cumpre-me informar V. Ex<sup>a</sup>. do seguinte: A formação do pessoal docente e não docente na Região é da responsabilidade das escolas que a adquirem junto de diversas entidades, entre as quais a Universidade dos Açores, os Centros de Formação de Associação de Escolas e as Organizações Sindicais.

Para além desta formação, as escolas por decisão dos seus conselhos executivos e ouvidos os respectivos conselhos pedagógicos decidem autonomamente oferecer aos seus docentes e não docentes outros temas de formação, tendo em conta a realidade da própria escola.

As entidades mencionadas procuram organizar os seus planos de formação com o objectivo de se complementarem e abordando temáticas diferentes que a cada momento são consideradas pertinentes.

Quanto às restantes questões colocadas, foram dadas instruções aos conselhos executivos para as implementarem nas suas escolas, situação que se está a processar. Para um melhor esclarecimento dos Senhores Deputados junto se remetem os Planos de Formação da Universidade dos Açores e das Associações de Escolas.

Com a mais elevada consideração,

**A Secretária Regional Adjunta da Presidência,** *Cláudia Alexandra Coelho Cardoso Meneses da Costa*

(Os anexos encontram-se junto ao processo, sem suporte informático)

—

**A Redactora:** *Maria da Conceição Fraga Branco*